

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

MAYARA MOTA TASHIRO

CABOQUINHAS QUE LEEM: O HÁBITO DA LEITURA COMO NARRATIVA
EMANCIPATÓRIA PARA MULHERES NA REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS

MANAUS

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

MAYARA MOTA TASHIRO

CABOQUINHAS QUE LEEM: O HÁBITO DA LEITURA COMO NARRATIVA
EMANCIPATÓRIA PARA MULHERES NA REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção de Título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Área de concentração: Processos Socioculturais na Amazônia.

Linha de Pesquisa II: Redes, Processos e Formas de Conhecimentos.

Orientadora: Profa. Dra. Marilene Corrêa da Silva Freitas

MANAUS

2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

T197c	Tashiro, Mayara Mota Caboquinhos que Leem : o hábito da leitura como narrativa emancipatória para mulheres na Região Metropolitana de Manaus /Mayara Mota Tashiro . 2024 321 f.: 31 cm. Orientador: Marilene Corrêa da Silva Freitas Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas. 1. Gênero. 2. Leitura. 3. Mulheres. 4. Manaus. 5. Clube de leitura. I. Freitas, Marilene Corrêa da Silva. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título
-------	---

MAYARA MOTA TASHIRO

CABOQUINHAS QUE LEEM: O HÁBITO DA LEITURA COMO NARRATIVA
EMANCIPATÓRIA PARA MULHERES NA REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção de Título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Área de concentração: Processos Socioculturais na Amazônia.

Linha de pesquisa 2: Redes, Processos e Formas de Conhecimentos.

Dissertação aprovada em 31/10/2023.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Marilene Corrêa da Silva Freitas (Presidente)

Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM)

Professora Doutora Kátia Viana Cavalcante (Membro)

Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia
(FIC/UFAM)

Professor Doutor Joaquim Onésimo Barbosa (Membro)

Secretaria Executiva de Educação (SEDUC/PA)

Doutora Shirley Cintra Portela Sá Peixoto (Suplente)

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Doutora Paula Miranda Sousa Ramos (Suplente)

Laboratório de Ciências Sociais e Interdisciplinaridade na Amazônia (PPGSCA/UFAM)

*Dedico esta dissertação as minhas mães,
Disângela Lira Mota e Deusalea Lira Mota.
Vocês precisam parar de criticar outras
mulheres por elas não se doarem e priorizarem
tanto os filhos quanto vocês. Vocês não são a
regra, mas a exceção.*

*P.S.: parem de criticar mulheres no geral. Não
já ensinei sororidade para vocês?!*

AGRADECIMENTOS

Início esta página de agradecimentos falando da minha irmã, Tanaka Tashiro. Tanaka exigiu que ela fosse a única citada aqui, mas eu tenho muitos a agradecer por ter finalmente finalizado esta pesquisa. Sendo assim, irei citá-la primeiro e evitar o bico que ela faz desde que nasceu quando não faço/permito/não presto atenção nas coisas que ela pede/fala. Muito obrigada, Ná, por ser incrível, me doar seu tempo e transcrever mais de 200 páginas de dados. Você foi uma assistente de pesquisa maravilhosa *polegar para cima*.

Prosseguindo, em segundo lugar e não menos importante, agradeço imensamente à mente maligna e brilhante do Prof. Me. Felipe Vlaxio (e em breve doutor). Meu colega de francês, colega de turma e colega de neurônios. É estranho como funcionamos em sintonia. Obrigada por estar comigo, auxiliando nesta pesquisa desde antes de ser uma mera ideia até o texto final. Pare de se irritar com a geração Z e compre uma casa, de preferência, ao lado da minha.

Agora, vale a pena incluir logo em seguida — pela divisão de sala — um agradecimento fervoroso à Profa. Dra. Katia Viana Cavalcante. Obrigada pelo seu apoio e espírito único de líder de torcida dessa universitária da pós-graduação que vos fala. E, seguindo nessa linha, agradeço aos meus colegas de bar acadêmicos: Vlaxio (supracitado), Kátia (supracitada), Dani, Taynah e André/Oliver— que mesmo longe me manda memes de pós-graduação.

Seguindo a linha acadêmica, mas partido do caos para a luz, agradeço minha venerável e icônica orientadora Profa. Dra. Marilene Corrêa da Silva Freitas. Uma conversa com ela equivale a um mês de paz mental. Muito obrigada por captar o cerne do meu trabalho e ter agregado a ele um conteúdo que só vem com a experiência de décadas de magistério. E, claro, por me direcionar tão bem às possibilidades desta pesquisa.

Ademais, agradeço novamente as minhas mães. Obrigada por serem meu porto-seguro, minha rede de apoio e minha tela de proteção infantil para janelas. Amo vocês lá do fundo do meu coração, superando qualquer mau-humor que me reste das peripécias de vocês. E, também, muito obrigada por serem minhas cúmplices no sequestro (resgate) da Pérola, meu poodle de apoio emocional, que exige frutas importadas.

Por último e muito importante, sou extremamente grata ao *Caboquinhas que Leem*. A maior evidência dos impactos do hábito da leitura a partir das sociabilidades fomentadas pelo clube do livro *Caboquinhas que Leem*, objetivo deste projeto, é o próprio projeto. Se eu não tivesse sido convidada para um encontro no auditório da UEA, não tivesse sido tão bem acolhida, não tivesse firmado laços de amizade tão duradouros e sido instigada a ler romances nacionais contemporâneos por mulheres apaixonadas por literatura, esta pesquisa não existiria. Tenho muito orgulho de dizer que sou uma caboquinha e que faço parte de um grupo único, singular, fenomenal, brilhante, acolhedor... uma família, uma irmandade.

RESUMO

A partir das interações sociais desenvolvidas no âmbito das ações do clube do livro *Caboquinhas que Leem*, um clube de leitura exclusivo para mulheres sediado na cidade de Manaus e formado organicamente através das mídias sociais, de indicação por conhecidas ou contato em encontros literários, esta pesquisa debruça-se em analisar os impactos do hábito da leitura na vida de mulheres amazonenses a partir de sua sociabilidade no clube do livro *Caboquinhas que Leem*. Para tal, optou-se por uma metodologia que englobasse o teor da investigação com vistas à abordagem dos hábitos de leitura nas dinâmicas sociais de um grupo de mulheres, que por sua vez desenvolvem sociabilidades a partir de um clube do livro. Sendo assim, esta pesquisa se caracteriza como exploratória, usando-se do método fenomenológico e abordagem qualitativa para obtenção de seus resultados. Por sua vez, a coleta de dados se deu em três etapas: a primeira etapa se refere a caracterização da população estudada através da aplicação online de questionário, sendo o objeto da pesquisa integrado por 55 participantes ativas, das quais 47 responderam ao questionário e 40 participaram do clube dentro da temporalidade proposta de 2019 a 2020; a segunda etapa, no que lhe diz respeito, intuiu-se de selecionar uma amostra da população que tivesse participado de leituras específicas para participar da última etapa da coleta de dados; e, na última etapa, foram realizadas virtualmente entrevistas coletivas com grupos de 3 participantes, totalizando 9 sujeitos da pesquisa, com o objetivo de reconstituir três leituras e encontros do clube do livro *Caboquinhas que Leem*. Em seguida, os dados foram tratados, categorizados e analisados utilizando-se da técnica de análise do discurso. Por fim, o resultado obtido corresponde a hipótese inicial — e até mesmo a extrapola — ao propor que a sociabilidade proporcionada pelo clube do livro *Caboquinhas que Leem* garante às mulheres participantes uma identidade social específica, constituindo uma rede de apoio enquanto coletivo feminista, e permitindo a emancipação cultural por meio do hábito da leitura.

Palavras-chave: gênero; leitura; mulheres; Manaus; clube de leitura.

ABSTRACT

Based on the social interactions developed within the scope of the actions of the *Caboquinas que Leem* book club, an exclusive reading club for women based in the city of Manaus and formed organically through social media, referral by acquaintances or contact at literary meetings, this research focuses on analyzing the impacts of the habit of reading on the lives of Amazonian women based on their sociability in the *Caboquinas que Leem* book club. To this end, we opted for a methodology that encompasses the content of the investigation with a view to approaching reading habits in the social dynamics of a group of women, who in turn develop sociability through a book club. Therefore, this research is characterized as exploratory, using the phenomenological method and qualitative approach to obtain its results. In turn, data collection took place in three stages: the first stage refers to the characterization of the population studied through the online application of a questionnaire, with the object of the research being made up of 55 active participants, of which 47 responded to the questionnaire and 40 participated in the club within the proposed period of 2019 to 2020; the second stage, as far as it is concerned, was intended to select a sample of the population that had participated in specific readings to participate in the last stage of data collection; and, in the last stage, collective interviews were held virtually with groups of 3 participants, totaling 9 research subjects, with the aim of reconstituting three readings and meetings of the *Caboquinas que Leem* book club. Then, the data was processed, categorized and analyzed using the discourse analysis technique. Finally, the result obtained corresponds to the initial hypothesis — and even goes beyond it — by proposing that the sociability provided by the *Caboquinas que Leem* book club guarantees participating women a specific social identity, constituting a support network as a feminist collective, and allowing cultural emancipation through the habit of reading.

Keywords: gender; reading; women; Manaus; reading club.

SUMÁRIO

<u>1</u>	<u>INTRODUÇÃO</u>	<u>10</u>
<u>2</u>	<u>O FEMININO E A MULHER MANAUARA.....</u>	<u>17</u>
<u>2.1</u>	<u>O ser mulher</u>	<u>19</u>
<u>2.2</u>	<u>O ser mulher na Amazônia.....</u>	<u>27</u>
<u>2.2.1</u>	<u>As primeiras premissas</u>	<u>28</u>
<u>2.2.2</u>	<u>A mestiça cultural.....</u>	<u>31</u>
<u>2.2.3</u>	<u>Mulher à manauara.....</u>	<u>34</u>
<u>2.3</u>	<u>Ondas de união: os coletivos do movimento feminista.....</u>	<u>37</u>
<u>3</u>	<u>MEMÓRIA, LEITURA E PERTENCIMENTO.....</u>	<u>41</u>
<u>3.1</u>	<u>Memória e pertencimento.....</u>	<u>42</u>
<u>3.2</u>	<u>O ato de ler e a leitura feminina.....</u>	<u>50</u>
<u>3.3</u>	<u>A sete chaves: clubes de leitura exclusivos para elas.....</u>	<u>55</u>
<u>4</u>	<u>AS CABOQUINHAS.....</u>	<u>58</u>
<u>4.1</u>	<u>As Caboquinhas que Leem: o grupo de mulheres e o clube de leitura.....</u>	<u>58</u>
<u>4.2</u>	<u>As leituras que as movem: o que leem as caboquinhas.....</u>	<u>66</u>
<u>4.2.1</u>	<u>A história de nós dois</u>	<u>68</u>
<u>4.2.2</u>	<u>As vantagens de ser traída.....</u>	<u>69</u>
<u>4.2.3</u>	<u>A promessa da rosa</u>	<u>71</u>
<u>4.4.4</u>	<u>Outras leituras indicadas pelas caboquinhas.....</u>	<u>73</u>
<u>4.3</u>	<u>Como as movem as leituras: o papel das histórias na realidade das caboquinhas</u>	<u>75</u>

4.4	<u>A força de um coletivo: as caboquinhas em debate.....</u>	<u>78</u>
5	<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</u>	<u>80</u>
	<u>REFERÊNCIAS</u>	<u>83</u>
	<u>APÊNDICE A — PAINEL-DIAGNÓSTICO DAS LEITURAS REALIZADAS PELO CLUBE DE LEITURA “CABOQUINHAS QUE LEEM”</u>	<u>89</u>
	<u>APÊNDICE B — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO</u>	<u>91</u>
	<u>APÊNDICE C — QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DAS INTEGRANTES DO “CABOQUINHAS QUE LEEM” APLICADO NA 1.ª ETAPA DA COLETA DE DADOS.....</u>	<u>96</u>
	<u>APÊNDICE D — ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS COLETIVAS APLICADO NA 3.ª FASE DA COLETA DE DADOS</u>	<u>100</u>
	<u>APÊNDICE E — TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS NO QUESTIONÁRIO DA 1.ª ETAPA DA COLETA DE DADOS</u>	<u>101</u>
	<u>APÊNDICE F — TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COLETIVAS</u>	<u>261</u>
	<u>APÊNDICE G — PROTOCOLO DE APROVAÇÃO DO CONSELHO DE ÉTICA EM PESQUISA.....</u>	<u>289</u>

1 INTRODUÇÃO

Em setembro de 2019, um grupo de mulheres em camisas verdes se reunia em uma livraria de Manaus. A protagonista do evento não era a autora, que excepcionalmente naquele dia se encontrava na cidade e participava do evento em vista de responder quaisquer questões que surgissem de suas leitoras, mas sim a história que foi proposta como leitura daquele mês pelo clube do livro *Caboquinhos que Leem* para as integrantes que participavam do seu projeto. Elas leram *As Vantagens de Ser Traída*, da escritora Luíza Aranha (2018), uma obra baseada na experiência da autora enquanto morava em Manaus.

As temáticas oriundas daquela leitura — como traição, casamento, empoderamento, maternidade e culpa — eram velhas conhecidas das participantes do encontro. Em meio ao debate, concordâncias e discordâncias das escolhas feitas por Madalena, a protagonista, participantes se viam na história e compartilhavam diferentes opiniões sobre os percalços que a personagem enfrentou e, para tanto, falavam de suas próprias experiências cotidianas. E, assim, inspiraram esta dissertação, intitulada *Caboquinhos que Leem: o hábito da leitura como narrativa emancipatória para mulheres na Região Metropolitana de Manaus*.

A pesquisa que aqui se apresenta, tal como outras investigações de natureza similar, tomou forma a partir de uma premissa bastante específica, isto é, a de se debruçar sobre os hábitos de leitura nas dinâmicas sociais de um grupo de mulheres que desenvolvem sociabilidades a partir de um clube do livro. Isto em parte se deve à necessidade de ampliar a compreensão dos impactos desses hábitos de leitura na vida de mulheres amazonenses a partir das interações sociais desenvolvidas no âmbito das ações do clube do livro *Caboquinhos que Leem*.

Ocorre que, ao longo da investigação, outros elementos foram inevitavelmente acrescentados à premissa inicial, tornando-se pertinente atravessar questões como gênero, identidade, memória, redes de apoio, leitura feminina — para citar apenas algumas. Os achados extraídos dessa angulação entre os temas supramencionados apontam para resultados mais abrangentes do que aqueles prospectados nas questões de pesquisa, ganhando um corpo epistemológico que permite esclarecer pontos de fuga às sociabilidades dos sujeitos da pesquisa, de modo a formar um desenho investigativo que se manifesta na hipótese de emancipação da mulher não apenas por meio do hábito, mas do gosto pela leitura.

Historicamente, o consumo de literatura iniciou como uma prática masculina, mas se convencionou, ao longo do tempo, como um hábito feminino. Tal argumento, todavia, não se coaduna com a teórica expectativa de que a própria literatura — no que diz respeito a

personagens, cenários, situações, dentre outros elementos constitutivos de uma narrativa literária — passaria a se endereçar com maior proximidade às mulheres. O que se observou e ainda se observa, pelo contrário, é que a representação da mulher nas histórias, em sua maioria contada pelos homens, recaía sobre modelos construídos a partir da perspectiva masculina para a identidade feminina.

Em vista disso, os livros — mesmo aqueles escritos para mulheres e, às vezes, *por* mulheres — se tornaram um instrumento para perpetuação de estruturas patriarcais, além de ocidentais. Para mencionar alguns exemplos, é comum encontrar na ficção setecentista e oitocentista perfis alegóricos da mulher como submissa às vontades do pai, do irmão, do marido e, por associação, da sociedade. Ou ainda mulheres recatadas, de comportamento professoral, cujas maiores preocupações descansavam no interesse pela moda, pela maternidade e pela servidão delicada, porém incansável, às figuras masculinas de seu círculo familiar. E quando as representações pareciam distanciar-se dessas estruturas, o desenho da mulher tomava caminhos opostos ao da virtude, pendendo para a libertinagem, devassidão e independência — elementos estes aplicáveis à figura da mulher que ousava masculinizar seu comportamento perante a sociedade.

Convém esclarecer, contudo, que as mulheres não compactuavam moralmente com os papéis reservados para si no contexto amplamente justificado pelo viés sexista e biológico no qual viviam. Menções ao fato podem ser verificadas nos trabalhos de Siqueira (2005), Gonçalves (2006), Bester (2016), Felgueiras (2017) e Hooks (2020). Entretanto, sem voz na política, na economia ou mesmo na vida doméstica, às mulheres estava destinada a sentença do silêncio, um regime de invisibilidade que apenas há poucas décadas começa a surtir efeito de subversão aos padrões sociais partindo das lutas feministas e adentrando as pautas de discussão acadêmica.

Embora tais marcos históricos reverberem no seio da sociedade, a necessidade de mudanças no *status quo* tem um início mais modesto, preocupando-se com questões consideradas quase irrelevantes para a compreensão masculina, como a reivindicação de poder trabalhar, do direito ao voto — ou de decidir sobre o que ler. Não se refere aqui a este ou aquele livro, mas de seu conteúdo narrativo em termos de representação da mulher. Em outras palavras, a mulher passou a demandar histórias mais próximas da realidade que queriam viver, e não da realidade à qual deviam se submeter pela manutenção dos “bons costumes”.

Nesse aspecto, o fator de mudança concebe-se por meio da leitura regular, que, na compreensão desta pesquisa, alicerça-se no hábito de ler como ingrediente ativo para a construção de uma criticidade acerca do mundo a partir das histórias consumidas em

continuidade. “A leitura engrandece a alma”, diz a máxima atribuída ao filósofo iluminista Voltaire (Sousa, 2009, p. 2267). Talvez a famosa frase esteja desgastada no imaginário popular, mas sua premissa continua afiada quando corroborada com estudos que apontam para os benefícios cognitivos, intelectuais e culturais de manter o hábito de ler.

É com base nesse argumento que a pesquisa em evidência manifesta sua principal justificativa, que pode não se expressar em caráter tão nobre quanto o de engradecer a alma, mas resguarda a possibilidade de compreender em que medida a leitura potencializa a emancipação dos leitores, com particular interesse na força propulsora que exerce nas sociabilidades do cotidiano de mulheres comuns. Além disso, assomam-se a esta possibilidade a pertinência de tocar temas passíveis de alinhamento com esta compreensão, qual seja a identidade da mulher em uma configuração regional como no caso das integrantes do clube do livro *Caboquinhas que Leem*.

Com efeito, as questões de pesquisa buscaram elucidar ao longo da investigação quais são os impactos do hábito da leitura na vida dessas mulheres amazonenses. E, em decorrência disto, também levaram ao aprofundamento a despeito da sociabilidade proporcionada pelo clube do livro de modo a catapultar o poder emancipatório na lógica cultural de suas integrantes.

Em termos de estruturação, a pesquisa foi elaborada com o objetivo principal de analisar os impactos do hábito da leitura na vida de mulheres amazonenses a partir de sua sociabilidade no clube do livro *Caboquinhas que Leem*. Este núcleo se mostrou satisfatório por abarcar as projeções de resultados, mas também por permitir levar em conta os achados perpendiculares que se apresentaram no desenvolvimento da investigação, como as conjecturas sobre memória e pertencimento.

Como desdobramento deste núcleo, trabalhou-se com dois objetivos específicos. O primeiro deles foi explorar as principais temáticas abordadas nas leituras realizadas pelo clube do livro *Caboquinhas que Leem* mediante relato das participantes. O segundo objetivo específico teve como foco delinear, portanto, o papel que a sociabilidade do clube do livro *Caboquinhas que Leem* exerce na lógica cultural de suas integrantes em vista dos temas debatidos. Ambos se interrelacionam estruturalmente para seguir o que se estipula no objetivo geral.

A proposta inicial da pesquisa surgiu com a intenção de manter um caráter exploratório em relação àquilo que compõe o desenho metodológico. Nessa perspectiva, o cunho exploratório vai ao encontro da tipificação dos objetivos como exploratórios, com a finalidade de expandir o que se sabe a respeito do fenômeno investigado, evidenciado no parâmetro de

ampliar a compreensão dos impactos do hábito da leitura na vida de mulheres amazonenses a partir de sua sociabilidade no clube do livro *Caboquinhas que Leem*.

Em outra medida, o uso da fenomenologia como método foi eficaz para direcionar a pesquisa a um caminho bastante sólido. Isto porque o uso do método fenomenológico visou à elucidação de dinâmicas na vida de indivíduos isolados de um grupo social ou em um grupo social com uma temporalidade bastante clara. A propositura do uso da fenomenologia se deu no intento de sustentar o estudo de um fenômeno, que nesse desenho metodológico se enfatizou nas sociabilidades desenvolvidas por meio das leituras realizadas nos encontros do clube.

Essa definição lançou luz sobre as possibilidades de se perscrutar o fenômeno a partir de suas raízes, isto é, suas essências, que puderam contabilizar inferências diferentes daquelas previstas para os desdobramentos da pesquisa. Isto implicou, portanto, nos próprios resultados obtidos por meio da análise de conteúdo em relação às respostas dos sujeitos de pesquisa, e sua relação íntima com o fenômeno do qual fazem parte, proporcionando respostas ainda mais esclarecedoras acerca do mesmo fenômeno.

Prosseguindo-se a estas composições do desenho metodológico, priorizou-se também uma abordagem qualitativa, tendo em vista o intuito de desvelar os aspectos das relações do fenômeno por meio da qualificação de inferências. Além disso, o viés qualitativo da pesquisa revelou bastante a respeito do próprio fenômeno, em detalhes, pois evoluiu na flexibilidade das interpretações. Essa abordagem, sobretudo, possibilitou trabalhar com amostragens menores, o que se apresentou pertinente para o universo dessa pesquisa na investigação de seus sujeitos.

Por sua vez, o universo da investigação compreendeu de modo restrito o clube do livro *Caboquinhas que Leem*, no interior do qual se priorizou como objetos de estudo as leituras e sociabilidades do grupo considerando o recorte temporal dos encontros realizados para atividades do clube, no período que engloba 2019 a 2020. Das 55 integrantes ativas do grupo, 47 responderam ao questionário da primeira etapa da coleta de dados — o modelo do questionário está presente no Apêndice C e a transcrição das repostas Apêndice E. Desse total, 40 participaram do clube do livro *Caboquinhas que Leem* na temporalidade supramencionada.

A segunda etapa da coleta de dados foi marcada por entrevistas coletivas em três grupos, que fizeram referência às leituras *A promessa da rosa* (Babi A. Sette, 2015) em dezembro de 2020, *A história de nós dois* (Nina Reis, 2017) em novembro de 2019 e *As vantagens de ser traída* (Luísa Aranha, 2018) em setembro de 2019. Nos três grupos, três participantes cada concordaram, por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) — modelo inserido no Apêndice B —, em integrar o núcleo principal dos sujeitos da pesquisa. O total de

respondentes compôs-se, portanto, de um total de nove sujeitos entrevistados a fundo por meio virtual com a utilização do instrumento elaborado para as entrevistas.

Adicionalmente, a operacionalização da pesquisa perpassou quatro etapas por meio das quais se executou os procedimentos investigativos. A primeira etapa estabeleceu um marco referencial para fundamentar conceitualmente as etapas consequentes. O foco se deu no acesso ao estado da arte transversal à investigação, com vistas a uma revisão de literatura das temáticas centrais que atravessam o estudo. Desta feita, o marco referencial serviu de alicerce teórico para entendimento sobre as temáticas, quais foram a construção social da mulher, o hábito da leitura e os clubes de leitura, sempre tendo como óticas norteadoras o feminino e o coletivo.

A segunda etapa se deu por meio da coleta e tratamento dos dados, contemplando a execução do primeiro objetivo específico. Os dados tomaram por base os relatos das participantes com relação às principais temáticas abordadas nas leituras realizadas no clube do livro. As informações coletadas inicialmente abrangeram uma caracterização das integrantes do grupo estudado, as leituras realizadas na temporalidade considerada para a pesquisa, a frequência das participantes por mês e as principais temáticas apontadas em sinopses e resenhas.

Consequente a isto, o roteiro das entrevistas foi estruturado seguindo três aspectos: (i) a importância do clube do livro *Caboquinhas que Leem*, das leituras e dos encontros nas vidas das participantes de todos os grupos; (ii) discussão de uma leitura específica realizada pelo clube do livro; e (iii) como as leituras realizadas no âmbito do clube afetam suas vidas, suas decisões e posicionamentos. O modelo do roteiro para as entrevistas coletivas se encontra no Apêndice D e a transcrição das entrevistas no Apêndice F.

A terceira etapa da operacionalização concluiu-se na exploração e análise dos dados coletados. Atendendo ao segundo objetivo específico, esta etapa delineou o papel que a sociabilidade no clube do livro *Caboquinhas que Leem* exerce na lógica cultural de suas integrantes em vista dos temas debatidos nos encontros do grupo. A análise, pautada nas estruturas propostas por Bardin (2011) para formulação de conjuntos categoriais, se encaminhou para as questões tecidas ao longo da investigação, com foco nos possíveis impactos do hábito da leitura na rotina dos sujeitos da pesquisa, na hipótese de que a sociabilidade proporcionada pelo clube de leitura exerce poder emancipatório nas dinâmicas sociais dentro do fenômeno que as participantes integram.

A quarta etapa compôs-se de uma validação inferencial, destinada a validar as inferências constituídas após a análise dos resultados da pesquisa, embasada nas configurações da investigação. Dessa forma, os indicadores dessa validação foram formalizados a partir das

respostas às questões norteadoras da pesquisa, mas também como outros quesitos de exequibilidade. O resultado se imprime no corpo teórico e empírico produzido neste estudo.

Nesta medida, o texto deste trabalho divide-se em três capítulos centrais que visam à organização dessas temáticas de maneira a estruturar a apresentação de seus resultados. A princípio, buscou-se uma exploração do estado da arte sobre leitura, sobre a mulher e sobre clubes de leitura, alinhando-se aos aspectos da regionalidade da mulher manauara, tendo como finalidade preparar terreno para a parte empírica da investigação. Esta última pautou-se, portanto, no aporte teórico organizado na abordagem das temáticas para, então, sustentar os resultados inferidos do contato com as participantes da pesquisa.

O primeiro capítulo, intitulado *O feminino e a mulher manauara*, presta-se a discutir tópicos fundantes para a compreensão própria das temáticas relativas à mulher. Com base nisso, o texto fragmenta-se nos debates sobre ser mulher em um plano global e ser mulher na Amazônia, atendendo à prerrogativa regional na silhueta desta investigação. Para tanto, esforça-se na tentativa de construir uma arqueologia da mulher manauara — nisto inclusos dados que funcionam como um mapa cronológico da mulher manauara da atualidade, considerando suas raízes, heranças e miscigenação. Também neste capítulo se endereça com cuidado aos coletivos do movimento feminista, que assumiram grande influência no revisionismo do papel da mulher na sociedade.

A relevância deste primeiro capítulo se apresenta com mais acurácia quando se identifica a necessidade de compreender a fundo as camadas no tecido que envolve ser mulher no passado e no presente, na sua construção contemporânea. Para aportar tais argumentos, o texto contempla discussões sobre gênero — norteadas principalmente pelos trabalhos de Judith Butler (2018) e Joan Scott (1995) —, dominação masculina e relações de poder — a partir de Pierre Bourdieu (2021) e Michel Foucault (1999) —, e a construção histórica e social da mulher amazônida — por meio dos estudos de pesquisadores como Iraídes Caldas Torres (2005; 2009; 2017), Ana Maria Daou (1999) e Samuel Benchimol (2021).

Por conseguinte, sob o título *Memória, leitura e pertencimento*, o segundo capítulo comporta uma extensão do primeiro, todavia, isolando as discussões para o recorte da mulher nas dimensões da memória e do pertencimento, tratando em simultâneo da mulher leitora e escritora na Amazônia, bem como dos clubes de leitura exclusivamente destinados ao consumo de literatura escrita por mulheres. Esta seção do texto se aproxima do aporte para encaminhar as entrevistas do terceiro capítulo com a compreensão do pano de fundo da relação entre literatura, mulher e regionalidade, cujo entrelaçamento se viu inevitável no desenvolvimento desta investigação.

Nesta perspectiva, concebeu-se logo de início que a memória não dispõe de um conceito estanque, engessado em características irretocáveis. Trata-se, a bem da verdade, de uma noção por vezes interdisciplinar que acessa vários campos científicos do conhecimento. Por este motivo, a discussão sobre memória termina por vincular-se ao pertencimento no debate das identidades sociais, quase sempre motivado por uma percepção coletiva de sua construção e, igualmente importante, de sua preservação. A esta parcela do texto somam-se as contribuições de Maurice Halbwachs (1990), Jacques Le Goff (1990) e Aleida Assmann (2011), que auxiliam na elucidação da memória sob o viés das Ciências Humanas.

Consequentemente, há no texto um desvelar da construção histórico-social da mulher com o ato de ler e de escrever na Amazônia, particularmente norteando-se pela imprensa no período da *Belle Époque* em espaços nos veículos de comunicação destinados para as mulheres, e notadamente seguidos pelo surgimento dos primeiros jornais exclusivamente femininos e pelo crescimento do ativismo feminino. Esta seção teve sua elaboração com o auxílio de produções acadêmicas, como dissertações e teses, das quais se pode citar pesquisadores de aporte referencial como José Benedito dos Santos (2022), Bianca Sotero de Menezes (2014), dentre outros trabalhos de pensadores comprometidos com uma cartografia da história cultural da Região Amazônica.

Ainda no segundo capítulo, delineia-se o cenário dos clubes de leitura voltados para mulheres ou com consumo de literatura exclusivamente escrita pelo público feminino. Esta última parcela do texto que compõe o capítulo configura uma aproximação das dinâmicas de sociabilidade encontradas no clube do livro *Caboquinhas que Leem*. Por esta razão, torna-se uma adição pertinente para fundamentar as inferências consolidadas na investigação dos sujeitos da pesquisa, imprescindíveis para responder de modo fenomenológico às questões levantadas no desenvolvimento deste estudo.

O terceiro e último capítulo do trabalho congrega em suas seções a parcela empírica da pesquisa, traduzida no contato propriamente dito com o coletivo de mulheres investigado. Intitulado simplesmente como *As caboquinhas*, o texto se debruça sobre quatro eixos específicos. O primeiro deles tem como finalidade contextualizar de modo descritivo o grupo de mulheres que integram o clube do livro *Caboquinhas que Leem*, caracterizando o perfil dos sujeitos da pesquisa a fim de mapear os aspectos correspondentes às questões da investigação, que também serviu como critério para definição de um recorte da amostra populacional que participou da etapa de entrevistas.

O segundo eixo lida com as leituras realizadas pelas Caboquinhas no âmbito do clube do livro de que participam. O monitoramento da literatura consumida pelas integrantes do clube

na temporalidade considerada aponta para inferências acerca do conteúdo das narrativas, possibilitando esclarecer aspectos concernentes ao tipo de história, personagens, condução de enredos e possíveis debates centrados nos livros que acoplam as interações no próprio clube entre os membros participantes, o que fomenta a compreensão acerca do elemento de sociabilidade que toca esta pesquisa.

O terceiro eixo foca na relação entre as leituras realizadas no clube do livro e a realidade das mulheres que dele fazem parte. Este eixo suscita inferências sobre o papel das histórias na vida pessoal do grupo de mulheres, a partir das quais é possível resgatar os temas trabalhados nos primeiros capítulos sobre gênero, identidade, memória, regionalidade, traçando um paralelo com a historicidade da dominação masculina, relações de poder e emancipação por meio do hábito da leitura.

O quarto eixo que finaliza o capítulo desdobra-se na hipótese de emancipação da mulher tendo a leitura como potencializadora de processos sociais que se traduzem na força de um coletivo. Aqui a questão do pertencimento dita a motricidade em torno das respostas cedidas nas entrevistas, que também dimensionam, por fim, os impactos do hábito da leitura na vida cotidiana dos sujeitos da pesquisa, remodelando a lógica cultural de mulheres comuns em um microcosmos de sociabilidades etiquetadas pela presença da literatura em suas vidas.

Esta estrutura comporta a totalidade da investigação na relação entre proposições e resultados. A pesquisa *Caboquinhas que Leem: o hábito da leitura como narrativa emancipatória para mulheres na Região Metropolitana de Manaus* parte de um fenômeno singular para um debate atual e pertinente sobre o lugar ocupado pela mulher na sociedade em paralelo ao universo da leitura. As expectativas para a relevância deste estudo compreendem as contribuições que pode fazer às questões de gênero, identidade e memória, dentro de uma angulação epistemológica com a realidade cotidiana de mulheres comuns na prática de um hábito que lhes permite entender seu espaço, refletir sobre a legitimidade de sua participação na sociedade, e aspirar futuros ousados a partir das histórias que veem retratadas nas páginas de um livro.

2 O FEMININO E A MULHER MANAUARA

Não havia silêncio na sala (muitas vezes uma garagem emprestada) entre elas. Nem o silêncio literal, nem o metafórico. Não aquele margeado pelo discurso da futilidade das vivências femininas. Ao ler a tese de Joaquim Onésimo Pereira Barbosa (2020), intitulada *Entre duas cidades: a Enciclopédia de Astrid Cabral e a Memória de Eneida de Moraes*, que visa

compreender as articulações sociais, culturais e políticas que vieram a influenciar em obras de duas — das poucas — autoras reconhecidas da Amazônia, percebeu-se como a falta do silêncio de e sobre mulheres deve ser reconhecido em contraposição ao seu silenciamento histórico em diversos (se não todos) níveis da vida social.

Para desbravar o reconhecimento desse não-silêncio, procura-se a seguir primeiramente a construção de um percurso teórico com intuito de situar a mulher, sujeito do gênero feminino, dentro da categoria gênero para validação de sua existência como sujeito de pesquisa e posterior reflexão em cima dos dados obtidos a partir das “Caboquinhos que Leem”. Trilhar esse caminho veio da experiência de leitura de pesquisadores que, apresentando a teoria feminista na busca contínua por uma definição do “ser mulher”, procuraram fazer sua própria concepção em torno do tema e aplicá-lo a situações pertinentes para suas pesquisas.

Na elaboração deste primeiro capítulo, as obras *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, de Joan Scott (1995); *A dominação masculina*, de Pierre Bourdieu (2021); e, *Problemas de gênero*, de Judith Butler (2018), apresentaram uma visão acerca da mulher que é além da mulher, desembarcando na teoria do poder de Michel Foucault (1999), amplamente discutida em *Microfísica do poder* e outras obras. Concomitante a isso, a relação do sujeito feminino com o mundo apresenta-se ampla, tocando diferentes áreas, mas por muito tempo silenciada, escondida, apagada e subjugada, se vê premente de uma categoria de análise chamada gênero para seu regaste.

Sendo assim, o segundo desdobramento deste capítulo visa à relação da mulher com a Amazônia. Não a “mulher amazônida”, tal qual um adjetivo. E, sim, como a região vem agindo com a mulher que nela esteve e está. Para tanto, volta-se para o processo de formação social e cultural da Amazônia e seus desdobramentos através de pesquisadores da região — tais como Samuel Benchimol, Violeta Loureiro, Iraildes Caldas Torres, o próprio Joaquin Onésimo Pereira Barbosa, entre outros — em livros, teses e dissertações para a construção histórico-social da relação Mulheres/Amazônia.

Por fim, surge o assunto dos movimentos organizados de mulheres para estabelecer duas características destacáveis no grupo estudado: a união e a sororidade. Ainda que se tenha muito a elucidar acerca dos movimentos feministas, seus percursos históricos, lutas e conquistas, procura-se identificar principalmente seus efeitos nas vivências femininas e seus descendentes contemporâneos, os coletivos de mulheres, em especial aos atuantes na região. Perante as perspectivas resultantes, poder-se-á entender com maior propriedade o grupo estudado e suas relações dentro do contexto de um movimento coletivo de mulheres.

2.1 O ser mulher

Ao longo da história, a crença da inferioridade do feminino — que permeou a sociedade como uma “verdade”¹ ancestral — esteve em destaque em diversas áreas que fundamentaram e perpetuaram a ideologia patriarcal (Paiva, 2019). O que evidencia a importância do pensamento feminista no reconhecimento das mulheres como sujeitos e que, diferente do que estipulado pela biologia e a ciência com suas teorias inferiorizantes do feminino, as mulheres não deveriam se resguardar nos recônditos do lar devido a seu aparelho reprodutor ou capacidade (tida como inferior no discurso androcêntrico) intelectual.

Reconstruindo a história das relações de gênero, Barreto (2009, p. 131) conta que não havia a concepção de uma divisão da sexualidade em masculina e feminina antes do século XVIII, mas de um modelo *one-sex-model*, no qual a mulher era um homem invertido e, assim, inferior. Explicada por uma falta de “calor vital”, a mulher era mulher por não ter tido força o suficiente para atingir o maior estágio evolutivo, o de macho. É na modernidade que “as diferenças entre homens e mulheres começaram a ser pensadas em termos de descontinuidade e oposição e não em termos de continuidade e hierarquia”, passando o corpo humano do Iluminismo e da Revolução Burguesa a ter dois sexos.

Fruto de uma resolução para a permanência inferior feminina pós-Revolução, a teoria do útero frágil — fundamentada pela medicina ovariana do século XIX — contribuiu para a constituição da mulher frágil, que deveria guardar suas energias para a maternidade. O corpo feminino passa ter uma tarefa: gerar filhos. Por ser alçada como frágil, e assim necessitada de proteção, a mulher deveria estar para o lar, longe das complexidades da esfera pública. O que era irreal para as mulheres pobres, que precisavam contribuir financeiramente em seus lares, como destaca Barreto (2009).

Consequentemente, partiu das teóricas feministas a iniciativa de conceituar o sujeito feminino para transpor a perpetuidade da inferioridade das mulheres e apresentar sua real situação histórica e social, mudando paradigmas. Ainda que não concorde com a teoria de uma identidade fixa e imutável para definir a categoria mulheres, Butler (2018, p.15) evidencia a

¹ Verdade aparece entre aspas para distinguir, como elaborado por Foucault (1998), as coisas verdadeiras a serem descobertas e aceitas dos discursos que ganham valor de verdadeiro ou falso a partir de um conjunto de regras estipulados socialmente. Este segundo, a “verdade”. Sendo assim, é o regime de verdade — estipulado por cada sociedade — que atribui valor ao discurso e determina o que funciona como verdadeiro, ocasionando efeitos de poder. Esse discurso, formulado pelo poder e que formula saber em um processo contínuo, se apossa da construção dos indivíduos que a ele estão relacionados, ele delimita o que é certo e errado para eles, seus corpos, suas vivências, seus hábitos. Se a mulher é mulher com toda a carga social que isso acarreta, é pelo efeito do poder sobre ela a partir de um discurso historicamente e culturalmente construído.

importância que teve a procura de uma linguagem definidora para visibilidade de indivíduos mal representados ou, de fato, não-representados. Entretanto, com a limitação imposta culturalmente pelo termo “mulheres” e na intenção de acentuar o caráter social das distinções baseadas nos sexos, entende-se o porquê de os estudos sobre mulheres formularem e passarem a utilizar um termo chamado gênero.

Reconstruindo o processo de formulação teórica da categoria gênero, Scott (1995) evidencia a curta, mas efervescente, trajetória de conceituação analítica desta categoria dentro da Teoria Feminista, sua maior interessada, e da intersecção com diferentes áreas. Não estando presente entre as abordagens sociais formuladas antes da segunda metade do século XX, o termo gênero apresenta-se inicialmente entre feministas americanas com o objetivo de evidenciar as distinções entre homens e mulheres como fundamentalmente sociais. Contudo, o emprego da palavra gênero tem um caráter múltiplo de resignificação.

O termo "gênero", além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que **o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino** (Scott, 1995, p.75, grifo nosso).

Não somente para inserir as mulheres em uma rede de conexões e transpor a ideia de esferas separadas para cada sexo, a palavra gênero teve o intuito de mudar as perspectivas acadêmicas quanto aos estudos sobre mulheres, evidenciando sua legitimidade ao destacar a natureza relacional entre os sujeitos masculinos e femininos e ao rejeitar as explicações das diversas formas de subordinação feminina a partir de uma perspectiva biológica — como sua impossibilidade de atuar em cargos de trabalho exigentes em vista do seu papel fundamental como mãe, tendo em conta sua exclusiva capacidade de “dar à luz”.

Seguindo esse exemplo do determinismo biológico usado como “verdade” para a pregação de papéis sociais atribuídos aos sujeitos de diferentes sexos, o termo gênero torna-se “uma forma de indicar ‘construções culturais’ — a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres” (Scott, 1995, p.75). Tendo suas identidades subjetivas construídas de maneira exclusivamente sociais, gênero apresenta-se também como uma categoria social imposta sobre o corpo sexuado e nos levando à célebre frase de Beauvoir (1967, p.7) “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”.

Destacando-se nessa categoria, a cultura tem um papel na relação entre os sexos e subordinação dos sujeitos femininos. Em *Cultura Femenina y Otros Ensayos*, Simmel (1934) discorre sobre seu conceito de cultura, um monopólio dos homens e um constructo social

exclusivamente masculino, e questiona a possibilidade de uma ‘cultura feminina’ emergir de um nível subjetivo — cultivado no interior dos indivíduos, que leva em consideração os conteúdos mentais e os valores possuídos — a um nível objetivo, que possui o domínio dos costumes, moral, conhecimentos, arte, religião, formas sociais, formas de expressão, constituindo o desenvolvimento do indivíduo.

Dentro dessa interpretação, o masculino se destaca no seu domínio da criação majoritária de uma cultura objetiva, na qual o homem é visto como parâmetro de humanidade e a mulher como “Outro”. Ou seja, até mesmo o feminino fica relegado a ser definido pelos padrões masculinos impostos através da cultura, monopólio de criação do homem. Simmel (1934, p.86, tradução nossa) destaca ainda o seguinte:

O sexo masculino não ocupa meramente uma posição superior à feminina; torna-se também o representante da humanidade em geral, ditando normas igualmente aplicáveis a manifestações de masculinidade e feminilidade. Em muitos casos, isto é explicado pela posição de força que o macho ocupa.

Se por um lado Simmel reconhece a manifestação masculina na cultura como ferramenta de subordinação feminina, por outro ele reforça “uma narrativa que via os homens como os agentes naturais do social – e, conseqüentemente, da modernização” (Falcão; Rabelo, 2019, p.32). Como próprio produto da “construção cultural” de sua época, Gorg Simmel (1858–1918) contribuiu para a exclusão das mulheres do espaço social ao, segundo a análise da teoria cultural simmeliana feita por Falcão e Rabelo (2019), relegar as mulheres a simples receptores da cultura objetiva, reforçar a inferioridade intelectual do gênero feminino como inerentemente de sua “natureza” e instituir a mulher como ser estático, o que contradiz a própria concepção teórica da dialética da cultura instituída por ele.

Para Scott (1995), o lugar que a mulher ocupa no cenário da vida social não é um produto da causalidade geral ou universal, do que ela faz, mas do significado que adquire suas atividades através das interações sociais. Por sua vez, o significado é absorvido por uma linguagem simbolicamente construída, dando vazão ao discurso promovido culturalmente, em interações permeadas de *poder*. Assim, a autora propõe substituir a ideia de um poder unificado, hierárquico e centralizado, pelo conceito de poder desenvolvido por Michel Foucault (1999) ao se apresentar como heterogêneo, inconstante e produtivo, e, assim, possibilitando a concepção de identidade e resistência.

A partir desses pressupostos, Scott (1995, p.86) lança sua definição de gênero constituída de duas partes e diversos subconjuntos, que estão interrelacionados. Sendo que:

O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.

Para a primeira parte, a autora implica a união de quatro elementos em comunhão para a constituição das relações sociais pautadas nas diferenças entre os indivíduos de diferentes gêneros: os símbolos disponíveis, que são construídos culturalmente e manifestam representações simbólicas — muitas vezes contrárias (Maria/Eva); os conceitos normativos que, através das doutrinas (religiosas, educativas, científicas, políticas e jurídicas), limitam os significados dos símbolos, determinam uma posição binária fixa do significado de homem e de mulher e declara a posição dominante como a única possível.

A partir desses dois elementos, tudo que emerge posteriormente na história é tido como consenso social, uma norma. Um exemplo é admiração pela mulher “doce, recada e do lar”, representada pela ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, e a tentativa por parte de grupos políticos e religiosos de usá-la como um símbolo para restauração do papel “tradicional” da mulher. O que, segundo Scott (1995), não se apresenta real frente aos poucos antecedentes na história que compactuem com a existência de um papel incontestável ou único para as mulheres.

Outro exemplo, que vai na contramão do símbolo anterior, é a figura da mulher amazônida “fácil”. Parte da política pombalina na Amazônia no século XVIII oferecia uma imagem de degradação moral da mulher indígena como “lasciva sexual” para instigar a migração de adeptos portugueses no processo de povoamento. Este símbolo se incorporou na sociedade amazonenses e se perpetua em diferentes violências cotidianas. Da mesma forma, a figura da “mulata de exportação”, também fruto de um símbolo instituído no período colonial, ficou marcada no imaginário estrangeiro e subconsciente da população brasileira.

O terceiro elemento proposto é exatamente quanto à fixidez na representação binária do gênero, a noção de uma perpetuidade de símbolos, representações e papéis deve ser contestada em prol de uma análise que inclua uma visão ampla das concepções políticas e organizações sociais. Assim, a concepção da construção do gênero incluirá o parentesco, o mercado de trabalho, a educação e o sistema político. Por último, a identidade subjetiva, construída e relacionada com os aspectos anteriores e o envolvimento de uma série de atividades, de organizações e representações históricas específicas envolvidas na realidade do indivíduo.

Por sua vez, a segunda parte do conceito de gênero de Scott (1995, p. 88) — no qual traça sua teorização da categoria — aparece como a seguinte proposição: “o gênero é o campo

primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”. Ainda que o gênero não se apresente como o único campo articulador de poder, é nele que se baseia mesmo ao não se referir literalmente ao gênero. Arranjada neste modelo de duas partes em função de subconjuntos analiticamente distintos, mas em comunhão, a proposição de gênero/poder resulta na seguinte aceção:

Estabelecidos como um conjunto objetivo de referências, os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social. Na medida em que essas referências estabelecem distribuições de poder (um controle ou um acesso diferencial aos recursos materiais e simbólicos), o gênero torna-se implicado na concepção e na construção do próprio poder (Scott, 1995, p. 88).

Dentro deste conceito de gênero, percebe-se duas categorias intrinsecamente relacionadas na relação entre os sexos: a linguagem simbólica e o poder. A primeira delas, a linguagem simbólica, entremeada de referências culturais, está para legitimar o gênero através de representações do que seriam homens e mulheres em uma determinada sociedade. Essa linguagem passa então a empregar a diferenciação para estabelecer significado. Nesta configuração, gênero propõe-se como uma via de decodificação e compreensão das complexas conexões entre várias formas de interação humana.

Posta por Bourdieu (2021, p.12) como meio pelo qual há uma legitimação da dominação masculina — no modo como se vivencia e se impõe — e submissão feminina — no modo em que se aceita e acata o imposto —, a linguagem simbólica se apresenta como “violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” dentro do quadro da lógica dominante. Sendo reconhecida tanto pelo dominante quanto pelo dominado, essa lógica da dominação se exerce por um princípio simbólico encontrado em uma língua (ou maneira de falar), em um estilo de vida (ou maneira de pensar ou agir) e, ainda, em uma cor de pele.

Em *Dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*, Bourdieu (2021), a partir das relações entre os camponeses da montanha da Cabília, investiga as estruturas objetivas e cognitivas que levam à dominação masculina, não somente de mulheres, mas de todo o tecido social desta comunidade. Partindo da visão androcêntrica, com a qual toda a Europa compartilha tradições, a sociedade cabila se alicerça nos esquemas de percepção inconscientes, que guiam a diferenciação entre homens e mulheres através de sistemas, termos e metáforas de oposições homólogas (dentro/fora, úmido/seco, quente/frio) que ganham valor

(superior/inferior, masculino/feminino) através da cultura objetiva desse povo e subjetiva dos indivíduos, para instituir uma ordem social.

Dentro desse contexto, as representações simbólicas reproduzidas nesse meio são incorporadas como normais, naturais e, até mesmo, inevitáveis. Estando presentes nas coisas, nas relações do mundo social, “e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação” (Bourdieu, 2021, p. 22). Essa incorporação dos esquemas de percepção evidencia a ordem masculina ao ponto de não necessitar de justificação, pois sua visão (de superioridade masculina) é naturalizada e a ordem social a reforça em todos os seus nichos.

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão sexual do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no próprio lar, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, as atividades do dia, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos (Bourdieu, 2021, p. 24).

É esta máquina simbólica que constrói, em prol da dominação masculina, a realidade sexuada dos corpos e a divisão sexualizantes dos indivíduos, suas diferenças anatômicas são socialmente construídas e naturalizadas como caução da visão social. Assim, toda a lógica de organização social – embasada pela ordem natural e sexual – é relacionada à constatação do feminino e do masculino por meio da construção arbitrária do biológico. As necessidades de reprodução biológicas estão longe de determinar essas relações, mas os usos e as funções dos corpos determinados por essa biologia são que dão fundamento para a divisão sexual do trabalho e, por conseguinte, para toda a estrutura.

A reprodução de ideias no inconsciente social não é estática ou, como posta por Bourdieu (2021, p. 63-64), a-histórica. De fato, a reprodução biológica e a reprodução social são frutos de um trabalho histórico incessante para a manutenção das estruturas de dominação, na qual “contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado”. É, particularmente, estranho que os discursos decorrentes dessa estrutura guiem toda a realidade das mulheres, que elas se reconheçam e construam seu significado neles, sem pensar que existe uma aceitação — ainda que inconsciente — do instrumento simbólico que as inferioriza.

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, de mais que instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (alto/ baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, das quais seu ser social é produto (Bourdieu, 2021, p. 64-65).

Apesar de a adesão a essa estrutura idear uma aceitação submissa, a dominação simbólica se exerce dentro de esquemas de percepção — que perpetuam a ordem do gênero — gerados e construídos nas relações de poder. Essas construções simbólicas que regem as realidades femininas ganham e exercem poder porque são assim construídas pelos sujeitos. E porque o próprio poder o constrói, renova e reforça as estruturas quando em suas relações, expondo um sistema duradouro inscrito nas coisas e nos corpos. Contudo, duradouro não quer dizer incontestável, já que o próprio Bourdieu (2021) aponta as mudanças do rompimento do reforço dessa estrutura a partir do trabalho crítico do movimento feminista.

O que remete à própria ordem do poder, segunda categoria entrelaçada à conceituação de gênero de Scott (1995), onde se inscreve a possibilidade de uma mudança acerca dos esquemas de percepção, da linguagem simbólica e, assim, dos discursos universalizantes sobre mulheres. Como elaborado por Foucault (1999), o poder não é uma posse, um bem, mas uma prática social presente nas relações — que se apresentam desiguais — entre indivíduos e instituições. Essas relações de poder não são únicas, são múltiplas e agem em rede através de dispositivos e mecanismos dos quais todos e tudo estão submetidos, não existindo aquele ou aquilo exterior a ele. Sendo assim, o poder

não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem (Foucault, 1999, p. 183).

Por mais desiguais que sejam, as relações de poder mostram que não existe uma carência de poder para um lado e total poder para o outro. Se existe de ambos os lados, os indivíduos podem exercer poder e sofrer com sua ação. O poder é produto das relações sociais e as relações sociais são produto do poder. Assim como os esquemas de percepção, o poder não é a-histórico, está em constante transformação, pois se apresenta como uma prática social construída historicamente e que, por sua, se apresenta positiva ao produzir saberes, conhecimentos, e se aplica (em maior ou menor grau) a todos envolvidos nas suas múltiplas ligações.

Contudo, quando a pauta é gênero, o poder mostra sua vertente sinistra. Não por si mesmo, mas pela perpetuação de discursos dominantes que oferecem ao feminino e grupos minoritários um papel servil, desvalorizado e inferior. A “verdade” promulgada beneficia o homem branco, heterossexual e de determinada classe (a depender do contexto) constituído pelo próprio poder como dominante, sendo dele o controle dos mecanismos e instituições de poder — o Estado, a Igreja, a Escola e a Família. Mecanismos estes parte da rede de poder que circula as sociedades e na qual as mulheres estão inseridas, sofrem seus efeitos e se constroem como indivíduos.

Em *Problemas de gênero*, Judith Butler (2018) pressupõe igualmente o gênero como *um efeito*. Entretanto, a autora deixa em evidência que esse gênero é o feminino, é aquele que precisa de explicação, pois o masculino é tido como a pessoa universal. Sua construção do que seria esse gênero e a identidade do sujeito do feminismo são feitas em um patamar relacional para a determinação, ou melhor, a indeterminação da almejada categoria “mulheres”. Para a autora, a procura política do feminismo por esta determinação pressupõe algo estático, único, imutável. Contudo, uma categoria “mulheres” não suportaria as mais diversas representações ou *performances* que hão de surgir dos sujeitos que se determinam femininos.

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (Butler, 2018, p.17).

Sendo assim, pode-se entender a categoria gênero como algo inacabado, que flui, que se transforma, que não é estático. O gênero é uma construção cultural, efetivada nas relações de poder, mas também é mutável ao considerar que a própria linguagem simbólica que subsidia essa construção pode ser alterada. Em vista disso, entende-se que (Butler, 2018, p. 54, grifo do autor) “*mulher* é um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou fim. Como prática discursiva contínua, o termo está aberto a intervenções e ressignificações.” Assim, ser mulher passa a ser uma construção inacabada, repleta de ligações, que dependem das realidades nas quais os sujeitos femininos estão inseridos e nos quais performam seu gênero.

Dessa forma, na próxima subseção, explora-se histórico-socialmente a construção cultural de uma realidade que baseie uma identidade feminina amazônica. E os discursos diversos acerca do feminino fruto de uma linguagem simbólica local explorada pelo cenário

literário e intelectual, buscando entender essa mulher do ponto de vista de sua regionalidade. Em vista dos sujeitos aos quais essa pesquisa se refere, o enfoque estará nas mulheres urbanas de diferentes concepções, visando às modalidades que auxiliam na significação e representação de “ser mulher” na Região Metropolitana de Manaus.

2.2 O ser mulher na Amazônia

No percurso de compreender o processo de formação cultural e social de cinco séculos de uma “invenção” da Amazônia, como apresentada por Neide Gondim (2019), é necessário dissociar ou associar a visão — inicialmente onírica e posteriormente degradante — do colonizador daquela que se perpetua nos modos de vida das populações que na Amazônia se apresentam através das ideias dos intelectuais desta terra. Como posto por Bastos (2007, n.p.), na introdução do primeiro volume de *Vozes da Amazônia*, “as ideias se constituem em fator, expressão e reflexo do destino de uma sociedade”.

Em meio aos grupos de desbravadores, colonizadores e povoadores da Amazônia, os intelectuais atêm-se a seu papel como organizadores da cultura, preservando a memória e recuperando a história da região, que se amplia além das questões territoriais e ambientais para alcançar as dimensões sociais, econômicas e culturais dos amazônidas (Bastos; Pinto, 2014). Uma gente composta por diferentes povos, etnias e culturas, revelando a complexidade da diversidade da população, que apresenta em suas matrizes culturais uma formação inicialmente de predomínio indígena.

A esses valores e culturas foram sendo incorporados, por via de adaptação, assimilação, competição e difusão, novas instituições, instrumentos, técnicas, incentivos e motivações transplantados pelos seus colonizadores e povoadores. Entre eles: portugueses, espanhóis, em particular, europeus, com algumas contribuições africanas, semíticas e asiáticas, além de novos valores aqui aportados por migrantes nordestinos e de outras regiões brasileiras (Benchimol, 2021, p.27).

Com contribuições culturais relevantes em meio à floresta, a sociedade amazônica está marcada por muitos povos, tradições e costumes. Assim, tem-se uma população que assimilou — em maior ou menor grau — as culturas que aportaram na região dos movimentos migratórios registrados desde a “descoberta” da Amazônia. Assim como uma parte foi absorvida, do outro lado há o que Benchimol (2021) chama de “amazonização”, uma forma de a Amazônia marcar e transformar as identidades originais para criar um padrão mais condizente — suave e menos rígido — com os padrões, comportamentos e condutas tropicais.

Dentro deste cenário, cabe a seguir percorrer o processo de formação cultural e social a partir das ancestrais que aqui estiveram e das que aportaram na região em consideração às contribuições feitas por elas para a construção das identidades femininas em diferentes épocas de Amazônia. Seus modos de viver, se perceberem e serem percebidas, nos guiarão posteriormente a compreender as raízes das percepções feitas pelas integrantes do clube de leitura ‘Caboquinhos que Leem’ durante suas leituras, discussões e os resultados promovidos de sua sociabilidade como um grupo de mulheres da área urbana de Manaus.

2.2.1 As primeiras premissas

Paraíso perdido, terra prometida, inferno verde. As primeiras premissas sobre a região amazônica compactuavam com uma grandeza aquém do imaginável e sua igual estranheza marcou os viajantes que tentaram desbravá-la durante os primeiros séculos posteriores de sua “descoberta”. Como posto por Torres (2005), no período de formação social da Amazônia, não só a exuberância da floresta foi motivo de povoar o imaginário ocidental, mas também os que a habitavam. Em vias de motivar uma colonização por meio do homem branco — posto no papel de civilizado e superior — em terras tropicais, os indígenas foram ora descritos como inocentes ora como as próprias crias do diabo cristão.

No centro desta perspectiva de degradar a figura do nativo, estabelecendo as primeiras raízes do preconceito étnico, a mulher indígena aparece como a figura necessária para influenciar o horror e o clamor. Da velha indígena canibal, que goza em prazer sexual ao preparar e ingerir a carne do inimigo — inspirado no ritual Tupinambá que deu fama a todos os grupos indígenas de canibais para o Velho Mundo —, às exóticas moças indígenas aparecem como dispostas a satisfazer sexualmente os homens (Torres, 2009). O fato de estar desnuda inspirava medir sua moral por valores exógenos aos delas, erotizá-las e propor sua disponibilidade à luxúria do homem branco.

Dotando um discurso comum ao retratar o indígena e o mestiço, os europeus estimularam a crença de um povo semi-humano, destituído de moral, indolente, preguiçoso, agressivo e depravado. Assim, propunha-se um vazio demográfico em um território vasto e pronto para ser povoado, cheio de riquezas naturais e humanas para serem usufruídas (Loureiro, 2021). Constrói-se o “Outro”, uma figura posta inferior à do homem europeu, branco e cristão. Nada novo nos processos civilizatórios de outros territórios por parte dos colonizadores portugueses, espanhóis e ingleses, sendo o caráter simbólico importante nesse esquema.

A colonização é um processo material e simbólico, pois o sistema de ideias que a sustenta só sobrevive por intermédio da representação simbólica que subjaz a ela. A exploração econômica de um determinado território é vinculada a uma rede de símbolos que envolve valores, instituições e modos de vida (Torres, 2005, p. 67).

Valores patriarcais são igualmente instituídos nas primeiras crônicas acerca da Amazônia na garantia da soberania masculina androcêntrica, como no caso do enfretamento da caravana do capitão Francisco Orellana às temidas guerreiras amazonas. Em busca de socorro, Gonzalo Pizarro, conquistador espanhol, envia Orellana com mais 59 homens em busca de comida com os povos nativos próximos. Contudo, impedidos pela correnteza, a busca se transforma na expedição de conquista do Amazonas, de dezembro de 1541 à chegada a Quito (Peru) em agosto de 1542, percorrendo o Rio Amazonas até sua foz no Oceano Atlântico (Torres, 2005).

Um dos relatos de Gaspar de Carvajal, cronista da busca, descreve a vitória dos homens espanhóis desnutridos e apáticos frente à tribo de 12 mil guerreiras — entre mulheres e crianças — no levante excessivo de comprovar a superioridade masculina. Na ameaça de reversão dos papéis delimitados para cada gênero, passa-se a criar a representação simbólica da indígena bela, dócil, passiva e submissa em contraposição às mitológicas guerreiras. Mesmo sem comprovação real da submissão das indígenas nas sociedades tribais, elas foram designadas a uma identidade feminina aos moldes da ocidentalidade patriarcal.

Do período quinhentista até o século XVIII, o que se construiu sobre a Amazônia foi feito do ponto de vista dos viajantes, que navegaram pelos rios instituindo suas verdades absolutas sobre a região sem consideração as culturas e experiências milenares daqueles que aqui residiam. Contando a partir de suas lentes feitas dos esquemas de percepção do além-mar, que residiam valores religiosos e sociais incomparáveis à estrutura de crenças e organização dos povos originários, construiu-se uma imagem deturpada do nativo como raça selvagem, incivilizada, exótica e demoníaca. Nesse contexto, a mulher indígena passa a ter uma identidade sexista bem demarcada como lasciva e promíscua promovida pelo colonizador.

A estrutura de poder se encarregou de forjar uma imagem para as índias associada ao erotismo sexual que lembra a construção anti-feminina do judaísmo, islamismo e do cristianismo antigo, em torno do mito de Eva. Disseminava-se o mito de que as índias eram mulheres exóticas e dispostas a satisfazer a lascívia do homem branco, quando na verdade o objetivo era povoar a Amazônia (Torres, 2005, p. 27).

Entra em contexto, em meados do século XVIII, a política pombalina (1759-1798) através do Diretório que promovia a miscigenação entre homens brancos e mulheres indígenas para

povoamento físico da região e consolidação do território por parte dos portugueses. Dessa forma, constituindo uma Amazônia Lusíndia ancorada no comércio sexual. “O comércio sexual foi a estratégia sexista encontrada pelo poder local para povoar a Amazônia, atendendo, assim, tanto aos interesses da Coroa em se apossar o mais rápido possível da região, quanto da Igreja em expandir a sua base católica no novo território.” (Torres, 2005, p. 79)

Como uma política estabelecida em cima da depreciação moral das mulheres nativas, instaurando a “lasciva sexual” pronta para agradar e a “parideira” pronta para gerar como propaganda, instigava a vinda de portugueses ao “premiá-los” por sua participação neste processo seja por casamento ou concubinato, enquanto, para as mulheres indígenas, a participação (compulsória) era necessária para a sobrevivência social, física e política. Além disso, entre as regras impostas, estava a de batizar e passar pelos ritos da Igreja. Do contrário, seriam marginalizadas. Sem dúvida, elas eram um meio para um fim que previa sua exclusão em decorrência de se atar ou não ao comércio sexual instituído por Pombal.

Dois nomes saltam na reconstituição da mulher indígena, João Daniel (XVIII) e Elizabeth Agassiz (XIX). João Daniel, missionário jesuíta, contribui ao retirar a indiscrição do pecado das costas da mulher indígena e colocá-la na consciência do homem branco ao determinar que “era brutal a lascívia e monstruosa a desenvoltura, com que sem temor a Deus nem pejo dos homens, usaram, ou abusavam do sexo feminino, com tanta lassidão, que parece enforcaram ou alijaram ao mar as consciências” (Daniel, 2004, p. 263-264 *apud* TORRES, 2014, p. 19). Além de atribuir a lascívia aos homens, ele reconhece que a lógica indígena se diferencia do arcabouço de valores fincados no cristianismo.

Por sua vez, Elizabeth Agassiz visibiliza a mulher nos relatos dos viajantes com suas descrições em diário das vidas dos sujeitos por onde passava a expedição *Viagem ao Brasil* (1865-1866). Captando os modos de vida e as relações sociais, relata as mulheres indígenas sob sobre um outro viés que não indica àquela permissiva sexual e, inclusive, contesta essa premissa. Ao ressaltar este fato, Agassiz apresenta a estranheza quanto à sexualidade feminina indígena que apossou o imaginário europeu, mas que essa estranheza poucas vezes foi apontada nas práticas do homem indígena, evidenciando com quais lentes os viajantes até então usaram para instituir a identidade da nativa.

Os esquemas de representação simbólicos estabelecidos pelos viajantes se enraizaram no inconsciente coletivo associado à Amazônia, a herança da violência simbólica afeta até hoje a figura da mulher amazônica profundamente. Durante a Belle Époque, como veremos a seguir, disfarça-se a imagem da “lasciva sexual” para convergir os valores burgueses à toda população urbana. Dentro desse cenário, sendo Manaus o campo de fomento do ideário de uma cidade

européia em meio a selva, converge a mulher recatada, boa esposa, mãe e dona-do-lar em embate com o pensamento moderno da mulher pública, que inicia sua jornada no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo que, com o advento da borracha, os migrantes se encarregam de colaborar para a miscigenação étnica, social e cultural do povo manauara.

2.2.2 A mestiça cultural

Civilizada e moderna, foi assim idealizada a Manaus no período áureo da borracha. Nos âmbitos social, cultural e urbano, a capital que despontava nas últimas décadas do século XIX se inspirava nos ideais da burguesia européia. Com uma elite liberal de formação recente, constituída por funcionários públicos, políticos, oficiais das forças armadas, religiosos, comerciantes e demais profissionais liberais e suas famílias, os modos de viver e ser foram alterados. Um momento de economia próspera, mas que repudiava qualquer sinal das tradições “menos civilizadas” ao se lançar como uma Paris em meio à selva (Santos Júnior, 2013).

Daou (1999) cita uma série de eventos que antecederam o *boom* da borracha e que influenciaram a que viria ser conhecida como Belle Époque Amazônica, sendo a elevação do Amazonas à categoria de província em 1850, a navegação a vapor e o estreitamento das relações econômicas internacionais as mais significativas. Devido ao interesse da indústria automobilística e a dinamicidade da economia gomífera, a atividade de exportação da borracha ganha destaque e movimenta “a chegada de pessoas, capitais e mercadorias, o que facultou para as elites da Amazônia uma riqueza de prosperidade únicas” (Daou, 1999, p. 11).

Tirados do isolamento pela borracha, a riqueza promovida pela floresta permitia uma aproximação social e cultural da elite amazonense com a Europa. Não somente chegavam ao porto os estrangeiros e as novidades longínquas, mas também se enviavam os filhos para estudarem no exterior e experimentarem uma vida social e cultural dificilmente encontrada em Manaus. Entretanto, a necessidade de adequação do espaço urbano para se alcançar as cidades e sociedades respeitadas pela camada que detinha o poder, levou à mudança paisagística em prol de uma vida social e cultural mais atraente.

Enquanto a cidade se modernizava, aumentava sua população com imigrantes estrangeiros e de outras regiões do Brasil, criava códigos de conduta, modificava o cenário urbano, criava oportunidades de sociabilidade e consumo de artigos de luxo para as elites a fim de alcançar o ideário burguês, Manaus se tornava solo fértil para a entrada da mulher na vida pública (Campos, 2010). Não sem controvérsias, o trabalho feminino possuiu diferentes facetas e estereótipos distintos agregados às funções exercidas.

Apesar do desejo de modernidade burguesa, Pinheiro (2009) aponta a contraditória posição de uma sociedade que discursava a favor do progresso, mas que era contrária a certos aspectos do mesmo. Era expressiva a oposição à emancipação nos jornais amazonenses, um antagonismo ferrenho quanto à subversão dos valores judaico-cristãos e exaltação dos papéis sociais femininos adequados pela perspectiva patriarcal/religiosa, os mesmos que relegavam a mulher ao privado — aos cuidados da casa, criação dos filhos e submissão ao marido.

Influenciadas pelos movimentos feministas vindos de outros países, onde as mulheres tinham formação educacional mais completa, as brasileiras no século XIX justificavam inicialmente a luta por melhor instrução como meio para se estar mais bem preparadas para serem esposas e mães (Campos, 2010). A luta pela educação feminina além dos anos básicos até o Ensino Superior, independente da justificativa, é um marco emancipatório que proporcionou a transformação da condição social da mulher, sua profissionalização e trabalho remunerado.

Na Manaus da Belle Époque com ares cosmopolitas, mulheres de diferentes classes sociais adentraram no mercado de trabalho. Se eram professoras das “escolinhas” associadas ao ensino das primeiras letras — única posição isenta de julgamentos para as mulheres abastadas —, tinham uma posição vista honrada. Educar crianças era uma extensão de seu papel materno, uma colocação natural da mulher na sociedade e exercida por aquelas que tinha um grau maior de instrução. Inclusive, mulheres da elite ao exercerem o cargo eram vistas como caridosas.

Contudo, nas camadas populares formadas por estrangeiras, migrantes nordestinas, indígenas, mestiças e pretas, se tinham diferentes estigmas quanto maior fosse o contato com o espaço público. Se estavam fazendo trabalhos domésticos em casa de família, era aceitável, pois também era uma extensão do seu papel feminino. Já para aquelas que eram atendentes, balconistas, vendedoras de doces, copeiras e demais funções com contato público maior, eram vistas com desconfiança. Porém, essas mulheres ou necessitavam dos salários para compor renda ou eram as únicas provedoras de seus lares, os estigmas não poderiam estar em primeiro plano para elas (Pinheiro, 2009; Porto, 2016).

Por outro lado, as atrizes, cantoras, dançarinas e profissionais do universo noturno e do entretenimento eram associadas à prostituição — e, ao mesmo tempo, serviam de vitrine e inspiração de moda, conduta e refinamento para as mulheres da elite. De fato, o meretrício se ampliou na cidade de Manaus neste período, levando as famosas coquetes francesas (boa parte

de mulheres polacas — vítimas do tráfico sexual a partir do *cunhamena*² vendidas aos bordéis) ao imaginário da época. Contudo, Porto (2016, p. 19) revela que as prostitutas “em sua grande maioria eram mulheres pobres, amazonenses e de outras regiões do país”.

Benchimol (2021) aponta os diferentes papéis que as imigrantes tiveram e exerceram nesse período conforme sua nacionalidade, etnia e classe. Em um primeiro momento, essas mulheres se apresentam como noivas, esposas e mães, que estão para resguardar os valores, tradições, religião e memória em meio à selva, para então, conforme a classe, estar na vida pública. As portuguesas eram requisitadas pelas famílias ricas para trabalhar em diversas funções em seus lares, pois eram tidas como exímias mães e donas de casa; as sírio-libanesas e as judias (dependendo da etnia) auxiliavam seus cônjuges nos negócios espalhados pela cidade; e, posteriormente, as judias se reinventaram para auxiliar economicamente os maridos durante o declínio da era da borracha amazônica. Ademais, as mulheres estavam presentes nos escritórios e na imprensa; também vieram a ser profissionais liberais, proprietárias de terra, industriárias, escritoras e colaboradoras nos jornais do Amazonas. Assim, se apropriando de espaços masculinos na virada do século XIX-XX.

Com diversos povos contribuindo para o crescimento e diversidade da sociedade manauara, o quadro que o 1º Ciclo da Borracha pintou na Amazônia de prosperidade alternava-se com a ampliação das desigualdades sociais e grupos periféricos. Para as mulheres pobres, as condições financeiras e educacionais impunham um quadro de invisibilidade e dificuldade de ascensão social. Esta ascensão só viria com o casamento. Benchimol (2021) observa que as mulheres pretas, com a recente liberdade da população afro-brasileira, tiveram oportunidade de ascender como amantes, esposas ou em união estável com filhos de imigrantes portugueses.

Se para as mulheres com condições financeiras razoáveis e com grau escolaridade as dificuldades eram perturbadoras, para aquelas que não tinham acesso à escola ou a uma instrução os empecilhos eram bem maiores, o que lhes impunha a invisibilidade. O cuidado com casa e com a família, mais que uma obrigação, parecia às mulheres uma sina decretada com o casamento. O casamento significava emancipação dos pais e estabilidade financeira, porém dizia também a reclusão, ainda que não fosse visto como problema (Barbosa, 2020, p.62).

² “Essas pobres judias foram vítimas de uma organização criminosa baseada em Varsóvia, sob o nome de Zwi Migdal. Seus agentes viajavam pelos guetos e aldeias judias (*stetl*), afirmando serem prósperos judeus, estabelecidos na América do Sul, em busca de casamento com jovens judias. Com a ajuda de inocentes úteis casamenteiros adquiriam a confiança da família e o casamento religioso era celebrado. Logo após eram embarcadas em um navio e somente depois descobriam ter sido enganadas, pois encontravam, no mesmo navio, outras esposas do mesmo marido (uma espécie de golpe que, na Amazônia Colonial, era praticado e conhecido sob o nome de *cunhamena*, em nheengatu (tupi amazônico), quando os colonos portugueses se casavam com diversas índias, de diferentes tribos, para depois vendê-las como escravas para as tropas de resgate. *Cunhamena* quer dizer profissão de marido de moça índia-cunhã.” (BENCHIMOL, 2021, p. 333)

A partir de da década de 1920, há um esfriamento da importação da borracha amazônica vítima da biopirataria de sementes e ascensão da Malásia neste seguimento. Levando a região ao estagnamento econômico, silenciamento e esquecimento no plano nacional. Não somente Manaus, mas a Amazônia se vê sem investimentos em infraestrutura e educação, o que só irá mudar na década de 70, em vista dos problemas financeiros decorrentes de más gestões e falta de uma economia que subsistisse uma população que cresceu exponencialmente durante o período de extração do látex por parte essencialmente do nordestino, que colaborou para uma metamorfose da população e da cultura nativa após intenso deslocamento para a região.

Se antes havia uma Amazônia Lusíndia bem demarcada pela união dos povos indígenas e a estrutura social, cultural e religiosa portuguesa, que conseguiu, em partes, soterrar os costumes das populações nativas, após 1º Ciclo da Borracha, o que se tem é um grande caldeirão recheado da contribuição daqueles que vieram povoar. Benchimol (2021) recupera o legado que esses imigrantes deixaram, como a extensa contribuição cultural dos indígenas — que está presente largamente e com grande evidência no dia a dia manauara — e portugueses, que resalta o papel da mãe portuguesa que educa o filho e faz questão de investir o máximo possível em sua educação.

Indo além, o autor distingue a rica colaboração pelas populações afro-brasileiras, que vão além de étnicas, para o complexo cultural amazônico: uma rica culinária, que inclui o tradicional vatapá, religiões de matriz africana e o sincretismo religioso; as danças e, até mesmo, influência no folclore dos bois-bumbás de Parintins. Por sua vez, dos italianos se herdou a persistência, o amor ao trabalho e à família; nos hábitos, o costume de falar alto e com as mãos; na culinária, as massas — a lasanha, o espaguete e a pizza “amazonizada”; no seio familiar, as mães que alimentam os filhos e os maridos com dedicação (Benchimol, 2021).

Entre esses e os demais povoadores, judeus, sírio-libaneses, ingleses e, posteriormente, japoneses e sulistas, Manaus se mostra uma mestiça cultural, que se abre para a contínua construção de uma mulher toda sua. Contudo, como visto no final do século XX, a representação simbólica da mulher manauara recuperou concepções coloniais no intuito de fomentar uma nova política onde a mulher amazônida se torna principal ferramenta para promover lucro ao capital na Manaus industrializada, colaborando para a degradação da nativa e estabelecendo diversas violências cotidianas à mulher regional.

2.2.3 Mulher à manauara

É impossível estabelecer a identidade da mulher amazônida urbana como algo acabado ou completo em seu todo, pois o sujeito feminino não nasce pré-moldado ou com sua concepção interrompida em determinado período para assim transformá-la em uma caixa na qual indivíduos conseguem se encaixar. Butler (2018) evidencia o caráter cultural e histórico da construção, inconstante e contextual, dos sujeitos de diferentes gêneros. A Amazônia, com sua distinta formação social e cultural, abriu-se para mulheres de diferentes raças, etnias, classes e culturas, mostrando que há várias formas de “ser” uma mulher manauara.

Todavia, ser mulher manauara é estar disposta a conviver na contemporaneidade com as concepções simbólicas construídas pela perspectiva androcêntrica do colonizador branco europeu. Apesar dos avanços do movimento feminista e das discussões acerca de um movimento decolonial para se reconstruir a Amazônia, a discriminação étnico-cultural sofrida pela mulher miscigenada da região revela a transmutação da linguagem simbólica que a violenta em seu cotidiano, seja na esfera pública — como sua posição no mercado de trabalho e no exercício de suas funções — quanto na privada, onde os efeitos da divisão sexual do trabalho resultam em uma dupla ou tripla jornada feminina.

Correlato a isto, destaca-se duas imagens específicas presentes nas concepções feitas da população feminina regional e outras duas, presentes na figura da mulher universal — que podem ser vistas tanto como repercussão da inserção dos valores burgueses durante a Belle Époque quanto legado da colonização e povoamento indo-europeu — que também convergem na proposição de impor uma diferenciação entre homens e mulheres no patamar intelectual e emocional:

1. *A mulher “fácil”*: na tese *Práticas corporais e sexualidade: erotismo e sedução em mulheres comerciárias de Manaus*, Jeanne Chaves de Abreu (2018) reconstrói o mito da “lasciva sexual” do período colonial como elemento chave para a difamação da mulher amazônida. Criando assim um paralelo entre as indígenas despidas, que eram vistas como instigadoras sexuais pelos colonizadores, com as mulheres comerciárias que usam roupas curtas apropriadas para o clima, que são vítimas de assédio sexual constante por homens locais e turistas;
2. *A mulher despolitizada, tímida e retraída*: dando nova aparência à indígena dócil, passiva e submissa, a instituição desta imagem acerca da mulher indígena na Amazônia — como prática política sexista do capital durante as primeiras décadas de Zona Franca — é discutida largamente em *As novas amazônidas*, de Iraildes Caldas Torres (2005), assim como a figura da mulher “fácil”. Ao contrário do que se formou acerca das

amazonenses, em específico da manauara, as mulheres operárias do Distrito Industrial do Amazonas foram precursoras nas conquistas sociais e lutas sindicais;

3. *A mulher incapaz*: advinda da variante da mulher frívola e de capacidade cognitiva inferior, a mulher como intelectualmente incapaz está presente principalmente nos espaços denominados masculinos. A dissertação *Das sombras ao protagonismo: a inserção das mulheres no universo do jornalismo esportivo em Manaus*, de Taniamara Queiroz Freitas (2019), mostra a profissional sendo afastadas de certos esportes (futebol) pela concepção de uma falta de competência atrelada ao seu gênero, o que dificulta sua consolidação na carreira;
4. *A mulher frágil*: uma mutação da corrente promovida pela medicina ovariana do século XIX, que aqui lê-se tanto como a mulher que deve resguardar suas forças para o lar quanto para a mulher fragilizada emocionalmente, esta figura propõe a delimitação nas escolhas das mulheres sempre em vista de suas outras “tarefas” e, ironicamente, levando-as a jornadas exaustivas. Em *As mulheres nas carreiras jurídicas no país dos bacharéis: avanços e desafios de advogadas e magistradas no estado do Amazonas*, Francélia de Jesus Paiva (2019) traz a público o tratamento machista recebido por advogadas e juízas e, em especial, como suas decisões de área de atuação estão atreladas aos seus múltiplos papéis e a sua suposta fragilidade emocional.

Em diferentes níveis, essas mulheres se cruzam nesses trabalhos e na realidade da mulher manauara, assim como a misoginia através dos discursos, do assédio, do estupro, da violência doméstica. O papel das intelectuais acima citadas é o de evidenciar a construção simbólica de um feminino que só promove o contingente dominante patriarcal e, ao esclarecer as premissas por trás da deturpação da imagem da amazonense, preveem a interrupção do fluxo da discriminação que afeta profundamente a mulher nativa. Como um ponto de ruptura da violência simbólica, reconstrói uma nova “verdade” acerca das amazônidas e manauaras.

Como posto por Bourdieu (2021, p.146), pensar criticamente a condição da mulher na sociedade para além das descrições de sua submissão cotidiana — destacando as estruturas, instituições e mecanismos de poder que margeiam sua existência — é “romper o círculo do reforço generalizado” da dominação masculina. Para o autor, as contribuições do movimento feminista se apresentam como fator de profundas transformações da posição da mulher no corpo social por apresentar nesses mais de dois séculos um pensamento crítico que incitou lutas e conquistas femininas. Desse modo, procura-se fazer uma síntese da história do movimento feminista mundial, sua atuação brasileira e colaboração amazonense a seguir.

2.3 Ondas de união: os coletivos do movimento feminista

Plural e variado, *feminismos*. Essa é a condição atual do movimento que se iniciou em meados dos séculos XIX em prol da isonomia política, social e econômica entre homens e mulheres. Uma luta por votar e ser votada, ter direito à qualificação e acesso ao mercado de trabalho, autonomia sobre propriedades e heranças. Um movimento social decorrente da Revolução Francesa e da Revolução Industrial em prol da mulher branca de classe média e, posteriormente, a proletariada, que mobilizou de maneira organizada e estruturada as reivindicações femininas.

Ainda que na memória coletiva estejam impressas as mulheres com bandeiras e cartazes em passeatas, Perrot (2007, p. 155) resgata que o movimento deu seus primeiros passos por escrito, com artigos, abaixo-assinados, livros e panfletos, e que as primeiras reuniões aconteciam “nas casas daquelas que tivessem um quarto acolhedor e cadeiras suficientes”. O autor ainda destaca três obras fundadoras do feminismo, que foram precursoras na modulação do pensamento crítico feminista e exigência de direitos: *De l'admission des femmes au droit de cité*, de Condorcet (1790); *Déclaration des droits de la Femme et de la citoyenne*, de Olympe de Gouges (1791); e, *A Vindication of Rights of Woman*, de Mary Wollstonecraft.

Apontada como uma das primeiras feministas brasileiras por Campoi (2011), Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810–1885) se pronuncia no cenário brasileiro com o livro *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. Indicado pela autora como uma tradução livre de *A Vindication of Right of Woman*, a obra é atualmente creditada como tradução de outro livro: *Woman not inferior to man*, de Mary Wortley Montagu (1739), que apresenta trechos plagiados de *De l'égalité des deux sexes*, de François Poulan de La Barre, publicado em 1673. Todavia, a colaboração de Nísia Floresta se apresentou seminal para o movimento também por sua presença em periódicos da época, iniciando sua jornada no *Espelho das Brasileiras* em 1931 já tratando da condição feminina.

Como instrumento comunicacional de grande importância no século XIX, a imprensa se apresenta como ferramenta de disseminação dos discursos e reivindicações das mulheres. Nos primeiros anos de República do Brasil, “os jornais *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino* e *A Família* se destacaram como publicações feministas de grande importância histórica, responsáveis por abordar, debater e divulgar a questão da emancipação da mulher como parte da vida pública nacional” (Rodrigues; Silva, 2014, p. 210). As publicações desse período são

marcadas pela conscientização da causa, garantia à educação feminina profissionalizante e direito ao voto.

Com a virada do século, fica mais evidente a perspectiva de um sufrágio feminino no Brasil, que mobilizou a criação de grupos como *Partido Republicano Feminino* em 1910, liderado por Leolinda de Figueiredo Daltro, e *Federação Brasileiro pelo Progresso Feminino* na década de 1920. O último teve como uma de suas líderes Bertha Lutz, grande nome da mobilização para a reforma da lei eleitoral de 1931, garantiu o direito ao voto às mulheres brasileiras no ano seguinte — direito este possível para as mulheres do Rio Grande do Norte desde 1928 (Siqueira, 2015).

Marca universal da primeira onda do feminismo, a conquista do voto feminino teve grande repercussão na garantia de direitos civis e, finalmente, voz nas decisões que influenciam tanto na esfera pública, política e econômica. O espaço aberto pelas primeiras feministas e grupos organizados repercute nas próximas ondas feministas, que representam marcos cronológicos de maior incidência de mobilização pela causa. Costa (2009, p. 4) faz associação metafórica com as ondas, que podem se transformar em tsunamis ao longe e destruir tudo na costa, com o movimento feminista:

Diferenciados por conjunturas, os feminismos, assim, são vistos, em geral, como irrupções em que, de repente, não mais que de repente, mulheres diversas se juntam, mostram-se “irmanadas” na agitação de “causas” ou motivações políticas que se avolumam e que avançam como onda. Esta, depois de atingir um ponto alto, desce, invadindo os mais variados territórios, em diversos tempos; em seguida, tudo parece dissipar-se.

O renascimento do movimento, sua segunda onda, acontece na década de 1960 e abre espaço para a articulação de uma teoria acerca das distorcidas diferenças entre homens e mulheres no terreno do desenvolvimento da categoria gênero, um pensamento que supriu a reivindicação da mulher sobre o próprio corpo. *O privado é político* aparece como lema deste marco, acompanhando as discussões acerca da violência domésticas e sexual, aborto e controle de natalidade, liberdade sexual, lesbianidade, entre outros temas pertinentes à parcela feminina da sociedade que procurava se libertar dos “comportamentos típicos da mulher feminina, suave, mãe, esposa e dona-de casa [...] em nome da liberdade feminina de se realizar pessoalmente da forma que bem desejasse, tendo inclusive a liberdade de não se casar e não ter filhos” (Siqueira, 2015, p. 336).

Entretanto, o que se via no cenário nacional era a união do feminismo identitário internacional a um “feminismo de resistência” frente a ditadura militar imposta por um golpe

de estado em 1964. Como um movimento de resistência, teve congregado outros grupos — como os negros e homossexuais — e outras lutas — como a de redemocratização do país (Caetano, 2017). O movimento feminista ganha assim, no Brasil, caráter de movimento de massa pelo seu viés político público e pelos debates sobre corpo, sexualidade, vida privada e liberdade feminina.

Por sua vez, a terceira onda — também tida como pós-feminismo por alguns teóricos — irrompe nas décadas de 1980 e 1990 com a desconstrução da universalidade da categoria “mulher” para evidenciar as diferenças em um grupo segregado amplamente diversificado. Neste contexto, passa-se a enxergar a pluralidade e as exclusões feitas até então no movimento:

Na primeira e na segunda ondas, mulheres como as *suffragettes* bem-educadas de classe média e as donas de casa americanas dos anos 70 e 80 tinham monopolizado as demandas feministas, em prejuízo de questões enfrentadas por outras mulheres que, apesar de serem também mulheres, não estavam no mesmo patamar daquelas em relação a outros marcadores sociais. Esse é o momento de ganho de autonomia e destaque de certos grupos dentro do movimento feminista, como os de mulheres negras, lésbicas ou trabalhadoras rurais (Siqueira, 2015, p. 338).

Este período abre espaço para discussões interseccionais entre gênero e outros marcadores de opressão, tais como raça, classe, etnia e sexualidade. Em um país com uma história escravocrata e de extermínio dos povos indígenas, a convergência de um pensamento feminista baseado nas relações de poder, nas instituições e mecanismos que as sustentam, possibilita a visibilidade de outros feminismos e suas reivindicações específicas. É neste cenário que o feminismo negro tem se destacado e discutido amplamente a situação da mulher negra de duplamente discriminada, por ser mulher e por ser negra — e, no contexto brasileiro, estar em sua maior parte na periferia.

Com a popularização da internet e das mídias sociais, também conhecidas como redes sociais digitais, Soares e Mazzarino (2021) levantam um renovado interesse no movimento feminista por meio dos índices de busca tanto no Twitter quanto no Instagram que levam a uma quarta onda feminista na atualidade. Neste contexto, as mídias sociais são um facilitador na conexão de mulheres, de organização de manifestações, de lutas políticas e de compartilhamentos de experiências, buscando retornar debates das ondas anteriores e trazer maior clareza quanto as vivências das diversas mulheres contemporâneas.

Em 2015, uma adolescente argentina foi brutalmente assassinada pelo namorado. No ano seguinte, outra adolescente argentina foi estuprada e assassinada de forma extremamente violenta. Os casos repercutiram na internet e nas mídias tradicionais, o que levou milhares de mulheres às ruas da Argentina em protesto. As manifestações foram organizadas por meio das redes sociais e logo romperam as fronteiras argentinas,

alcançando também as ruas de países como Peru, México e Chile (Soares, Mazzarino, 2021, p. 266-267).

Para Perez e Ricoldi (2019, p. 9), a quarta onda feminista está sendo marcada por três elementos em comunhão: as redes sociais digitais, a interseccionalidade e os coletivos feministas. O movimento feminista precisou se adequar ao advento das redes sociais, que apresenta dentre suas características atuais a falta de uma liderança clara e a cisão em grupos menores. Uma união entre ciberfeminismo e abordagem interseccional que permite a divulgação de diversas vertentes feministas, tais como “Liberal, Radical, Interseccional, Negro, Marxista, Lésbico, Anarquista e Transfeminismo, indicando assim a multiplicidade de lutas que juntaram ao gênero”.

Quanto à organização do movimento em coletivos, trata-se de características particulares do perfil atual do feminismo, que veem nos partidos, grêmios e associações um modelo engessado em sua atuação. Por meio de um formato fluído e discursivamente distante do estado, os coletivos apresentam temáticas próprias para angariar participantes e pautas diversas, não permanentes e escolhidas em coletividade. No Amazonas, a presença de organizações de mulheres com pautas interseccionais feministas ou não ocorre logo após o fim da ditadura militar na década de 1980 e apresenta célebres grupos inéditos para a história do feminismo no Brasil, como a *Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro* — criada em 1984 (Diagnóstico..., 2020).

Na atualidade, vários coletivos atuam na cidade de Manaus e utilizam as redes sociais para promover suas pautas e organizar atividades presenciais, híbridas ou *online* — como foi necessário para diversos setores em decorrência da pandemia de SARS-CoV-2, popularmente chamada de COVID-19, entre 2020 e 2022. O cenário manauara apresenta diversidade e participação extensa feminina em coletivos diversos, como o caso do *Humaniza Coletivo Feminista*, grupo de mulheres que luta pela erradicação da violência obstétrica e que ganhou popularidade nas redes sociais digitais em decorrência das denúncias de casos em hospitais públicos da cidade de Manaus.

Outro coletivo em atuação é o *Instituto Mana*, que tem como missão a emancipação feminina, promoção e defesa dos direitos das mulheres e combate à violência de gênero contra mulheres cis e trans na cidade de Manaus. O *Instituto Mana* possui uma rede de projetos de ação eficaz e ampla, promove debate mediante rodas de conversa, clubes de leitura (Clube das Manas), palestras, cinema em debate, orientação legal e auxílio de advogadas pro-bono. Por sua vez, o coletivo *As Amazonas* está atualmente focado na pauta da pobreza menstrual e seus

encontros promovem a arrecadação de absorventes, coletores menstruais e material de higiene para mulheres em situação de vulnerabilidade social.

No tempo atual, a quarta onda se faz presente na vida da mulher manauara, seja pelas redes sociais digitais, pela interseccionalidade do feminismo que finalmente a contempla ou pelos coletivos que se associa ou que agem por ela. Interessa ressaltar que a mesma tecnologia que abre caminhos para o feminismo contemporâneo pode ser a ferramenta de grupos de extrema-direita, que pregam o retrocesso social das mulheres, a volta de valores arcaicos, a violência contra mulheres e a ideologia fascista. Contudo, o movimento feminista atualmente se apresenta, nas ondas de seu desenvolvimento, democrático, acessível e popular, com força para enfrentar as lutas que se seguirão e, então, conquistar um futuro todo nosso. Exemplos desses coletivos bem ilustram o perfil da autonomia histórica que as mulheres constroem na sociedade contemporânea.

3 MEMÓRIA, LEITURA E PERTENCIMENTO

O que será que margeia o *pertencer* ao *Caboquinhas que Leem* e o *ser* uma caboquinha? Neste capítulo, os eixos teóricos e histórico-sociais são apresentados em vista de possibilitar a percepção de uma resposta para a pergunta acima no capítulo empírico desta pesquisa. Para tal, percorre-se os aspectos do pertencimento e da identidade social a partir da memória nas Ciências Humanas, que será desenvolvida a partir das elucidações feitas principalmente nas obras *Memória e História* (Le Goff, 1990), *A memória coletiva* (Halbwachs, 1990) e *Espaços de recordação* (Assmann, 2011), utilizando também uma interessante colaboração da semiótica soviética para agregar conteúdo a memória cultural.

No esquema da relação entre mulher e grupo, um fator se apresenta como essencial para iniciar esta afinidade: a leitura. Sendo assim, será feita uma contextualização histórico-social da leitura feminina, como esse percurso se inicia no além-mar e vem se prospectar na Amazônia — particularmente em Manaus. A escrita desse cenário foi feita a partir de Certeau (1998), para quem o ato de ler se configura como ação modificadora da realidade dos indivíduos do ordenado social no momento que estes dão significados que vão além das intenções do texto, entre outros autores de fora da região quanto pesquisadores dedicados a desvelar a Amazônia.

Seguindo o intuito de explorar eixos temáticos que supervisionem as elucidações no próximo capítulo, a última seção deste delineará a importância das configurações de clubes de leitura exclusivos para mulheres, como eles possibilitam um espaço único para a quebra do silenciamento histórico do feminino e promovem o reconhecimento social e, por conseguinte,

possibilitam o pertencimento de seus membros. Dessa forma, apresentar o cerne dos clubes de leitura femininos se torna relevante para fundamentar as inferências materializadas na averiguação dos sujeitos da pesquisa, que são imperativos para responder de forma fenomenológica às questões levantadas ao longo desta investigação.

3.1 Memória e pertencimento

As discussões sobre memória atravessam os mais variados campos do conhecimento, tendo especial força nas Ciências Biológicas quando das investigações sobre a formação da memória no cérebro humano, e também como seu uso pode ser identificado na natureza, especialmente para sobrevivência, ao longo da evolução dos animais. Acerca disto, Lara (2016, p. 1) conclui que “a memória pode ser entendida popularmente como a capacidade que o ser humano tem de conservar e relembrar experiências e informações relacionadas ao passado, sendo estas, parte de processos de interação de cada indivíduo com seu meio”. Nesse sentido, convém esclarecer que o debate desta seção será conduzido pelo viés social da memória, constituindo-se em grande parte pelos autores que se debruçam sobre o tema nas Ciências Humanas.

Talvez seja pertinente esclarecer que, mesmo no recorte das Humanidades, a memória não comporta um conceito unânime, nem aporta definições de todo finalizadas, o que significa afirmar que se trata de um tema geralmente utilizado para discussão sobre outras ramificações temáticas, como história, cultura, tradição, coletividade e assim por diante. A partir desta perspectiva, torna-se conveniente recorrer a certos autores que se aproximam com maior organicidade às angulações temáticas desta pesquisa.

Inicialmente, pode-se resgatar as contribuições de Le Goff (1990), para quem a memória compartilha grandes similaridades — mas principalmente divergências — com o conceito de história. Segundo o autor, é possível traçar um paralelo entre memória e história quando consideramos a coletividade dos fenômenos memorados. Isto implica supor que, da ocorrência dos fenômenos na sociedade se pode conceber o aspecto de comunidade vivenciado nos próprios fenômenos.

Em outras palavras, os fenômenos, independentemente da forma que ocorrem, são percebidos em coletividade, isto é, experimentados por indivíduos em um agrupamento social. Mesmo os fenômenos isolados na experiência de um único indivíduo são contaminados pela percepção deste indivíduo a partir de sua experiência coletiva. Assim, ainda que sozinhos, os

indivíduos constroem a memória própria sobre quaisquer fenômenos a partir da compreensão de mundo de que dispõem — esta última, decerto, acumulada na sua experiência com os outros.

É possível, então, especular que uma simples ação como ler um livro a noite, realizada na solidão do quarto em uma casa onde não há outros residentes além do indivíduo que lê o livro, está impregnada de compreensões coletivas, como a de ter sido ensinado por alguém sobre como decodificar as letras em palavras, a interpretação das palavras em informações, a importância agregada a leitura, ou mesmo a expectativa de adquirir um entretenimento para si e para outras pessoas nas interações que se sucederem pós-leitura. Em síntese, a ação de ler um livro pode parecer hábito solitário, mas congrega inúmeros “sub-rituais” que impelem o indivíduo ao espaço que ocupa na coletividade.

Ocorre que, em um cenário mais amplo, as ações individuais reverberam na própria sociedade, de modo que o caráter implícito destas ações no coletivo não exclui em automático a conclusão de que tais ações também são coletivas mesmo quando verificadas na individualidade. Sobre o exposto, Le Goff (1990, p. 426) aponta que “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento”.

Esta assertiva expõe uma amplitude maior sobre a questão da memória: a de que, embora a memória individual seja factível, sua reverberação na sociedade apenas pode ser mensurada no coletivo, uma vez que tanto foi influenciada pela coletividade quanto a influencia continuamente, dentre de uma comunidade de indivíduos. Deste modo, caberia supor que ler um livro, escovar os dentes, celebrar um aniversário ou casar-se na presença de uma pequena multidão de convidados são, enfim, camadas da memória de um coletivo, que por sua vez pode formar-se no resgate às tradições, às heranças históricas e às convenções da própria cultura experimentada pelos indivíduos.

Para acrescentar corpo a esta suposição, pode-se recorrer a Halbwachs (1990, p. 25), para quem “certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias”. Aqui, surge um complemento indispensável às noções de Le Goff (1990), que se expressa na compreensão de que, por nutrir uma essência coletiva, a memória se constitui a partir de um conjunto de versões — dos indivíduos — para os eventos coletivos. Ou seja, denota que a memória quase nunca será um retrato exato dos eventos lembrados, pois não apenas se imbui das lembranças individuais, como também das percepções unilaterais acerca de um dado

fenômeno, tornando a memória algo importante, desde que cuidadosamente considerada sob a volatilidade daqueles que a detêm.

Parte desse entendimento se deve à relevância da memória ao longo da história. Afinal, “vivemos em um tempo em que a memória se tornou, como nunca antes, um fator de discussão pública” (Assmann, 2011, p. 19). O argumento da autora refere-se ao fato de que atualmente o registro de eventos é acoplado às inúmeras tecnologias de captura, seja por imagem estática, em movimento, sonoro, dentre outros modos que se assomam à restrição anterior aos suportes escritos ou artísticos, como pinturas e cartas. Assmann (2011, p. 19-20) continua esclarecendo que recorremos “à recordação para curar, para acusar, para justificar. A recordação tornou-se parte essencial da criação identitária individual e coletiva e oferece palco tanto para conflito quanto para identificação”, criando uma espécie de memória cultural contemporânea acerca do nosso passado.

Culturalmente, talvez a exatidão da memória seja menos relevante do que seu registro. Adentra-se por esta via a concepção de controle por meio da memória, perspectiva esta tocada por Le Goff (1990, p. 477) ao pontuar que, “nas sociedades desenvolvidas, os novos arquivos (arquivos orais e audiovisuais) não escaparam à vigilância dos governantes”. O autor se debruça principalmente sobre ao controle da memória em meios de comunicação como a televisão e o rádio, mas algo que pode ser estendido — especialmente hoje — à Internet. Como solução a este problema, que recai na suposição de manipulação da memória social, Le Goff (ibid.) sugere caber “aos profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica”.

É fácil supor que a preocupação dos autores germina da compreensão parcial das pessoas de que a memória comporta a responsabilidade de lembrar do passado para aprender com seus marcos. Por este entendimento, se uma comunidade não tem memória de sua história, não dispõe do conhecimento para moldar um futuro ideal. Todavia, pode-se retomar à questão da exatidão na própria memória, no sentido de adicionar a este debate os aspectos de confiabilidade — ou melhor, a falta desta — que a memória coletiva carrega em sua composição social.

A memória, afinal, pode se constituir na individualidade, mas se consolida nos agrupamentos. Segundo Halbwachs (1990, p. 26), isto se sucede “porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distinguem materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem”. Neste sentido, o autor chega a uma concepção bastante pertinente para compreender a memória, isto é, a necessidade de uma comunidade afetiva.

Para a semiótica — uma ciência que estuda os sistemas de signos e suas diferentes influências sobre o homem, a comunicação e a história —, Machado (2003, p. 163) aventa também que “a cultura desenvolve-se como memória coletiva por abarcar a historicidade dos sistemas de signos, uma vez que se relaciona com a história passada [...]. Cultura é memória ou gravação na memória do patrimônio vivencial da coletividade; enquanto tal, reporta-se ao passado”. A mesma compreensão se repete em campos do conhecimento humano, permitindo aproximar-se de um possível conceito equânime sobre memória, o da necessidade do coletivo.

Tais elucubrações cedem indícios para relacionar a memória à construção da identidade, que, vinculada a um tipo de reconhecimento social, encaminha-se pelo desejo de pertencimento. Quase sempre, quando se reflete sobre os estereótipos de uma determinada cultura, costuma-se pensar nos vestígios que a definem, mas também a reduzem. Como dizer que a cultura brasileira é marcada pelas dinâmicas do samba e do futebol, que a cultura inglesa pode ser definida pelos resquícios do regime monárquico e da colonização americana, ou ainda que a cultura francesa se manifesta nos artefatos da culinária e da perfumaria. Ocorre que, independentemente da acurácia destes estereótipos, deve-se considerar se a memória de sua consolidação é, de fato, aceita em coletividade por cada brasileiro, cada inglês e cada francês que se depara com tais etiquetas culturais. Há, por certo, brasileiros que não demonstram interesses por esporte, nem sabem dançar os enredos das escolas de samba mais famosas no país. Da mesma forma que deve haver ingleses que não assumem a monarquia como um regime aceitável, e franceses que podem preferir um pão italiano a um croissant vendido nas proximidades de sua residência parisiense.

Não obstante, por ser construída no coletivo, a memória acaba desempenhando um papel fundamental na noção que os indivíduos possuem sobre pertencimento. Talvez seja possível supor que isso ocorre porque a memória se liga também à construção das identidades individuais e coletivas, por isso influencia a forma como as pessoas se relacionam e até mesmo como se sentem conectadas umas às outras. Nessa interação, muitos elementos decorrem como resultado da coletividade, como o compartilhamento de narrativas — por meio de histórias e experiências comuns entre os indivíduos —, consolidação de tradições — por meio da participação nas práticas e rituais —, conexão humana — por meio da rememoração de momentos significativos na história do grupo —, integração e inclusão — por meio do compartilhamento de memórias e experiência, em um mesmo agrupamento social, de indivíduos mais experientes com indivíduos ainda pouco familiarizados com os fenômenos —, dentre outros elementos.

Talvez, contudo, o ponto relacional mais importante entre a memória e a noção de pertencimento resida no poder que a memória tem sobre o sentimento de continuidade. A memória fornece uma sensação de continuidade ao longo do tempo, ligando o presente ao passado e projetando-se no futuro. Isso é especialmente importante em grupos que têm uma história longa e duradoura, como clubes de leitura ou organizações de apoio, pois a memória ajuda a manter a coesão e o propósito ao longo do tempo. Além disso, a continuidade sugere a oferta de estabilidade por meio da qual os indivíduos podem ver-se pertencentes ao grupo pela constância na sua participação.

Se a noção de pertencimento tem a ver com a parcela cultural da memória da sensação de fazer parte de um grupo ou comunidade, torna-se pertinente supor que o não pertencimento pode gerar problemas para os indivíduos, como próprio esquecimento de si em relação ao grupo ou a algo maior do que a si mesmos. Essas consequências podem se traduzir em isolamento e solidão, falta de apoio social, exclusão, identidade fragmentada — todos estes resultados possíveis em um cenário no qual a sensação de pertencimento não ocorre, e acaba afetando a estabilidade da tradição na memória cultural de uma sociedade. Logo, a noção de pertencimento é construída coletivamente por meio de experiências compartilhadas, memórias coletivas e identidade social em agrupamentos de indivíduos.

O que dita, portanto, a memória nacional de cada cidadão, por exemplo, não é o fato *per se* lembrado coletivamente na externalidade, mas a aceitação interna de pertencimento ao coletivo do qual fazem parte. Além disso, Le Goff (1990) também argumenta que a história inicia quando a memória termina, o que sugere, uma vez mais, a noção de que história não pode ser confundida como memória. Para o autor, enquanto decorre um fenômeno, os registros que se tem dele — não restrito aos registros físicos, mas ampliados às experimentações individuais e coletivas do próprio fenômeno —, podem ser considerados como memória. Por outro lado, findo o fenômeno, e após o desaparecimento de todos os indivíduos que o experimentaram, resta, portanto, a história — aqui, sim, admitindo os registros físicos como rastros da ocorrência do fenômeno. Assim, para gerar conhecimento verdadeiro devemos esquecer. Trata-se de uma internalização das experiências, pois, embora considerados história, tais vestígios sobre os fenômenos são primordiais — enquanto memória — para compreender a identidade coletiva de uma dada cultura.

Paralelo a isto, Assmann (2011, p. 17) determina que “a comunicação entre épocas e gerações interrompem quando dado repositório de conhecimento partilhado se perde”. Nisso se encontra o problema da preservação na existência dos registros, e o quanto a necessidade de, historicamente, a humanidade depender dos suportes destes registros pode se tornar uma

ameaça não apenas à própria história, mas à memória. Acerca do exposto, a autora expõe a diferença entre a memória cultural — aquela registrada nos suportes físicos (e digitais, atualmente) — e a memória comunicativa — sustentadas por meio da tradição oral e do conhecimento tácito repassado entre as gerações.

Por esse aspecto, Lara (2016, p. 2-3) acrescenta que a memória “acaba sendo constituída pelo resultado de um trabalho de organização e de seleção daquilo que é importante para o sentido de unidade, de continuidade e de coerência, ou seja, de identidade”. Todavia, é preciso retomar a noção de que a memória também se fragmenta na individualidade e na coletividade, portanto, a identidade, igualmente, confere-se a partir dessa dicotomia. Assim, junta-se ao pensamento da autora aquilo que dispõe Seyferth (2012, p. 22), cuja compreensão vai ao encontro da perspectiva de que “às vezes a memória individual pode se apoiar na memória coletiva e se confundir com ela; portanto, o indivíduo participa de duas formas de memória, que se alternam conforme os propósitos visados”. Nisto, o autor passa a compreender a memória como uma reconstrução/recordação do passado de modo contínuo e ininterrupto, mas sempre enviesada pela seletividade que os indivíduos fazem daquilo que desejam reconstruir e recordar.

Em uma conclusão similar, Le Goff (1990, p. 476-477) sintetiza que

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.

No mesmo cenário, Halbwachs (1990, p. 35) descreve o seguinte:

É assim que, quando se entra pela primeira vez em um quarto na boca da noite, quando vemos as paredes, móveis e todos os objetos mergulhados dentro de uma semi-obscuridade, essas formas fantásticas ou misteriosas permanecem na nossa memória como o quadro apenas real do sentimento de inquietude, de surpresa ou de tristeza que nos acompanhava no momento em que elas feriam nossos olhos. Não seria suficiente rever o quarto em pleno dia para recordá-las: seria necessário que imaginássemos ao mesmo tempo a nossa tristeza, nossa surpresa ou nossa inquietude.

Em outra medida, para Assmann (2011, p. 34),

Tudo isso funciona de maneira completamente diferente, se seguimos a placa para a memória com a palavra *vis*, “potência” [...]. A palavra “potência” indica, nesse caso, que a memória não deve ser compreendida como um recipiente protetor, mas como uma força imanente, como uma energia com leis próprias. Essa energia pode dificultar a recuperação da informação — como no caso do esquecimento — ou bloqueá-la — como no caso da repressão. Porém ela também pode ser controlada pela inteligência, pela vontade ou por uma nova situação de necessidade, e proporcionar uma nova disposição das lembranças.

Le Goff, Halbwachs e Assmann parecem convergir na relação entre memória e manipulação. No primeiro autor vê-se o peso da memória sobre o poder e quem o detém, de modo que a manipulação é resultado de uma intenção projetada na sociedade. No segundo autor, a manipulação está conectada a aspectos sensoriais, sob os quais a memória é manipulada pelos intercorrências do ambiente sobre o indivíduo. Por fim, para a terceira autora, a manipulação compartilha semelhanças com a vigilância, de modo que a memória pode ser controlada para “fazer parecer”, isto é, não para resgatar os episódios da história, mas para recontá-los com base nas intenções presentes sobre os fatos históricos.

Assmann (2011), por sua vez, categoriza a memória a partir de três vertentes que permitem seu estudo formal. São elas: (i) as tradições, por meio da mnemonética e dos discursos de identidade, manifestadas nos traços indicativos de uma cultura; (ii) as perspectivas, no interior das quais a memória se fraciona em cultural, coletiva e individual; e (iii) as mídias/os suportes, que se traduzem em textos (escrita), imagens, lugares, bem como em discursos (na literatura, história, arte, psicologia etc.). As vertentes apresentadas pela autora funcionam como uma cartografia da memória em que identidade, cultura e discursividade são lugares-comuns marcados no mapa da lembrança.

Por certo, quando se pensa na memória como tradição cultural, é possível retomar o vínculo do indivíduo a uma nação ou região específica, ação esta parcialmente sustentada na tipificação das pessoas a traços indicativos de sua cultura. Mas também é possível refletir sobre a tradição cultural por meio dos agentes que contribuem para sua consolidação. Ao longo da história, há certos atores que se sobressaem nessa tarefa, como escritores, inventores, artistas, enfim, expoentes deste ou daquele país que são visualizados pelos indivíduos externos como portadores estereotípicos de uma dada cultura.

Atualmente, essa dinâmica tem sido facilitada por meio do uso de tecnologias digitais, por meio das quais os eventos (que implicam na memória destes) podem ser registrados (armazenados para a história) com maior eficácia a partir da transmissão em tempo real de sua ocorrência. Com base nisso, torna-se pertinente endereçar-se a relevância dos meios (ou das mídias, para usar um termo mais próximo da realidade) para a eternização da memória.

Anteriormente, tais meios estavam melhor consolidados na tradição escrita, que ainda se mostra efetiva na atualidade.

Um estudo sobre as mídias da memória precisa partir da escrita e, na verdade, não só de suas dimensões social e técnica, mas também de seu desempenho memorativo, que certamente se avalia de maneira diversa, de cultura para cultura e de época para época. **As expectativas, esperanças e decepções que se prendem às letras são importantes indícios para a mudança estrutural da memória cultural na Era Moderna [...].** Um papiro do século XIII de nossa era compara a força preservadora de túmulos e livros e chega, com isso, ao resultado de que **a escrita é uma das armas mais eficientes contra a segunda morte social, o esquecimento** (Assmann, 2011, p. 194-195, grifo nosso).

Embora aponte para a efetividade da escrita como potencializadora do registro, a autora também a considera como uma ferramenta que dá suporte à memória. Todavia, esclarece que não se pode considerar a escrita como simples forma de registrar — como em um relatório, por exemplo —, mas também de contribuir para a construção da própria memória. Refere-se aqui à escrita ficcional, expressa nas histórias, poesias, argumentações científicas que permeiam a história. Como exemplo disto, poder-se-ia mencionar a obra *O Quinze*, de Raquel de Queiroz, que pode ser usado, em simultâneo, tanto como memória da seca no Nordeste do Brasil, como retrato da identidade brasileira daquela região, e ainda ser considerada uma das principais obras da historiografia da literatura brasileira.

A semiótica soviética, tratando a memória na relação com a cultura, determina como tradição a memória cultural. Ao discutir as potencialidades do texto como gerador de novos significados a partir da tradição criada em torno de si, auxilia na compreensão de como a escrita opera de modo diacrônico em várias camadas da cultura. Um de seus principais autores, Yuri Lotman, debruça-se sobre a memória como uma das principais funções da linguagem, expandindo a compreensão de que a memória só pode ser concebida por meio de códigos, como a escrita.

Nos dias atuais, *Hamlet* não é somente uma peça de Shakespeare, mas é também a memória de todas as suas interpretações e, mais, é também a memória de todos aqueles eventos históricos que ocorreram fora do texto, mas com os quais o texto de Shakespeare pode evocar associações. Podemos ter esquecido o que Shakespeare e seus espectadores conheciam, mas não podemos esquecer o que temos aprendido desde a época deles. E é isso que fornece ao texto novos significados (Lotman, 2007, p. 25-26).

O autor também esclarece melhor a relação entre memória e linguagem:

A terceira função da linguagem é a função da memória. O texto é não somente o gerador de novos significados, mas também um condensador da memória cultural. Um texto tem a capacidade de preservar a memória de seus contextos prévios. Sem essa função, não poderia existir a ciência da história, já que a cultura das épocas precedentes (e falando de forma mais ampla, sua reprodução da vida) é, inevitavelmente, transmitida a nós em fragmentos. Se um texto permanece na consciência daquele que o percebe somente como ele mesmo, então o passado nos seria apresentado como um mosaico de fragmentos desconexos. Mas, para quem o percebe, um texto é sempre uma metonímia de um significado integral reconstruído, um sinal discreto de uma essência não discreta. A soma dos contextos, na qual um dado texto adquire interpretação e à qual está de certa forma incorporado, pode ser chamada memória do texto. Esse espaço-significado criado pelo texto ao redor de si mesmo faz parte da relação com a memória cultural (tradição) formada anteriormente na consciência da audiência (Lotman, 2007, p. 24-25).

Tal como a memória em si, contudo, a escrita ficcional também não pode ser encarada como um retrato exato da história, uma vez que impera nessa linguagem a licença poética. Ainda assim, mesmo imbuída dos elementos narrativos que a tornam ficcional, a escrita pode ser indicativa da memória pelos valores simbólicos que congrega em sua composição. Neste ponto, passamos a uma concepção mais representativa da memória, isto é, manifestada pelos inúmeros signos — textuais, imagéticos, culturais — evocados nas estruturas narrativas de uma determinada obra.

Colocado este panorama sobre memória, contextualizado seus principais conceitos e as vertentes da memória cultural, coletiva e individual, passa-se a seguir a recompor aspectos que permeiam a leitura feminina, a trajetória da mulher leitora de um panorama Europeu para o regional e, então, traçar a importância que esta conquista no fim do século XIX na Imprensa amazonenses, que será palco de suas primeiras reivindicações emancipatórias.

3.2 O ato de ler e a leitura feminina

Mais do que um ato de simples decodificação, a leitura é um instrumento passível de construção e desconstrução de valores. Sua existência e historicidade são entremeadas de relações de poder e, por isso, a leitura foi usada como ferramenta de dominação pelas elites para reforçar sistemas que as beneficiassem. O ler — e por correlação o escrever —, ao conceder status, reforçar o intelectual elevado e legitimar o direito a quem o teria em sua posse, foi efetivamente conferido à esfera masculina. Desta esfera transformou-se na ferramenta para subjugar a mulher e grupos minoritários (Borges, 2020).

É nesse sentido que Certeau (1998) pontua sobre um grupo detentor do poder de definir o que seria culturalmente aceito, determinando modelos a serem seguidos e reforçados pela ferramenta da leitura, cuja característica neoliberal ganhou vazão no século XX. Esperava-se

que, ao consumirem o que lhes fosse cedido por uma elite detentora do poder, os leitores-consumidores se conformassem e se assemelhassem, então, ao conteúdo absorvido de forma passiva, catequizadora. O intuito era reformar a sociedade europeia através do livro e da criação de novos leitores, frutos de uma alfabetização em massa, na qual as mulheres foram incluídas no século XVIII.

O século XIX foi marcado pelo desenvolvimento tecnológico da imprensa, a popularização do livro e pelas novas categorias de leitores que emergiram: os operários, as crianças e as mulheres; estas últimas passaram a ser uma parte substancial do público leitor, ao mesmo tempo que excluídas da atividade de escrever (Lyons, 1998). Além disso, o conteúdo consumido por essas mulheres passou a preocupar a sociedade patriarcal, que punha o público feminino em uma categoria de intelectual inferior. Para elas não existiriam leituras “sérias”, pois essas poderiam ocasionar grandes transtornos para o desenvolvimento de seu papel, segundo os recortes da época.

Por conseguinte, textos religiosos, livros de cozinha, revistas femininas e os romances populares eram exemplos de leituras aceitas para esse grupo. Como efeito, as mulheres passaram a consumir muitos romances que perpetuavam o estereótipo relacionado a elas de detentoras do lar, mantenedoras da moral e dos bons costumes, e obedientes aos maridos. O romance desse século, do ponto de vista de Dumont e Santo (2007, p. 31), vinculava à mulher as características tidas como naturais para estas, como “sensibilidade, irracionalidade e emoção, impondo o amor como ingrediente constitutivo, e essencial, da identidade.”

Entretanto, não se esperava que as mulheres tomassem posse e se sentissem instigadas a remodelar o texto através de novas significações. Começava-se a perceber que elas não eram depósito passivo do conteúdo manipulador que se encaixava na visão patriarcal. As leitoras daquela época resignificaram os textos que liam, deram novos sentidos ao conteúdo e, por eles, foram modificadas, tal como Certeau (1998) argumenta que leitura pode fazer com o leitor. Em justaposição, Cavallo e Chartier (1998) creditavam este fato à transformação do ato de ler, que deixou de ser feito em voz alta para os familiares no recôndito do lar e passou a ser silencioso, permitindo uma conexão mais livre, íntima, reservada e subjetiva.

Ao passo que a leitura era internalizada, o patriarcado não contava que, além de descortinar o mundo das letras, as histórias frívolas de amor seriam temas nas reuniões sociais e auxiliariam essas mulheres leitoras na socialização com outras mulheres (Dumont; Santo, 2007). Enquanto os homens conversavam sobre os assuntos do dia publicados nos jornais, as mulheres destrinchavam os enredos, os personagens, contestavam uma ou outra ação e buscavam a própria existência nos romances, começando a ir além do intuito do texto.

Esta não foi a primeira vez que as mulheres subverteram o material colocado em suas prateleiras. Manguel (2004) elucida acerca dos romances gregos antigos que possuíam valores característicos e aprovados para aquela sociedade, mas que ainda assim estimulavam o intelecto feminino. Não fosse o bastante, na busca por enxergarem a própria realidade, o autor também relata que mulheres da corte japonesa no século XI quebraram paradigmas ao escrever os seus cotidianos e fundar a principal literatura daquele período.

Concernente a isto, há duas maneiras de ler esses eventos (Borges, 2020): o primeiro a partir da perspectiva de que as mulheres sempre formaram um grupo segregado, separado de outras possibilidades, de outros gêneros literários e dominado pelo masculino; a segunda é enxergar que, apesar de todos os contornos das sociedades nas quais estavam inseridas, buscaram desenvolver a própria existência como consequência de “um esforço para afirmar a sua liberdade e para dar à sua própria vida uma certa forma na qual era possível se reconhecer, ser reconhecido pelos outros e na qual a própria posterioridade podia encontrar um exemplo.” (Foucault, 2016, p. 290 *apud* Borges, 2020, p. 280).

Para tanto, no âmbito da leitura e da escrita, haveria três opções para os grupos segregados (Manguel, 2004): 1) abrir caminho na literatura para encontrar espelhos de si mesmas nas histórias; 2) tornar-se escritora para si e para o grupo, inventando novas maneiras de contar história; e 3) escrever para repetir os estereótipos e os preconceitos que levaram à criação do grupo. Por menos nobre e indigesto que fosse para a mulher, tornar-se escritora foi o que Virginia Wolf fez e através de suas palavras deu um novo incentivo para as mulheres de sua época como escritora, leitora e protagonista de sua própria realidade (Borges, 2020).

Apesar de os textos como manuais, romances e periódicos femininos serem menosprezados pela crítica, a voz das mulheres passou a ser ouvida com frequência nesses veículos de comunicação, mesmo com a censura explícita, o pouco reconhecimento e os comentários de sua futilidade (Dumont; Santo, 2007). É através dos periódicos e livros tidos como subversivos que começam a surgir vozes femininas, cujo objetivo era buscar a igualdade de direitos, participação política e questionar a posição da mulher na sociedade (Rodrigues; Silva, 2014). Sendo assim, percebe-se a união benéfica na história da leitura/escrita com o viver feminista, uma relação inicialmente dolorosa, carregada de poder e manipulação, mas também ferramenta poderosa na emancipação feminina.

No contexto regional, a mulher leitora inicia sua jornada através da imprensa amazonense na Belle Époque amazônica — onde os anseios e interesses femininos foram vislumbrados a partir da ótica conservadora da elite local —, onde a imprensa teve grande papel ao articular um discurso sociocultural próprio de sua época, refletindo, retratando e propondo realidades

para então abrir espaço para reivindicações políticas, educacionais e trabalhistas femininas (Pinheiro, 2009).

Contudo, ao conduzir normas e valores elitistas, a Imprensa propagava os ideais burgueses e concepções de “civilizar” a população. Assim, ela também apresentava uma postura pedagógica, pretendendo disciplinar a população nos moldes circunscritos da Belle Époque Amazônica. Quando instalada a imprensa no Amazonas, na recém-criada província do Amazonas em 1850 — iniciando uma transformação sociopolítica e cultural no desenvolvimento da região —, havia em sua base um “projeto político de divulgação e propagação de novos valores, tão necessários a região” (Menezes, 2014 p. 42).

Durante a Belle Époque manauara, segundo Santos Júnior (2013), dois vocábulos se apresentavam continuamente nas falas das autoridades, no senso das elites e na percepção dos cidadãos: modernidade e civilidade. Para alcançar um estilo de vida refinado, a imprensa entra como um instrumento regulador do Estado, que não aceita hábitos e costumes tradicionais. Em busca de inserção no mundo moderno, os jornais recriminavam os banhos de rios, as vestes, a utilização das praças para descanso, o futebol na rua e demais hábitos populares em vista de contê-los em prol das “boas famílias” e mandos de seus senhorios.

Nessa conjuntura, a mulher se apresenta como forte receptora de um discurso moralizador, que a encarrega de zelar pela moral e os bons costumes, e que reforça seu enclausuramento ao espaço privado e a limita intelectualmente a temas tidos como amenos e fúteis. Como parte substancial do público leitor e impulsionadoras de vendas, elas passam a ser enxergadas pelos editores e escritores na primeira metade do século XIX no Brasil e no fim do mesmo século no Amazonas. Ainda que não expressivamente como escritoras, jornalistas e parte do processo de produção dos jornais, mas como “peças-chaves [...] como leitoras, receptoras e alvos (porção esta que pesa mais)” (Menezes, 2014, p.31).

Da união entre imprensa e literatura, a mulher como leitora assídua surge. Presa às circunstâncias sociais, se apegou aos folhetins com ideais românticos e aos espaços privados das personagens femininas (Corrêa, 2021). Devido ao grande interesse desse público pelo romance periódico, espaços dedicados ao “belo sexo” ganham lugar nos jornais amazonenses. Não se limitando às “frívolas histórias de amor”, percorreu outros aspectos da vivência feminina: vida social, moda, casamento e família (temas considerados oportunos para mulheres); e, posteriormente, as lutas feministas.

Nos primórdios da imprensa amazonense, Pinheiro (2009) elucida o espaço modesto das crônicas sociais que eram dedicadas para as mulheres. Esse conteúdo se expande na década de 1880, quando a imprensa passa a identificar as mulheres como público consumidor dos folhetins

e vê a expansão da vida social citadina como um interesse feminino. Os jornais passam a escrever *para elas*, a cortejá-las em pequenas páginas e colunas nos principais jornais da província para então se dedicar exclusivamente a elas.

Em 1890, o editorial do *Pão* saudava “com efusão d’alma aos seus amáveis leitores e em especial as suas gentis leitoras”. Da mesma forma, o efêmero *Vitória Régia* anunciava-se como semanário dedicado às senhoras (*Vitória Régia*, n. 1, 1897). Anos depois, *A Platéia* também não esconderia seu público-alvo e os temas que queria desenvolver. (Pinheiro, 2009, p. 33)

Em tom leve, a *Platéa* nega discussões políticas, comerciais ou científicas, pois pretendia entreter suas leitoras com fofocas, moda e amenidades. Na perspectiva de Pinheiro (2009, p. 34), a conexão entre mulher leitora com assuntos triviais e fúteis refletia “uma forte carga de preconceito que via as mulheres como naturalmente incapacitadas para a compreensão e o trato com os grandes temas da política, da economia, das letras ou da ciência.”

No artigo *Avante!*, publicado no jornal feminino O Grêmio em 1909, Mathilde Areosa advoga na luta por educação feminina e esclarece acerca da equidade intelectual no seguinte trecho:

A inteligência e a compreensão da mulher, estão em correlação equitativa com a do homem, sendo porém a deste mais cultivada.
O homem tem mais força de vontade e o seu ideal é mais elevado porque elle sonha com o que é grande, sublime e glorioso; trabalha, luta, pensa, emprega inauditos esforços, para a resolução dos problemas que lhe apresentam ao pensamento, até encontrar a solução exacta, e assim torna-se superior; problemas estes que a mulher talvez só em delles ouvir falar os considera logo impossíveis.
Por que?
Pela falta de compreensão, pela falta de reflexão, pela falta de orientação?
Não, mas pela ausência da cultura intellectual necessária.³

A autora deixa claro seu posicionamento, e também de O Grêmio, quanto a educação para o desenvolvimento cultural e intelectual da mulher. Fica evidente no trecho que ela descredibiliza o discurso de inferioridade biológica em prol das questões sociais em vigor e, assim, evidencia que quanto mais afastadas de temas desautorizados a elas pela estrutura patriarcal menos possuem compreensão deles. É fruto de uma limitação imposta e reforçada pelo patriarcalismo, e que pode ser vencida através da educação.

A necessidade de educação, na perspectiva do Grêmio e demais jornais femininos e feministas, “era identificada como a mais importante ferramenta de libertação feminina, capaz

³ O Grêmio, n. 1. Manaus, 05 de setembro de 1909.

de transformar a vida das mulheres que melhor soubessem oportunizar os espaços abertos por elas” (Campos, 2021). Entretanto, O Grêmio ainda persistiu em um discurso religioso e positivista da consagração do papel da mulher. Sendo assim, a educação tinha como objetivo a formação para a melhor criação dos filhos.

Incorporado ao cotidiano feminino, tanto os jornais escritos para o público masculino que abriram espaços para as mulheres quanto nos jornais focados no público feminino tendiam a se posicionar de forma controversa similar. Entre imposições de valores morais para os sujeitos femininos em um artigo e emancipação feminina em outro, a imprensa representava muito bem a dicotomia da busca pelo requinte social europeu versus os traços sobressalentes da cultura que se pretendia ultrapassar na Belle Époque Amazônica.

A partir desse momento, vemos o fortalecimento da presença da mulher escritora adentrar a imprensa amazonense. E, no decorrer do século XX, poucos nomes femininos se fortalecem no cenário do que Santos (2022) chama inicialmente de “literatura amazonense de autoria feminina”, tais como Violeta Branca e Astrid Cabral — em meio a mais de duas centenas de autores masculinos — que evocam em suas obras a regionalidade latente do Norte. Entretanto, o que o pesquisador quer provocar é a falta do reconhecimento de uma Literatura Amazonense e, mais especificamente, de autoras legitimadas por sua escrita no Amazonas.

Santos (2022) instiga a reflexão da supervalorização de uma literatura masculina, branca e europeia frente subvalorização da literatura regional e feminina, onde ela vê que existe um condicionamento por meio da formação formal de dar valor, atenção e prestígio aquilo que congrega uma mensagem dos “dominantes” — no sentido da dominação masculina (Bourdieu, 2020) e também da palavra do colonizador. Dentro desse circuito, pesquisadores que continuam a priorizar obras destes teores, “em sua maioria, trazem à tona o eterno complexo do crítico misógino, machista, colonizado e/ou subalterno” (Santos, 2022, p. 12).

Esse comportamento reforça o silenciamento social das mulheres no âmbito da literatura, seus nomes esquecidos e suas histórias pegando poeira a espera do resgate que pesquisas como de Santos (2022) fazem. Nesta situação, a leitura de obras femininas, sobretudo regionais, é um romper do enclausuramento do esquecimento por todas sofrido. Os clubes de leitura, como o *Caboquinhos que Leem* e o *Leia Mulheres*, que prestigiam exclusivamente a leitura de obras escritas por mulheres, veem a possibilitar a divulgação, o reconhecimento e o protagonismo negado de quem é lido e de quem lê.

3.3 A sete chaves: clubes de leitura exclusivos para elas

Seria impróprio pensar nos clubes do livro, discutidos academicamente no Brasil sob a nomenclatura de clubes de leitura, como um simples encontro regular de um grupo de pessoas para discutir leituras pré-determinadas. Independentemente do modelo, seja articulado pela escola ou por mulheres de meia-idade, presencial ou online, os clubes de leitura são espaços promotores de sociabilidade, crítica literária e reflexão (Souza, 2018). E, para mulheres, se apresentam como subversivos e emancipatórios.

As origens dos clubes de leitura aludem aos grupos puritanos de estudos bíblicos e aos salões parisienses do século XVII e XVIII, nos quais os objetivos estavam entrelaçados com a literatura e a filantropia. Fallon (2017) recorda o caso de Anne Hutchinson, na década de 1630, que chegou a ser julgada pelo governo e banida por criar e manter seu próprio grupo de estudos bíblicos que acontecia após a exposição do ministro de sua congregação com o intuito de discutir as escrituras. Hutchinson foi acusada de heresia pela Igreja e seu ato foi tido como não adequado para seu gênero pelo Estado.

Mesmo que os clubes de leitura tenham uma maior adesão feminina, estes sempre estiveram ligados aos domínios do masculino. Refletindo seu ideal, os estereótipos da sociedade patriarcal seriam reforçados através das leituras permitidas que seriam discutidas pelo grupo. Sendo assim, mesmo que as mulheres atuassem como organizadoras e mediadoras, elas não se encontrariam nas obras e as discussões seriam nada mais do que meras repetições de um sistema imposto a elas sem a visão — ou mesmo a intenção — de contra-atacar (Borges, 2020).

Contudo, as mulheres migraram para além do intuito dos textos, abarrotando suas estantes, e alcançaram novas possibilidades (Manguel, 2004). Ressignificaram as histórias e, para receio dos que detinham o poder, extrapolaram em suas reflexões. Sua segregação literária possibilitou sua integração como grupo, unindo-as para promover sociabilidade e constituir, por fim, clubes de leitura e clubes de mulheres célebres no século XIX. Havia, doravante, novas conjecturas para o feminino, que encontrou múltiplas possibilidades de interpretações em suas leituras (Chartier, 1995).

Apesar de as questões femininas terem evoluído através dos movimentos feministas durante o último século, as relações de poder entre os gêneros ainda afetam a dinamicidade nos clubes de leitura. As obras escolhidas reforçam os valores patriarcais e existe, outrossim, a predisposição de escolher obras escritas e protagonizadas por homens, um problema comum em grupos mistos, como aponta Souza (2018), elevado pela falta de diversidade no mercado editorial, como argumenta Dalcastagné (2012).

Esse cenário se mostra controverso quando nos deparamos com os resultados da quinta edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (Instituto Pró-Livro, 2020), que aferiu que

54% dos leitores brasileiros são mulheres e que 56% dos leitores de literatura, também. Veiga (2016), por sua vez, aponta para a pesquisa realizada pelo grupo editorial Companhia das Letras, que descobriu que 76,7% dos frequentadores dos clubes de leitura no Brasil são mulheres. Porém, mesmo sendo maioria, elas não conseguem se enxergar nas narrativas em vista das prerrogativas masculinas.

Enquanto integrantes de clubes de leitura tradicionais, as mulheres não poderiam avançar além das contestações do não se enxergar e, por isso, seria primordial a construção de ambientes voltados unicamente para sua prosperidade (Borges, 2020; Fallon, 2017; Souza, 2018; Xavier, 2018). Clubes deste tipo existem na atualidade sob diversos aspectos: alguns são refúgios para donas-de-casa sobrecarregadas; outros visam discussões políticas em alta e ainda há aqueles para se socializar.

Clubes de leituras voltados para mulheres foram por muito tempo criticados sob o mesmo contexto da futilidade do ato atrelado à escolha das leituras — romances voltados para mulheres em sua maioria e tidos como não-literatura —, e à pouca crítica literária profunda das obras selecionadas. Souza (2018) expõe essas críticas de forma a contrariá-las, pois para ele o livro é um meio de socialização. Através do livro se cria a periodicidade dos encontros, o motivo motor da constituição do grupo e dele sempre se gera algum conhecimento associado às vivências dos integrantes.

Longe de submeter a leitura a um segundo plano, os clubes de leitura voltados para mulheres possuem uma identidade única,

configurando-se como espaços nos quais mulheres podem discutir seus valores, impressões e se reconhecer enquanto pertencentes a um gênero historicamente silenciado. Os encontros seriam uma oportunidade para que elas alcançassem um protagonismo negado em diversas instituições sociais. Verifica-se que, em vários clubes, o gênero impõe um direcionamento às discussões e contribui para a criação de vínculos entre as participantes. (Souza, 2018).

Com a leitura sendo o traço comum entre essas mulheres, independentemente de suas razões para participar, os clubes de leitura dedicados a elas abrem espaço para amizades que as estimulam a participar mais, proporcionam segurança para se expressar e incitam o hábito da leitura. Além disso, elas encontram liberdade de expressar suas necessidades de leitura para a mediadora e procuram cada vez mais encontrar espelhos de si mesmas nas obras, estimular a leitura de outras mulheres e se contagiar com as diferentes impressões compartilhadas pelas outras integrantes.

4 AS CABOQUINHAS

As caboquinhas: mulheres amazonenses leitoras, tendo em comum o gosto por ler romances românticos, unidas inicialmente pela oportunidade de compartilhar suas experiências de leitura. Em sintonia com os relatos coletados na busca por responder às questões norteadoras desta pesquisa, pode ser tanto “o” *Caboquinhas* quanto “as” caboquinhas; a primeira forma de referência diz respeito àquilo que as uniu e a outra, àquilo que elas são, como se enxergam e como orgulhosamente se identificam.

Neste capítulo, em vista do arcabouço teórico alçado nos capítulos anteriores, desbrava-se a relação mulher-leitura-sociabilidade-emancipação a partir de um clube de leitura, o *Caboquinhas que Leem*, e suas sociabilidades fomentadas pelo hábito de ler de suas integrantes. Para tal, inicialmente, reconstitui-se a história de formação do grupo através das recordações das participantes desta pesquisa e, também, destaca-se a criação do clube de leitura como uma das atividades centrais do grupo.

Em vista de identificar qual recorte da população feminina da Região Metropolitana de Manaus que se visibiliza nesta investigação, é realizada a categorização do perfil das integrantes do grupo levando em consideração as respostas coletadas na 1.^a etapa da coleta de dados, referente às 47 respondentes do questionário, que percorre idade, renda, estado civil e, também, a influência das múltiplas jornadas femininas na frequência de leitura das caboquinhas, dentre outros pontos de interseção.

Consequente a isto, foca-se no alcance dos objetivos por meio dos relatos, tanto sobre os temas das leituras do clube de leitura quanto pela relação entre leituras realizadas em conjunto e a realidade das caboquinhas, aspectos estes capturados nas entrevistas coletivas realizadas na 3.^a etapa da coleta de dados, que se refere a uma amostra de 9 participantes da pesquisa. E, por fim, discute-se a convergência da possibilidade de emancipação a partir da leitura em grupo, que remodela a lógica cultural das caboquinhas.

Convém esclarecer que, no intuito de resguardar o anonimato das caboquinhas, as respondentes da pesquisa ganham nomes fictícios populares para mulheres no Brasil, tais como Maria, Helena, Cecília, Diana, Eduarda, dentre outros, e, ao serem citadas nas próximas páginas, considera-se afrouxar os procedimentos de citação para melhor fluência de leitura. Sendo assim, as respondentes serão chamadas a seguir apenas pelo nome sem inserir o complemento recomendado pela norma de citação.

4.1 As Caboquinhas que Leem: o grupo de mulheres e o clube de leitura

Sediado na cidade de Manaus, o grupo *Caboquinhas que Leem* conta com uma trajetória de sete anos entre encontros presenciais e comunicação diária através de aplicativos de mensagens eletrônicas. Seu grupo no WhatsApp é composto por um total de 90 mulheres, sendo dessas 55 ativas, que ingressaram principalmente por recomendação de outras leitoras através de encontros literários, conhecidas e mídias sociais. A fundação do grupo remete ao ano de 2014, como descrito por Elis:

É uma recordação muito boa, lembra disso? Porque o Caboquinhas foi criado por mim, a Raíssa e a Bianca. Em uma postagem da Sue Hecker, perguntando a cidade, em 2014, a gente pegou o número uma da outra. A gente nunca conseguia se encontrar. Nunca deu certo esse encontro, até um dia, quando a Megan Maxwell veio pra Manaus.

Apesar de seu surgimento ter se dado através do grupo no Facebook da autora nacional Sue Hecker, que é considerada uma caboquinha interina, o início do que hoje é o *Caboquinhas*, de fato, aconteceu devido à participação de um pequeno grupo de leitoras de romances na sessão de autógrafos da autora espanhola Megan Maxwell em 2016, que veio em turnê ao Brasil lançar o primeiro volume de sua série *Guerreiras*, do qual deriva o apelido de suas leitoras. Ao passar por Manaus, a autora fez com que suas guerreiras manauaras se reunissem pela primeira vez. Helena descreve esse evento da seguinte forma:

Calhou de no mês de setembro a Megan Maxwell, escritora espanhola, vir autografar em Manaus. E, neste dia, por incrível que pareça, se reuniram muitas das leitoras pioneiras do Caboquinhas. E aí, naquela história de começa um troca aqui e um troca ali, acabaram que foram se adicionando. E aí, quando eu entrei no grupo, a gente não tinha um nome, a gente não tinha nada definido, eram apenas algumas leitoras manauaras que curtiam romance.

Exclusivo para leitoras e escritoras amazonenses ou que residam na Região Metropolitana de Manaus, as integrantes do *Caboquinhas que Leem* possuem uma característica em comum: todas leem romances. Foi o romance, marginalizado pela crítica literária e escrito por mulheres na contemporaneidade, que possibilitou o surgimento do grupo. Como dito por Souza (2018) no capítulo anterior, o gênero — literário e das participantes — agrega motivo a constituição e a continuação do grupo, assim como oportuniza o alcance de um protagonismo negado e a segurança no compartilhamento de experiências.

Por ser um grupo predominantemente feminino, eu me sinto muito confortável, até mesmo de falar questões de sexualidade, da gente [mulher], falar um pouquinho mais de romance, de desejos, de experiências, e isso sempre me deixou durante esses seis

anos muito confortável. Então, acabou sendo o meu esteio emocional em muitos momentos (Antonella).

A possibilidade de um ambiente de acolhimento surge junto à entrada de Helena no grupo, uma figura central nos relatos das caboquinhas, que a veem como líder. A partir da entrada dessa integrante, o grupo se organiza, decide em consenso um nome, ganha identidade visual, planeja encontros e, até mesmo, é apresentado na Assembleia Legislativa do Amazonas em 2018. E estabelece uma missão: “tornar o Caboquinhas uma rede de apoio que englobasse, em todas as áreas possíveis, o que uma mulher precisa pra ter uma vida o mais saudável possível” (Helena).

E aí escolhemos: é *Caboquinhas que Leem*. E nós criamos a primeira identidade visual do grupo, que era uma pessoa deitada na rede com a perninha de fora. Uma moça, uma mulher com a perninha de fora, lendo num espaço bem realmente natural com árvores e tudo mais [Figura 1]. Porque isso é uma experiência, é um exemplo que ele [o design] tem desde sempre na vida dele. A mãe sempre com o livro, a mãe sempre lendo, que foi algo que eu herdei da minha mãe e por aí vai (Helena).

Figura 1 — Primeira identidade visual do *Caboquinhas que Leem*



Fonte: Arquivo do Grupo (2017).

Como professora de Literatura e pedagoga, Helena utilizou os conhecimentos adquiridos ao longo da sua vida profissional para dar uma nova vertente para este grupo de mulheres. Ao entender a leitura como algo essencial para o desenvolvimento humano, estabeleceu estratégias de incentivo ao hábito da leitura e uma política antipirataria de livros. As atividades dentro do *Caboquinhas que Leem* visam:

- a) indicação de leituras pelas integrantes: intitulado como “Leitora Assídua”, esta atividade é mensal e resulta em listas de indicações feitas a partir das leituras realizadas pelas caboquinhas;
- b) incentivo à aquisição de livros e *e-books*: o grupo negocia com autoras independentes e editoras exemplares para compra, também divulga promoções e promove compras coletivas;
- c) doação de livros: a biblioteca do grupo, como é chamada, recebe doações das integrantes e de editoras que são passadas para outras integrantes por meio de sorteios ou entregues durante encontros;
- d) divulgação de *e-books* gratuitos: todo dia é divulgada uma lista com *e-books* gratuitos no grupo.

Doravante, algumas dessas atividades são reunidas na composição do projeto que nesta pesquisa ganha destaque: o clube do livro *Caboquinhas que Leem*. Sua essência repousa não somente no incentivo à leitura, mas em abrir espaço para a literatura nacional e regional contemporânea escrita por mulheres. Na entrevista coletiva, Luísa destaca especificamente esse tópico ao ser perguntada sobre uma leitura que tenha impactado na sua permanência no clube:

Se eu não estiver errada, *Correndo para você* (Ana Rita Cunha, 2018), foi a primeira leitura que eu fiz com o grupo. E foi o meu primeiro contato com a literatura contemporânea amazonense, que eu nem sabia que existia. Essa leitura me marcou muito.

O planejamento das leituras a serem feitas pelo clube se inicia com a indicação de autoras e obras pelas caboquinhas, que devem atender aos critérios de ser uma obra nacional, escrita por uma mulher, que esteja disponível sobretudo em *e-book* e que a autora tenha domínio sobre a obra para disponibilizá-la gratuitamente ou que possa negociar junto à sua editora a disponibilização democrática para a leitura. Ademais, essa mesma autora precisa ter a disponibilidade para participar de forma presencial ou virtual no debate final para responder questões sobre o livro e seu processo de escrita.

Para mim, foi marcante o clube do livro da Sue Hecker [*A fênix de Fabergé* (2018)], porque eu nunca tinha conhecido uma autora. Eu já tinha lido muito livro nacional, mas eu nunca tinha conhecido nenhuma autora. Eu tinha muita vontade de conhecer. Eu lembro que eu fiquei tão empolgada que eu não dormi quando foi para conhecer ela. Quando foi para falar sobre o livro dela, eu estava super empolgada, e eu lembro que a gente fez até uma videochamada com ela, com perguntas. Eu até falei para a Helena depois que, quando eu cheguei em casa, eu chorei de tão empolgada que eu estava, eu não consegui colocar para fora e eu comecei a chorar porque eu queria

muito poder conhecer um autor. A gente mora muito longe de São Paulo e Rio de Janeiro, então, quando tem bienal? Fica só vendo. É como se eu tivesse ficado tão perto de alguém que a gente só lê e tudo aquilo marcou muito para mim. As fotos que eu mais amo são desse [encontro], assim como as do livro ou até mesmo quando a gente a conheceu pessoalmente quando ela veio aqui em Manaus, foi incrível para mim. Eu não esqueço, para mim, foi aí que eu falei, “meu Deus, eu daqui não saio, daqui ninguém me tira” (Júlia).

Desde a primeira edição do clube do livro *Caboquinhas que Leem*, em setembro de 2018, não houve resistência por parte de nenhuma das quinze autoras convidadas a integrar o projeto. Na verdade, o que se vê é o impacto positivo da disponibilidade da organização do clube e das autoras em proporcionar experiências únicas que ultrapassam as barreiras sociais impostas a determinadas caboquinhas que tiveram pouco acesso a eventos culturais. Acrescenta-se, ao relato de Júlia, a experiência de Antonella em seu primeiro encontro do clube do livro *Caboquinhas que Leem*:

Eu lembro que foi no meu primeiro encontro das caboquinhas, quando lançaram a ideia do clube do livro e um dos livros foi da Ana Rita Cunha. Acho que é o *Correndo para você* ou uma coisa assim, eu não me recordo muito bem. O que me fez ficar, eu acho que não foi nem tanto a história em si, mas foi o fato da Ana Rita sempre estar ali, tirando dúvidas. Ela foi uma autora/leitora, o que eu acho que fez eu me sentir muito tipo, “ah, esse é realmente o local que eu quero ficar”. Foi durante esses encontros, porque a gente debateu, a gente conversou. Eu acho que a palavra principal, a palavra-chave, seria o respeito, o respeito que cada uma ali levou em consideração quando expôs a sua opinião sobre o livro, sejam críticas, sejam elogios. Tudo isso de uma forma muito divertida.

Nesta perspectiva, evidencia-se que o clube tem suas dinâmicas bem definidas para estimular a participação: primeiro, é apresentada a obra do mês e estipulado um cronograma diário ou semanal de leitura com bate-papos via WhatsApp; segundo, além de estimular a leitura, existem provas (como fazer o download do livro, resenhar nas plataformas Amazon e Skoob, postar sobre a leitura nas mídias sociais, entre outras), que auxiliam na divulgação da obra e que somam pontos; terceiro, debate final com a presença do autor, atividades lúdicas (tal qual quiz literário), premiação especial às maiores pontuadoras e distribuição de brindes enviados pelas autoras ou confeccionados pelo grupo.

Por causa da pandemia de COVID, houve uma interrupção das atividades presenciais do grupo e apenas duas edições do clube do livro, que ocorreram em formato virtual. Destaca-se que as dinâmicas, mesmo alteradas, continuavam a englobar os mesmos aspectos dos encontros presenciais. Contudo, no avançar de 2020/2021, tanto Helena quanto várias caboquinhas ficaram doentes, apresentaram falecimentos na família, foram demitidas ou tiveram que se adaptar à realidade do distanciamento social e isolamento domiciliar.

No grupo, nós já tivemos momentos de servir como base numa perda de um ente querido. É para desabafos de problemas familiares enfrentados, desde brigas do dia a dia a divórcios, a relacionamentos tóxicos e tudo mais. Nós temos algumas meninas no grupo que são psicólogas e que ajudam com alguns direcionamentos. Nós já trabalhamos temáticas como depressão, como o empoderamento feminino. E aí, é óbvio que **a gente alia todos esses temas externos à leitura**. Com esse formato, o grupo se mostrou muito importante para a maioria das meninas, principalmente durante a pandemia, porque mais do que nunca, era como se ali fosse um porto seguro para todas nós (Helena).

Dada a notabilidade dessas mulheres leitoras, o “todas nós”, foi premente a realização da caracterização do perfil das integrantes do grupo *Caboquinhas que Leem*, como dito, ao iniciar a seção, para identificar de qual parcela feminina se fala. O grupo apresenta margens heterogêneas em alguns de seus dados, tal como a variedade de idades, que está entre 22 e 55 anos, e homogêneas, tal como 42 residentes em Manaus, 3 no interior e 2 em outros estados. Das 47 respondentes, 19 (40,4%) possuem Ensino Superior, 17 (36,2%) Pós-Graduação e 11 (23,4%) Ensino Médio, sendo que do total 26 (55,3%) dizem estar estudando atualmente.

Acerca da inserção dessas mulheres no mercado de trabalho e da renda familiar, 32 (68,1%) trabalham, 29 (61,7%) dizem compartilhar da responsabilidade financeira de sua família e 7 (23,4%) se apontam como as principais provedoras de seus lares. A renda mensal familiar entre as caboquinhas varia de 1 salário-mínimo (R\$1.320,00) até R\$30.000,00. Das 43 que responderam a esta questão, apenas 6 possuem renda familiar superior a R\$10.000,00, 12 com renda familiar entre R\$5.000,00 e R\$9.999,99, e 25 com renda familiar inferior a R\$5.000,00 (4 com salário-mínimo).

Ademais, 21 (44,7%) possuem um(a) companheiro(a), marido (esposa) ou namorado(a) com quem vivem, 21 (44,7%) têm filhos e 45 (95,8%) realizam serviço doméstico. Com base nestes dados, são feitas algumas interseções a fim de medir a carga de jornadas que estão associadas à divisão sexual do trabalho e como as múltiplas jornadas impactam no lazer e na frequência de leitura dessas mulheres.

Quanto ao cuidado diário com os filhos, 18 das 21 que têm filhos dizem ter rede de apoio, enquanto 3 afirmam que todas as responsabilidades são cabíveis a elas. Parte da rede de apoio das mães integrantes do grupo é formada por familiares do sexo feminino, mães, filhas e tias. Dentre as respostas, 7 apontam diretamente o genitor de seus filhos ou companheiro(a) como parte da rede de apoio e 13 dizem compartilhar com o(a) companheiro(a) com quem vivem a responsabilidade com os filhos, 5 assumem a maior parte da responsabilidade e 3 podem ser identificadas como mães solo.

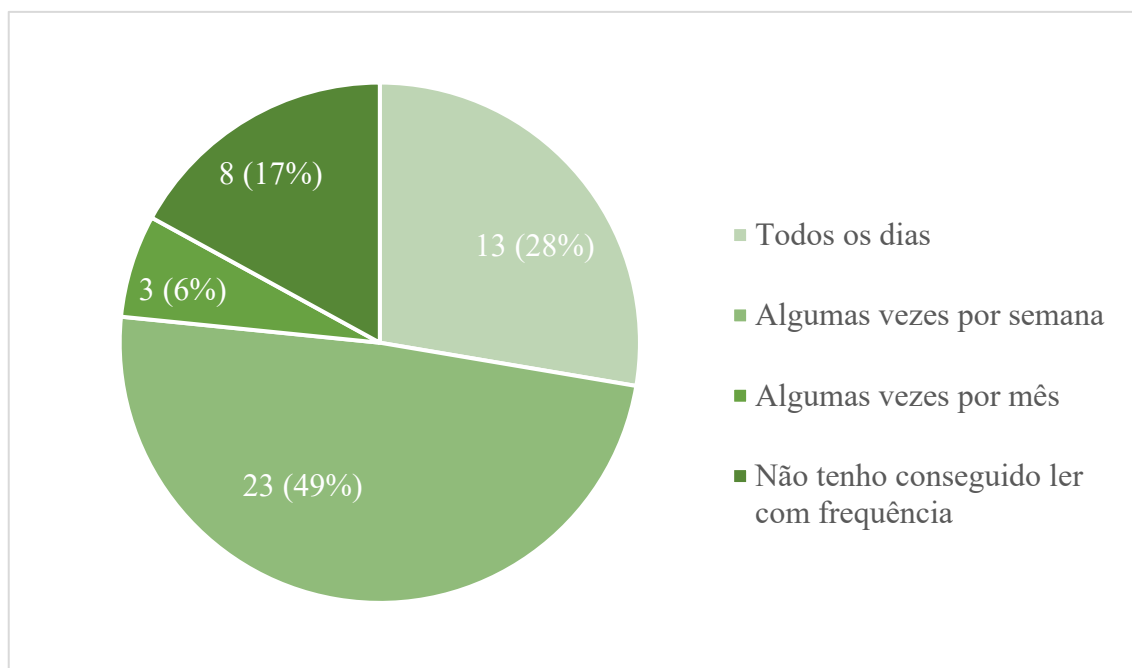
Quanto ao serviço doméstico, das 45 (95,8%) que responderam realizar esta atividade, 35 (74,5%) dizem dividir o serviço doméstico com outras pessoas e 10 (21,3%) dizem executar a maior parte do serviço doméstico. Entre aquelas que compartilham o serviço doméstico, os familiares de ambos os sexos e companheiros(as) aparecem sendo indicados diretamente. 11 dizem compartilhar o serviço doméstico com o(a) companheiro(a), 8 dizem fazer a maior parte e 2 que o(a) companheiro(a) faz a maior parte. Das 47 respondentes, apenas 5 contam com ajuda contratada, que elas citam como secretárias do lar, ajudante, colaboradora do lar e babá.

Entre as caboquinhas, 11 (23,4%) trabalham, estudam, são mães e fazem serviço doméstico. Ou seja, possuem jornadas extenuantes que podem, segundo Neves (2022), acarretar um desgaste físico e mental. Esta sobrecarga, para o autor, vai de encontro ao discutido acerca de gênero na subseção 2.1: provém da construção patriarcal e é instituída pela violência simbólica. Nesse ínterim, essas múltiplas jornadas femininas por muito tempo ganharam uma romantização social, a da mulher guerreira, mas vêm sendo desmitificadas em trabalhos acadêmicos e na mídia.

Ainda acerca das múltiplas jornadas femininas, observa-se que apenas 8 respondentes realizam uma atividade — 7 fazem serviços domésticos e 1 é mãe (com a observação de o filho ser um jovem-adulto). As demais 29, realizam uma combinação de duas ou três atividades entre trabalhar, estudar, realizar serviços domésticos ou cuidar dos filhos.

Estes dados impactam diretamente no tempo de lazer e descanso, incluindo o tempo de leitura, disponível para essas mulheres, que se dividem entre as 26 (55,3%) que dizem ter tempo de lazer e descanso e as 21 (44,7%) que dizem ter pouco tempo. Também se observou que a renda não interfere no tempo de lazer de que essas mulheres dispõem ou na quantidade de leituras que fazem, mas sim de fato uma correlação entre as múltiplas jornadas versus tempo de lazer. No que se refere à frequência de leituras, as integrantes do *Caboquinhas que Leem* estão fragmentadas em 4 grupos conforme mostra o Gráfico 1:

Gráfico 1 — Frequência de leitura das caboquinhas



Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

Quando perguntadas se não estão conseguindo ler com frequência, qual motivo elas dariam, 29 responderam com diferentes causas. Entretanto, ao analisar as respostas, pode-se ver a clara conexão entre a sobrecarga de jornadas e a frequência de leitura, uma vez que 20 apontam a própria rotina (estudo, trabalho, cuidado com os filhos e serviços domésticos) como causa. Interessante apontar que elas chegam a culpar explicitamente a exaustão mental, utilizando-se dos termos exaustão, cansaço mental ou desânimo, que vem sendo discutida academicamente na área da Psicologia e na mídia como Síndrome de *Bournout*.

Barreto (2023, p.1) associa a Síndrome de *Bournout* ao acúmulo de responsabilidades e ao desgaste físico e emocional, ressaltando que esta síndrome afeta mais mulheres que homens devido à sobrecarga na rotina feminina. O que, decerto, é reflexo de uma estrutura social que não desconstruiu a divisão sexual do trabalho, que ainda vê a criação dos filhos e o serviço doméstico como obrigações inerentemente femininas, mas que não as reconhecem como funções extenuantes.

A Síndrome do *Bournout*, a sobrecarga de jornadas e a divisão sexual do trabalho, que evidenciam a estrutura patriarcal da sociedade, são indícios da lógica cultural na qual as caboquinhas estão inseridas. Neste âmbito, a leitura pode servir — em vista de seus possíveis conteúdo e temas — como uma ferramenta de intervenção nos designios opressores dessa estrutura social-cultural que elas integram e, assim, promover emancipação. Para tanto, a seguir, discute-se as caboquinhas como leitoras e as leituras que movem o clube do livro *Caboquinhas*

que *Leem* com a finalidade de destacar os temas abordados através dos relatos das participantes da pesquisa.

4.2 As leituras que as movem: o que leem as caboquinhas

Antes de abordar as leituras e os temas propostos pelo clube do livro *Caboquinhas que Leem*, apresenta-se um pouco da “veia” leitora das caboquinhas. Apesar de o romance romântico ser um fator comum entre elas, as integrantes do grupo são leitoras versáteis quando o assunto é ficção. Para ilustrar este fato, trago na Figura 2 uma nuvem de palavras constituída a partir das respostas dadas no formulário da 1.^a etapa de coleta de dados na questão acerca dos estilos favoritos de leitura.

Figura 2 — Nuvem de estilos de leitura favoritos das caboquinhas



Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

A quantidade de livros lidos por parte dessas mulheres nos último doze meses tem uma grande variação, entre 1 livro lido e 589 livros lidos por uma única caboquinha. Como alçado na subseção anterior, a quantidade de livros lidos está diretamente ligada às múltiplas jornadas femininas. A caboquinha Helena, que leu 589 livros nos últimos doze meses, tem uma trajetória de formação na área de Letras e o hábito de ler enraizado desde a infância, mas também não trabalha, estuda ou faz serviço doméstico. Apesar de ser mãe solo, Helena teve a mãe como rede de apoio na criação do filho, que hoje é adulto.

Interessante ressaltar que o filho de Helena é um adulto sem filhos, pois as mães e sogras são citadas pelas caboquinhas como rede de apoio e esse processo se renova a cada geração, como no caso de Eloá que faz parte da rede de apoio das filhas nos cuidados diários dos netos. Apesar de Eloá ter filhos adultos, ela estuda, trabalha e compartilha o serviço doméstico, e o impacto dessas múltiplas funções se exerce em seu pouco tempo livre e na quantidade de 5 livros lidos nos últimos doze meses.

Excetuando a quantidade muito expressiva de leituras feitas por Helena, têm-se caboquinhas que leram entre 1 livro a 130 livros lidos no período perguntado. Dividindo-as em grupos, 34 caboquinhas leram entre 1 e 30 livros, mostrando que a maior parte do grupo está dentro desta margem; 6 caboquinhas leram entre 31 e 60 livros, metade delas exercem até três funções e a outra metade apenas uma; e, por fim, as que mais leem no grupo são também 6 — entre 80 e 130 livros lidos —, esse grupo é composto por 5 mulheres sem filhos e 1 com filhos adultos, possuindo até duas jornadas.

Em média, a partir da soma das leituras e da divisão entre essas 46 mulheres, as caboquinhas leem 29,9 livros cada por ano e 7,4 por trimestre. Essa quantidade de leituras trimestrais é sete vezes maior que a média brasileira de 1,05 livros lidos a cada três meses, dado esse levantado na 5.^a edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (Instituto Pró-Livro, 2020). As atividades de incentivo à leitura e sociabilidades realizadas pelo grupo *Caboquinhas que Leem* mostram resultado, no contexto dessas integrantes ativas, de estimular o hábito da leitura.

Em suas quinze edições, o clube do livro *Caboquinhas que Leem* trouxe ao conhecimento de suas integrantes autoras nacionais, obras protagonizadas por mulheres e temas que compactuassem com aspectos da realidade feminina. Para esta pesquisa foram selecionadas três leituras realizadas: *As vantagens de ser traída*, de Luísa Aranha (2018), que é referente ao mês de setembro de 2019; *A história de nós dois*, de Ninas Reis (2017), que aconteceu em novembro de 2019; e, *A promessa da rosa*, de Babi A. Sette (2015), que aconteceu virtualmente, durante a pandemia, em dezembro de 2020.

A delimitação de grupos para as entrevistas coletivas, que tratariam cada um sobre um livro, foram ultrapassadas pelas integrantes, que citaram outras obras fora do esquema da entrevista como marcantes ou que foram instigadoras para sua participação no clube do livro. Sendo assim, a seguir se destaca as temáticas oriundas das leituras foco das entrevistas, mas também das leituras por elas dispostas.

4.2.1 A história de nós dois

No interior do Pará, uma ativista social, Irmã Maria da Anunciação, sofre um atentado. Marcada pela sua trajetória de ajuda humanitária e por incomodar figuras de poder, a protagonista de *A história de nós dois* tem sua vida encomendada por uma milícia armada da região. Com o agravamento da perseguição, sua ordem decide destituí-la de seu hábito, de suas funções e da segurança que tinha como freira, uma parte vital de sua identidade.

Ela tem que recomeçar, nem sabe o que fazer, mas eles, incluindo o Caetano [par romântico], não desistem. Acho que esse é um ponto que parece muito como a minha vida, com a vida de tanta gente que eu conheço, de tantos amigos, de tantas mulheres que, pela morte de alguém, por terem que trocar de trabalho ou porque o marido simplesmente foi embora e abandonou, precisaram mudar. Você precisa mudar tudo e tem que se levantar e falar, “não, eu tenho que fazer alguma coisa porque a minha vida não é mais a mesma e eu tenho que seguir junto com ela”. Lembra amigas, lembra a mim mesma (Júlia).

Como pontuado por Júlia, Irmã Maria da Anunciação precisa recomeçar, entender quem ela é fora de uma instituição religiosa e lidar com a solidão e a depressão. Ela assume o nome de batismo, Marina, e passa a ser protegida por um grupo de mercenários contratados para garantir sua segurança. Onde ela estabelece laços de amizade, carinho e lealdade, mas também apoio em sua luta por justiça pelas pessoas em situação miserável devido à ganância de grandes fazendeiros. Sobre a experiência com essa leitura, Luísa leu na entrevista coletiva um trecho de sua resenha publicada como parte das provas estabelecidas pelo clube de leitura:

Apaixonada, assim que estou ao terminar essa leitura, que livro mais lindo, Caetano e Marina. Um casal nada convencional, mas ambos com senso de justiça e amor pelas pessoas. Marina, destemida, determinada, forte e sempre grata. Acredito que isso tenha sido uma característica que eu gostei muito, mesmo nos momentos mais difíceis, ergueu a cabeça e superou com dignidade cada dificuldade. *Que a bichinha sofreu. Não foi brincadeira não, isso aí deu pra lembrar agora.* Caetano, um homem forte, íntegro. Disfarçado de ogro, mas ainda assim envolvente, tão dedicado às pessoas. Impossível não amar. Amei o romance, os cenários, as lutas, os dramas, as alegrias, as conquistas e, principalmente, a amizade entre os personagens.

É possível enxergar em Marina uma clara inspiração na missionária Dorothy Stang, assassinada em 2005, que lutou pela reforma agrária e incomodou madeireiros, fazendeiros e grileiros da região sudoeste do Pará. Marina é o retrato da força feminina que se dedica a deixar um mundo melhor depois dela, empática, lutadora e justa. Ela traz em sua trajetória a busca por uma nova identidade e a coragem para recomeçar.

Entretanto, Marina é interceptada por dois estigmas femininos: o da mulher incapaz — identificado a partir da pesquisa de Freitas (2019) descrita na sessão 2.2 —, que nesse cenário é a construção de Marina como insignificante dentro da área em que atua, um espaço margeado pela dominação masculina, seja por parte da figura do ativista estar atrelado ao masculino ou por aqueles que cometem os crimes serem grandes fazendeiros empossados de dinheiro e privilégios.

O segundo estigma que a percorre está associado a regionalidade, a percepção que se tem de Marina por ser freira é de uma mulher despolitizada, tímida e retraída. Na verdade, é o que se espera dela, assim como, foi o que se esperava das mulheres amazonenses no chão de fábrica da Zona Franca (Torres, 2005). Assim como as operárias do Distrito Industrial, que foram precursoras nas conquistas sociais e sindicais, Marina não compactua com o estereótipo construído entorno de sua identidade.

4.2.2 As vantagens de ser traída

Um casamento de doze anos com altos e baixos chega ao colapso, Madalena descobre que Ricardo, seu primeiro amor, a tem traído. Intercalando passado e presente, Luísa Aranha reconstrói a história de um casal que parecia perfeito, uma vida que parecia ótima e um amor que parecia para sempre, segundo Madalena. Ao desbravar o que os levou até o ponto da ruptura, Madalena precisa se reconstruir por si e pelo filho de 5 anos arrasado pela separação dos pais. A partir da experiência de leitura, Antonella relembra a relação que fez entre livro e sua profissão como psicóloga na época que leu:

Na época que foi proposto esse livro, eu estava no estágio, em alguma coisa da faculdade onde fiz um trabalho sobre saúde da mulher. E me bateu muito isso com o que eu estava estudando. Porque é sobre ressignificar toda a sua vida. A Luísa Aranha trouxe muito isso no livro dela, e eu acabei batendo muito com isso, com as histórias que eu via na clínica e no trabalho em si. Ela conseguiu passar a dor, claro, dela ser traída. Mas ela também trouxe esse cuidado que ela precisava e eu acho que isso foi o que mais me tocou nesse momento. Ela traz essa necessidade de autocuidado buscando ajuda profissional, buscando um terapeuta, e eu acho que isso foi o que me tocou, que chegou o momento que eu pensei, puta merda, eu queria que muitas das mulheres que eu atendi e que eu atendo tivessem esse insight, tanto que eu cheguei a recomendar esse livro para algumas pacientes. Foi uma coisa que me moveu como mulher, né, atendendo outras mulheres. Isso moveu porque, cara, quantas vezes a gente não vê as mulheres que descobrem traições, mulheres que são deixadas, que tem que refazer sua vida toda do zero? E uma das coisas que a gente mais debatia nesses grupos, nos atendimentos, era o autocuidado que deixavam de ter com elas mesmas. Então, acho que esse livro foi impactante para mim naquele momento em específico, por também uma vivência pessoal, e eu e cheguei a utilizar ele em algumas intervenções por conta da história que era muito semelhante à história das mulheres com quem eu estava lá.

Para reconstruir sua vida, uma dedicada unicamente ao cônjuge e à constituição da família, Madalena procura ajuda psicológica. De fato, esse é o “Marco Zero” do recomeço da sua história e o início do livro, quando ela está devastada emocionalmente e deprimida, mas precisa planejar e se reconhecer fora do relacionamento

Gente, a traição é uma escolha. Porque você, independente do que for, está com a pessoa e você escolhe estar com ela. Daí essa pessoa vai e trai? Eu acho que isso é uma forma de desigualdade que eu vejo diariamente aqui, não só aqui, mas na sociedade. Assim, no geral, mostra a forma como ainda persiste essa coisa de tipo, o cara pode trair, pode fazer o que for, mas ele sempre vai ter a palavra final. Ele vai ser sempre o certo. Ele não vai aceitar que a mulher dê a volta por cima, que ela procure o melhor para ela. Então, eu acho que é isso que a gente vê ainda hoje. Tipo, eu conheço pessoas que passaram por isso e algumas voltaram com a pessoa e outras não. Com as protagonistas dos livros, elas nos deram voz para dizer "eu não vou sofrer por essa pessoa que causou isso a mim." Elas procuraram voltar a estudar depois de um relacionamento tóxico, onde o cara fez o que fez. Acho que isso foi algo que eu achei bonito nela [Madalena]. Ela sofreu que só, só que ela foi lá, buscou o que era dela depois dessa traição. Para mim, ela inspirou quando voltou a estudar, se tornou uma ótima professora, conseguiu um trabalho (Diana).

No contexto da desigualdade entre homens e mulheres perante a sociedade, Maitê vê a infidelidade no seguinte relato como algo normalizado para os homens, tendo consequências e julgamento mais brandos:

Normal pro lado deles, né? A gente nem está citando [mulheres que traem], porque se for uma mulher cometer isso, fizer e o cara souber, não só ele, mas todo mundo, "meu Deus do Céu, essa aí não presta". Apedrejada.

Contudo, no escopo social, a violência verbal e simbólica sofrida por mulheres, em casos de extrema misoginia, machismo e violência de gênero, independente de uma traição ou não, podem levar à agressão física e ao feminicídio. Roichman (2020) destaca o papel de duas leis no enfrentamento da violência contra a mulher, a Lei n. 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, e a Lei n. 13.104/2015, a lei de feminicídio. Essas leis possuem uma grande importância no teor de tipificação de crime, assim como, a primeira desenvolve ações de resguardo às mulheres vítimas de violência doméstica e sexual.

O que Maitê destaca como “normal”, na verdade, é o reflexo da dominação masculina (Bourdieu, 2021), que impõe aos dominados sua forma particular de ser como absoluta e natural. Não somente na normalização da infidelidade pelos homens, mas em outras tendências que criam comportamentos discriminatórios e reforçam o status de inferior da parte subjugada que participa desta relação de dominação. Neste contexto, as violências —sejam elas físicas, verbais,

psicológicas, sexuais, patrimoniais e simbólicas — são ferramentas de controle do masculino sob o feminino.

Esse controle da narrativa, feito a partir das prerrogativas masculinas, é observado na fala "‘meu Deus do Céu, essa aí não presta’. Apedrejada.” Vê-se uma conexão do julgamento social que mulheres podem vir a receber — se não seguirem o que é ditado para elas — ao estigma da mulher “fácil” (Abreu, 2018). Derivado do mito da indígena “lasciva sexual”, instituído no período colonial através da política pombalina, este estereótipo ainda difama à figura da mulher amazônida e é símbolo enraizado para imigrantes, turistas e homens locais.

A trajetória de ressignificação de Madalena percorre o julgamento social, a culpabilização dela pelo fim do relacionamento, a dependência emocional do ex-cônjuge e o próprio cônjuge, Ricardo, que após a separação começa a perseguir e praticar violência psicológica. Neste cenário, como o próprio título sugere, a traição é protagonista, apresentando-se não somente como uma quebra de contrato firmado pelas partes envolvidas na relação, mas uma quebra de expectativas. Uma infidelidade ao que foi construído em conjunto.

Oh, amiga, eu lembro muito pouco, mas, assim, na época que eu li esse livro... Eu acho que eu era uma Madalena. Não vou me estender, mas eu não tive essa... Qual é a palavra certa? Essa "força" que a Madalena teve. Mas as coisas se ajustaram, as coisas mudaram. Esse autocuidado eu tive comigo. Agora eu trabalho, faço faculdade, depois de muito tempo. Eu já fui uma Madalena. E aquele negócio que está escrito aqui na capa, que é incrível, "como podemos ser cegos mesmo com os olhos funcionando perfeitamente?". Às vezes a gente se acomoda. E não tem esse autocuidado, não tem essa força que ela teve de sair dessa. Essa é a vantagem ser traída, né? (Elis).

No relato de Elis, percebe-se que ela se viu na mesma situação de Madalena e conseguiu se identificar com a protagonista nos aspectos tanto da experiência da infidelidade quanto em mudar a própria trajetória. Após passarem pela mesma vivência em seus casamentos, personagem e caboquinha, Madalena e Elis, procuraram cuidar de sua saúde mental, estudar e construir uma carreira, de fato, ressignificando suas vidas.

4.2.3 A promessa da rosa

No século XIX, lady Kathelyn Stanwell luta contra a sociedade inglesa pelo direito de ser livre, escolher o próprio marido ou, como é seu desejo, não ser escolhida por homem algum. Sua impetuosidade frente às regras impostas pela sociedade às mulheres e seu gosto peculiar por relíquias, História e línguas de povos antigos, são motivos para designá-la como um

escândalo prestes a acontecer. Sua reputação a precede e é motivo para os desafios que enfrentará em *A promessa da rosa*.

Para mim, foi importante porque é muito do que a gente luta hoje em dia, né? Pelos direitos das mulheres. Então a gente tem uma protagonista, que em algum momento da história, ela passa por um questionamento da sociedade [do século XIX] por causa de algumas atitudes que ela tem que hoje em dia são mais naturais. Na época dela não seriam. E a maneira como ela conseguiu vencer isso naquela época, no caso, na história, mesmo não sendo real, é muito importante (Cecília).

Aos 17 anos, tendo recém debutado, Kathelyn começa a se envolver romanticamente com o Duque de Belmont, Arthur Harold. Encantado pelos gostos peculiares de Kathelyn e sua impetuosidade, Arthur firma um contrato de casamento sem seu conhecimento e passa a cortejá-la — mesmo sabendo do desejo da protagonista de expandir seus conhecimentos em viagens de pesquisa de campo.

Em meio ao desenrolar romântico do casal, começa-se a perceber dois traços que irão solidificar o destino de Kathelyn: o ciúme e o orgulho. Quanto mais se avança no enredo mais se percebe que as características que chamaram a atenção de Arthur no primeiro momento, a ousadia de enfrentar os ditames sociais e ser contrária às expectativas do que se espera de uma mulher da alta sociedade, são o que ele quer apagar da personalidade dela. Querendo amansá-la e encaixá-la no molde da perfeita esposa para ele.

Ou seja, Arthur espera adequar Kathelyn ao símbolo do feminino mais prestigioso em sua época — reproduzido ainda no século XXI: a mulher frágil (Paiva, 2019). Resguardada para o lar, vivendo em função da família, gerando filhos e servindo o marido, pois, inconscientemente para Arthur, a mulher é frágil demais para exercer funções públicas. O caráter de sua noiva, que até então é encantadora de uma forma “exótica”, se perde em vista das prerrogativas masculina do par romântico e da sociedade. É um ser excêntrica, mas dentro de casa.

O ápice da mudança de perspectiva da protagonista, ainda na primeira parte do livro, é um abuso sexual que sofre e como ela passa a ser culpada pela violência que sofreu. Arthur aparece nesse momento como o algoz, que direciona a ela a responsabilidade pelo estupro em meio às suas desconfianças e a arruína perante a sociedade ao desmanchar o noivado. Diante disso, Kathelyn se afasta de Londres e reconstrói sua vida. Contudo, eles se reencontram, passam por mais desentendimentos e têm um azedo final feliz.

O que eu lembro muito bem é que eu senti raiva dela [Kathelyn] ter perdoado o cara [par romântico]. Porque, como a Cecília falou, ela estava lutando por algo que era dela. Ela não cometeu nenhum crime, mas foi condenada a pagar por algo que ela

nunca fez. É aquilo que a gente mais tem raiva. Vamos combinar que hoje em dia é isso também. Infelizmente, nós mulheres, mesmo com a evolução que tivemos na sociedade, ainda somos condenadas por certos atos — que até mesmo se eles [homens] fizerem, é de boa. Então, se algo tem que me marcou muito foi isso. Eu entendo que é um romance, que é algo assim pra ser bonito. Mas não dá, eu sou muito contra essa *passação de pano* que a gente tem até mesmo nos romances. Principalmente com um cara que faz o que faz com a moça e assim fica. Mano, pelo menos mais um tempo aí para ele realmente sofrer, porque ele não sofreu. Ele não sofreu nada, então dá para fazer ele sofrer mais (Maitê).

A promessa da rosa, diferente das leituras abordadas anteriormente, teve opiniões amplamente divergentes entre as caboquinhas. Para Cecília, a experiência positiva se relaciona com a autora, da qual é fã, e poder ter discutido a obra diretamente com ela. Já Maitê, que afirma ter lido outros livros da autora antes desse e ter gostado, é bastante objetiva no seu desgosto pelas decisões tomadas pela protagonista. Essa contradição é esclarecida posteriormente quando ambas resgatam a história de suas avós, uma memória familiar, que estiveram envolvidas em relacionamentos abusivos com violência doméstica e tomaram diferentes posicionamentos, e como essas histórias ainda impactam em suas vidas.

Isto posto, apesar da estória de Kathelyn trazer a redenção como lição principal, o que se destaca na fala das caboquinhas desta e de outras entrevistas coletivas sobre a história é a resiliência da protagonista, sua luta pela garantia de direitos, seus enfrentamentos das regras sociais impostas às mulheres e seu intuito de transformar a ideia do valor da mulher como objeto de permuta entre homens empossados de privilégios. Mesmo com as temáticas positivas trabalhadas no enredo, as caboquinhas possuem — a depender de seus conteúdos — discernimento para reconhecer a romantização de uma relação abusiva.

4.4.4 Outras leituras indicadas pelas caboquinhas

Durante a entrevista coletiva, foram feitas duas perguntas que repercutiram neste adendo de indicações de leituras feitas pelas integrantes do clube do livro *Caboquinhas que Leem*, sendo elas: a) Dentre as obras lidas no clube do livro, qual foi a mais estimulante para a sua presença no “Caboquinhas que Leem”? b) Qual a obra lida no clube do livro Caboquinhas que Leem mais diz sobre vocês enquanto mulheres na Amazônia?

Além de *As vantagens de ser traída*, que virá a ter seus impactos nas vidas das participantes da pesquisa evidenciados na próxima seção, as obras *Fé no amor*, de Andrezza Mota (2019), e *A fênix de fabergé*, de Sue Hecker e Cassandra Gia (2018), são citadas para ambas as perguntas como livros que trazem a fé e a cultura como pontos principais em seus valores e identidades.

Em *Fé no amor*, tem-se uma protagonista cuja religião é parte essencial de sua identidade, e também do livro como um todo, o que vem sendo vendido com a nomenclatura de romance cristão. Contudo, a fé discutida nesta obra não diz respeito apenas a crenças religiosas, mas a ter fé nos outros. Diana destaca alguns panoramas de incorporação dessa fé e do intuito dela na obra através de sua resposta:

[...] porque falou sobre catolicismo, sobre fé, sobre repensar seus atos e as consequências deles. Mostrou também uma forma de encontrar a nós mesmos, né? Eu não lembro exatamente o nome da protagonista, mas uma coisa que me marcou foi sobre a protagonista se encontrar após ter passado por coisas difíceis na vida dela. Então, foi isso [fé] que ajudou a ela a se reerguer. Para mim, hoje mais do que nunca, esse foi um dos livros que mais me marcou. Fala sobre perdão, sobre se reencontrar, sobre amor também. Sobre a gente aceitar, né, que nem todo mundo é igual. Todo mundo vai pensar de uma forma diferente, vai agir diferente e a gente tem que aprender a aceitar isso. Aceitar não. A gente pode não aceitar, não entender, mas a gente tem que respeitar o próximo.

Assim como a protagonista, a mãe de Diana faleceu e ela complementa sua resposta indicando a importância que essa leitura teve em seu luto:

Então, foi um dos poucos que me motivou, que me cativou e me fez buscar mais a minha fé. E foi quando eu mais precisei que eu soube que sem fé a gente não é nada. E foi por esse livro, que eu li um pouco antes do que aconteceu com a minha mãe, que eu fiquei pensando "meu Deus, eu não posso cair, então só me sustente pelo amor de Deus".

Para Helena, Antonella e Luísa, a fé aparece como um traço constituinte de suas crenças cotidianas, seus valores ao enfrentar as dificuldades e de como elas querem lembrar e serem lembradas sobre suas vidas e conquistas. Desse modo, destaca-se a fala de Helena:

Então, quando eu digo que eu preciso ter fé, eu tenho que acreditar nisso e acreditar que a minha existência está contribuindo positivamente para a vida de tantas outras mulheres amazonenses como eu. Lutadoras como eu, guerreiras como eu. Nem todas são mães, mas quem é mãe vai ter condições de criar, educar novos cidadãos mais conscientes, mais sensíveis à dor do outro, mais solidários, mais cúmplices, empáticos. Essa nossa ideia [do grupo] é tentar realmente trazer as nossas experiências para esse convívio social e tornar esse universo que a gente vive melhor do que quando nós chegamos. Isso é fato. Se a gente conseguir isso, eu já estou infinitamente feliz.

Por sua vez, *A fênix de fabergé* é um dos livros que mais fala sobre as caboquinhas desde que a inspiração surgiu durante uma excursão do grupo ao Teatro Amazonas junto à autora Sue Hecker. A história é carregada de cultura circense e russa, com pitadas manauaras, trazendo em seu escopo a importância da preservação da memória ancestral, daquilo que é costume de um povo e que está entranhado nos indivíduos que pertencem a uma determinada região ou grupo.

A personagem, Kenya, é uma artista circense que realiza uma apresentação dentro do Teatro Amazonas. E essa moça tem algo que eu considero muito parte de mim, da minha personalidade, que é a resiliência. Capacidade de se adaptar, de não desistir. A Kenya, que é a protagonista de *A fênix de fabergé*, ela traz esse lado lúdico, digamos assim, e eu tento conectar a mulher em mim, diariamente, para não perder o contacto com a sua criança. Com a sua adolescente. Isso é muito importante porque me dá forças para enfrenta o dia a dia. E a forma como as tradições são apresentadas. A valorização da cultura, mesmo que a principal seja a cultura russa, n'*A fênix de fabergé*. Mas nós também temos referência à cultura amazonense e eu valorizo muito a nossa cultura (Helena).

Com a exposição de Helena, encerramos esta seção de leituras das caboquinhas, que teve o intuito de resgatar através de seus relatos as principais temáticas que ressaltam das obras lidas no clube do livro *Caboquinhas que Leem*. A próxima subseção foca na relação entre leituras — e seus temas — realizadas no clube do livro e a realidade das mulheres que dele fazem parte.

4.3 Como as movem as leituras: o papel das histórias na realidade das caboquinhas

A partir dos relatos das caboquinhas nas seções anteriores, é possível reconhecer tanto a importância do grupo quanto das leituras em suas realidades, seja por elas relacionarem com uma experiência anterior quanto posterior à leitura. Entretanto, frisa-se o poder que a leitura e o debate de uma obra, que traz em seu cerne temas prementes do cotidiano dessas mulheres, possuem de mudar suas perspectivas, seus conteúdos provenientes da memória coletiva e, assim, postergar fatores até então vistos como inerentes de suas identidades femininas.

Dentro do contexto de uma sociedade patriarcal, os relacionamentos românticos entrelaçam em sua constituição a dominação masculina e subjugação feminina. Homens e mulheres, ou mesmo casais homossexuais, assumem papéis de gênero e determinam seu comportamento a partir da construção simbólica destes. Em consideração a isto, é possível constatar que para as caboquinhas a infidelidade, relacionamentos abusivos e o julgamento social fazem parte das cargas que foram ensinadas a suportar como mulheres.

Pela nossa cabeça, eu digo pela minha, ela sempre foi muito fechada, sabe? Por causa da minha criação, da minha infância. Quando a gente *tá* naquele momento debatendo sobre várias coisas no clube do livro, a nossa mente abre um pouquinho pra várias coisas, política, relacionamento, romance... Eu nunca me imaginei lendo um livro daquele. Um livro sobre ser traída, né? Como esse aqui, eu nunca imaginei, mas já me vi como essa personagem. Então, tipo, eu acho que é muito válido tudo o que se fala no encontro. Tudo que a gente aprende lá é muito válido (Elis).

Como demonstrado ao longo da seção anterior, as leituras do clube do livro *Caboquinhas que Leem* adentram a vida das caboquinhas como um instrumento de intervenção nos designios opressores dessa estrutura social-cultural amazônica que elas integram. Em meio às leituras, aos debates e ao convívio com diferentes mulheres, que levam para os encontros suas vivências — transpostas de memórias coletivas e individuais —, mudam-se as percepções acerca de relacionamento, infidelidade e saúde mental, mas também as ensinam a reconhecer abusos sofridos e reconstituir suas vidas após traumas, divórcios ou outras mudanças que integram suas existências.

Os livros refletem a realidade e fazem com que a gente passe a pensar de maneira diferente. Não somente com os exemplos da vida, que a gente cresce e vê que a gente não quer isso pra gente. Ele [o livro] vem e colabora com o que a gente tem. A gente pode ter escolha. A gente pode conseguir, mesmo com muita dificuldade, quebrar o ciclo e tomar escolhas diferentes e conseguir uma vida nova (Cecília).

Quando perguntada sobre algum encontro ou leitura que tenha a feito refletir sobre situações de sua vida, Júlia recorda da seguinte situação:

Eu estava, na época, quase saindo de um relacionamento, então foi aonde eu encontrei um meio de distração, sabe? Para conversa, para entender mais o que eu estava sentindo, para tentar me encontrar como pessoa, porque eu passei muito tempo nesse relacionamento. Então, quando eu saí, foi logo que eu já estava no grupo, então ajudou muito de conversar. Até mesmo para xingar junto, sabe? [...] Meu relacionamento estava indo bem pro fiasco em 2017. Só que eu não queria perceber e, através de um dos encontros que eu fui, logo no primeiro encontro, a gente conversando e falando sobre isso e alguém citou algum livro que a personagem era traída e quanto as pessoas aceitavam isso e tudo mais. Aí eu, “gente, mas é normal”. E todo mundo “não é normal”. Eu sei que, nessa conversa, falaram tanta coisa que eu fui para casa pensando sobre isso, pensando bastante e refletindo o quanto eu aceitava muitas coisas nesse relacionamento. Eu lembro que quando a pessoa quis terminar comigo, eu lembrei muito das meninas falando para mim se eu me sentia bem, se eu me sentia respeitada, se eu não me sentia confortável. Que eu deixasse as pessoas irem e que eu me inspirasse nas pessoas dos livros. Foi uma das coisas que marcou bastante. Foi o momento que eu falei, “tá tudo bem, se você quer ir, você vai embora, não tem problema”. Eu lembro que me doeu muito, mas eu não fiquei triste como tantas outras vezes que tinha terminado e voltado, terminado e voltado, porque eu sentia que precisava ir, entendeu? E que eu não deveria só ler um livro e ficar, “mas deveria ser assim”, mas que eu deveria realmente assumir isso. Lembro que, no dia que eu terminei tudo, falei com a Helena, ela falou para ser essa pessoa que toma sua vida, que vai encarar, que você precisa se erguer e tudo mais. E eu lembro que isso ficou muito na minha cabeça. Assim, esse apoio de entender finalmente que eu precisava sair daquilo.

No relato de Júlia, vemos a interseção entre obra, leitura e sociabilidade ocasionando uma intervenção na lógica cultural da qual faz parte e que se relaciona ao seu gênero. Todavia, não somente nos relacionamentos amorosos — e no tocar das relações de poder entre gêneros —

esta intersecção interfere, pois obras como *As vantagens de ser traída*, *A promessa da rosa*, *A história de nós dois* e *Fé no amor* tratam também de saúde mental, traumas e luto.

No decorrer do levantamento das temáticas dessas obras durante as entrevistas coletivas, detectou-se que as caboquinhas se inspiram na força mental/emocional das protagonistas. Elas apreciam — na maior parte das obras lidas — os valores, as decisões e o caráter dessas “mocinhas”, mas principalmente querem agregar ou já reconhecem em si a capacidade de resiliência.

Acho que em todos os livros têm personagens fortes que eu gosto muito porque me dão força para mostrar que eu posso conseguir. Eu posso lutar nesses momentos que a ansiedade ataca. Você precisa ler alguém que fale, “não, ok, está tudo ruim agora, mas as coisas vão melhorar e eu vou conseguir”. Eu só preciso de uns 5 minutinhos aqui no meu cantinho, mas eu vou conseguir. Eu vou em cima, porque não vai ser uma ansiedade, uma depressão ou perder o emprego, como tem muito nos livros, ou então namorado a trai ou isso e aquilo, ou então ela precisa mudar de cidade, que vai impedir ela de encontrar um novo caminho de ser feliz. Acho que no geral, todos são, assim, personagens muito fortes que eu gosto. Sejam brancas, negras, ruivas, mas personagens fortes que a gente se inspira e que a gente fala, nossa, eu vou conseguir ser essa pessoa aqui, ó (Júlia).

Os critérios de escolha dessas obras a serem lidas no clube do livro e, principalmente, seu contexto por trás das páginas, que engloba a escrita de mulheres para mulheres na contemporaneidade, reforça a conexão entre leitora-protagonista e cria possibilidades que entrecruzam as modalidades de gênero, raça, etnia, classe social, entre outras abordadas por Butler (2018) que contribuem para a construção das identidades femininas.

O que foi possível avaliar no levantamento das obras lidas pelo clube do livro *Caboquinhas que Leem* e, que foi evidenciado posteriormente nos relatos, é a diversidade das personagens femininas, de suas trajetórias, classes sociais, estados civis, constituições familiares e raças. Dentro desse aspecto, a fala de Júlia a seguir ressalta a diversidade das personagens e o cuidado de não reproduzir estereótipos como um fator marcante na sua experiência de identificação com a protagonista dentre os livros indicados pelo clube e pelas caboquinhas umas às outras:

Eu me identifiquei muito porque as personagens eram negras e eu nunca tinha lido livros com personagens negras. Sempre é personagens brancas, né? E eu acho que para mim... Não sei se vai ter o mesmo impacto que para vocês, porque é muito difícil de encontrar livros que a personagem não seja, digamos assim, exagerada, né? Estereotipada. Aí teve alguns livros que eu não vou lembrar o nome agora. Não vem na cabeça o nome certinho, mas alguns livros que eu li que as personagens eram negras, mas não seguiam um estereótipo.

Diante do exposto pelas caboquinhas e aqui analisado, pode-se afirmar que o hábito da leitura incentivado a partir de um conjunto de atividades, que geraram sociabilidades, do clube do livro *Caboquinhas que Leem* exerce impactos na lógica cultural de suas integrantes em vista dos temas por elas debatidos. Ademais, esse conjunto, em diversos momentos, rompeu estruturas simbólicas e papéis sociais internalizados para o feminino e, desta forma, transformou a ação de ler em um ato emancipatório para essas mulheres amazonenses.

4.4 A força de um coletivo: as caboquinhas em debate

Em virtude dos fatos mencionados durante a apresentação e análise dos dados coletados com as participantes da pesquisa, o grupo *Caboquinhas que Leem*, seu clube de leitura e as obras selecionadas se mostram ativos indispensáveis na vida das integrantes. Elas se identificam não apenas com as leituras, mas umas com as outras e com as experiências de vida que dizem respeito a elas como mulheres, pois serem compreendidas e compreenderem umas às outras faz parte do seu desejo de permanecer e fazer parte do grupo.

Teve outros casos de meninas que relataram coisas que passaram em relacionamentos e que eu me identifiquei muito. Eu tive um relacionamento muito ruim no passado. E aí eu vi o quanto outras meninas deram apoio. A outra conseguiu sair [de um relacionamento abusivo], se levantou. Você vê que outras pessoas passaram por isso também (Giovanna).

Compartilhar vivências é uma parte vital do grupo e igualmente do clube de leitura, inferir sobre os enredos e protagonistas a partir de suas histórias possibilita as integrantes conhecerem realidades diferentes. Helena em suas respostas fala em empatia e sororidade, Antonella em respeito e Júlia em acolhimento, todas as três afirmam que o *Caboquinhas que Leem* são parte importante de quem são, suas identidades, e que são gratas de *pertencer* ao grupo pela rede de apoio que se tornou.

Me emocionei na época, eu fiquei muito mal por ela, na época que teve muita chuva e ela perdeu tudo praticamente da casa dela. Foi naquele momento que eu vi que realmente muitas meninas, apesar de muitas também terem suas dificuldades, deram um jeito, arranjaram móveis, doaram livros, roupas e tudo mais. E aí a gente pensa que, apesar de tudo, porque a gente sente muito, consegue dividir. E eu vi o quanto ela foi acolhida, o quanto todo mundo ajudou muito ela e o quanto todo esse apoio faz uma diferença enorme quando você se vê diante de uma situação dessas (Giovanna).

Situações como a relatada, quanto também o passeio coletivo para apresentar o Teatro Amazonas para a autora Sue Hecker, as leituras, os encontros, os debates, as videochamadas

com as autoras e as dificuldades diárias ou ocasionais sofridas compartilhadas, geram uma memória coletiva do grupo a qual molda a memória individual de cada integrante. A memória coletiva, as experiências compartilhadas e a identidade social dos indivíduos criam conexão e noção de pertencimento entre as caboquinhas.

Eu me senti como se finalmente estivesse encontrando pessoas que me entendessem, entendessem meu amor pela leitura, porque para mim a leitura é muito mais do que um passatempo. Para mim, é uma forma de eu me conectar. Já me vi em vários personagens, já passei por várias situações em que os livros foram a minha companhia (Antonella).

Apesar de o grupo ter se reunido por causa do gosto por ler romances de seus membros, o *Caboquinhas que Leem* adentra a vida cotidiana delas em diferentes eixos de suas vidas, hoje, independente da leitura. Aquilo que as uniu como grupo, as histórias de amor com protagonistas como elas, não é mais o fator decisivo de sua adesão, mas a memória que construíram coletivamente nesses 7 anos e os indivíduos que fazem parte desta trajetória — “as caboquinhas”. Esse fato pode ser resgatado na decisão de mudança e escolha de carreira feita por Luísa:

Lembro que, quando eu entrei, eu estava pensando sobre minha vida profissional. Foi uma pausa na minha carreira e eu estava pensando se eu ia voltar a fazer cursos de reciclagem ou se eu ia mudar completamente. Eu lembro que eu comecei a conhecer vocês, inclusive você, Mayara, acho que era estudante de Letras ainda na época. Aí eu falei, “olha, que legal”. Aí, a Helena também falou o que ela tinha estudado. E eu vi que tinha as meninas escritoras. Eu falei, “olha, isso é muito legal” e foi quando eu decidi cursar Letras também. E mudou completamente a minha vida profissional e, sempre quando eu falo disso, as pessoas falam “mas menina, tu mudou da Engenharia para Letras?” Aí eu tenho que explicar toda história e, com certeza, o *Caboquinhas* é citado porque foi o ponto chave da mudança.

Abre-se um parêntese para informar que a pesquisadora, na verdade, se formou em Biblioteconomia, mas o que importa é a admiração que as caboquinhas têm por quaisquer formações onde se envolvam diretamente livros, leitura e literatura. De todo modo, em vias de finalização, apresentou-se nas respostas tanto na 1.^a quanto na 3.^a etapa da coleta de dados significados do que é o *Caboquinhas* para suas integrantes. Algumas associaram à leitura unicamente, outras ao sentimento de família e umas ao acolhimento advindo de uma rede de apoio. Elis direciona, no último relato aqui apresentado, a um sentimento inexplicável:

A Helena e as meninas, eu não sei nem explicar. Eu não tenho esse apoio nem na minha família, essa amizade, esse vínculo, essas conversas, essa vontade de desabafar com as pessoas. Principalmente... que agonia. Não sei explicar. É uma conexão muito forte. Eu acho que é uma família mesmo, sabe? Tem coisas assim que a gente não fala

nem com familiar, mas a gente fala com a Helena, "amiga, está acontecendo isso" e ela move um mundo para ajudar a gente de alguma forma e não nos expõe e uma ajuda a outra. Para mim, é uma família, mesmo, mais do que uma família, uma irmandade.

Apesar de a pandemia ter reconfigurado o grupo em uma importante rede de acolhimento para suas integrantes, principalmente por aquelas que passaram pelo luto e o adoecimento de familiares próximos, os impactos no hábito de ler de uma parcela das integrantes são notáveis. A descontinuidade do clube é um fato negativo na vida das caboquinhas e, sendo assim, mostra — em consideração à quantidade de livros lidos, frequência de leituras realizadas, temáticas trabalhadas, objetivos do clube de leitura e dinâmicas — quão essencial ele era para manter o hábito de ler dessas mulheres e de transformar suas realidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na nota infeliz com que o capítulo anterior se encerra, volta-se para o início da pesquisa, quando inspirada por um encontro — que durante a coleta de dados se mostrou tão marcante para as participantes da investigação quanto para a pesquisadora — procurou-se entender a importância do hábito da leitura como ferramenta emancipatória para mulheres amazonenses. Justificando-se nos benefícios cognitivos, intelectuais e culturais de manter o costume de ler, reuniram-se as temáticas mulher-leitura-clubes de leitura-regionalidade-emancipação na proposta do *Caboquinhas que Leem: o hábito da leitura como narrativa emancipatória para mulheres na Região Metropolitana de Manaus*.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral analisar os impactos do hábito da leitura na vida de mulheres amazonenses a partir de sua sociabilidade no clube do livro *Caboquinhas que Leem*. Constata-se que o objetivo geral foi atendido ao efetivamente conseguir considerar, através dos relatos das caboquinhas e da análise realizada, que o hábito da leitura fomentado através da sociabilidade no clube de leitura impacta nas integrantes do grupo no sentir de pertencimento, na construção de memórias e identidade social, que possibilitam o agregar de conteúdos essenciais para romper a lógica cultural na qual estão inseridas.

Por sua vez, objetivo específico inicial era explorar as principais temáticas abordadas nas leituras realizadas pelo clube do livro *Caboquinhas que Leem* mediante relato das participantes e, sendo assim, foi atingindo a partir das entrevistas coletivas. Apesar do intuito de ater as entrevistas a uma leitura específica cada, as respondentes excederam ao roteiro proposto e convergiram outras leituras com temáticas para elas importante — saúde mental, luto, infidelidade, fé religiosa, preservação da cultura regional e assim por diante. Possibilitando,

então, vislumbrar cenários, protagonistas distintas, enredos diversos e, principalmente, suas opiniões a cada obra.

No que diz respeito ao segundo e último objetivo específico, ele propunha delinear o papel que a sociabilidade do clube do livro *Caboquinhas que Leem* exerce na lógica cultural de suas integrantes em vista dos temas debatidos e, de fato, foi delineado quando percebidas as inferências anteriores ou posteriores à leitura de um determinado livro proposto pelo clube de leitura supracitado. Ademais, foram levantados relatos onde a sociabilidade interfere diretamente nas decisões e posicionamentos por elas tomados, como reconhecer um relacionamento abusivo, procurar ajuda psicológica em fase de luto, desmitificar a culpabilização da vítima em casos de abuso sexual e violência psicológica, entre outros.

A pesquisa partiu da hipótese de que a sociabilidade proporcionada pelo clube do livro *Caboquinhas que Leem* garante às mulheres participantes uma identidade social específica, emancipando-as enquanto coletivo feminista, e permitindo sua emancipação cultural por meio do hábito da leitura, porque conseguia-se ver conexões agindo entre as partes dentro do fenômeno antes do início formal da investigação. Entretanto, sua confirmação foi verificada e testada no capítulo empírico através da análise de conteúdo feita a partir das falas das caboquinhas.

A partir disso, foram elencadas algumas questões que nortearam esta pesquisa, respondidas no capítulo *As Caboquinhas*, que revelaram que a sociabilidade proporcionada pelo clube do livro *Caboquinhas que Leem* potencializa o desenvolvimento de um poder emancipatório na lógica cultural de suas integrantes. Em vista do discutido e até mesmo relatado diretamente pelos sujeitos, essa potencialização se mostra no compartilhamento de experiência distintas durante os encontros, como cada uma infere a partir de seus conteúdos sobre uma obra e expõe as temáticas em grupo para debate respeitoso. Sendo assim, temas como relacionamento abusivo, infidelidade e abuso sexual, que por vezes são caracterizados como tabu — uma constituição embasa na violência de gênero, nas relações de poder e na dominação masculina — e acabam por ganhar espaço para uma discussão que promova a emancipação das participantes. Ou seja, os encontros, debates e discussões promovidas pelo clube de leitura, em comunhão com temas propícios, tem a capacidade de potencializar o poder emancipatório das caboquinhas frente a sua lógica cultural.

Diante da metodologia proposta, o caráter, o método e a abordagem foram suficientes para dar suporte para a pesquisa. Contudo, pela limitação de tempo, a coleta de dados se mostrou extensa e abundante. Mesmo que os dados coletados tenham sido importantes para não só atingir os resultados, mas revelar um panorama mais amplo das mulheres que participam do

grupo e os impactos do hábito da leitura advindo das sociabilidades propostas pelo clube de leitura nas vidas delas, a análise ficou de certa forma vaga na sua conexão com os conceitos levantados do referencial teórico.

Uma solução para este problema é disponibilizar esses dados coletados, que aqui ganharam apêndices, para expandir a pesquisas para novas investigações, trabalhos e artigos, sejam realizados pela pesquisadora ou por interessados nas temáticas e com objetos similares aos aqui traçados. Ou mesmo investigar, a partir do método observacional, o poder emancipador promovido pelas sociabilidades do clube de leituras das caboquinhas em seu retorno em 2024. De todo, não cabe a pesquisadora traçar o valor acadêmico da pesquisa, mas especular que este possa vir de alguma maneira — ao replicarem o formato *Caboquinhas que Leem* ou, quem sabe, ao inspirar na construção de políticas públicas — atingir as caboquinhas que *não* leem. Ainda.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Jeanne Chaves de. **Políticas corporais e sexualidade**: erotismo e sedução em mulheres comerciárias de Manaus. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/>. Acesso em: 14 jan. 2022.
- ARANHA, Luísa. **As vantagens de ser traída**. São Paulo: Sociedade Secreta Editorial, 2018.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Unicamp, 2011.
- BARBOSA, Joaquim Onésimo Ferreira. **Entre duas cidades**: a ecopoética de Astrid Cabral e a memória de Eneida de Moraes. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.
- BARRETO, Cristiane Manique. História e relações de gênero. In: MORGA, Antonio Emílio; BARRETO, Cristiane Manique (org.). **Gênero, sociabilidade e afetividade**. Itajaí: Casa Aberta, 2009. p. 129- 154.
- BARRETO, Ivna. Síndrome de Burnout: mulheres são as mais afetadas no Brasil. L’Officiel, São Paulo, [s.v.], [s.p.], 21 abr. 2023. Disponível em: <https://www.revistalofficiel.com.br/wellness/sindrome-de-burnout-mulheres-sao-as-mais-afetadas-no-brasil>. Acesso em: 8 set. 2023.
- BASTOS, Élide Rugai; PINTO, Renan Freitas (Org.). **Vozes da Amazônia**: investigação sobre o pensamento social brasileiro. Manaus: EDUA, 2007.
- BASTOS, Élide Rugai; PINTO, Renan Freitas (Org.). **Vozes da Amazônia III**: investigação sobre o pensamento social brasileiro. Manaus: EDUA, 2014.
- BEAUVOIR, Simone De. **O segundo sexo**: 2. A experiência vivida. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: formação social e cultural. 4 ed. Manaus: Valer, 2021.
- BORGES, Michelle Silva. Um teto todo nosso: visibilidade, resistência e subjetivação em clubes de leitura. **Olho d’água**, São José do Rio Preto, v. 12, n. 1, p. 276-287, jan./jun. 2020. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/713/595>. Acesso em: 18 out. 2020.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. 19 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. *E-book*.

CAETANO, Ivone Ferreira. **O feminismo brasileiro: uma análise a partir das três ondas do movimento feminista e a perspectiva da interseccionalidade**. Artigo (Especialização em Gênero e Direito) - Escola de Magistratura, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistas/genero_e_direito/edicoes/1_2017/pdf/DesIvoneFerreiraCaetano.pdf. Acesso em: 28 mar. 2023.

CAMPOI, Isabela Candeloro. O livro “Direitos das mulheres e injustiça dos homens” de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. **História (São Paulo)**, v. 30, n. 2, p. 196-213, ago/dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/rxXDkxX8hshjGT9vsDwbndx/>. Acesso em: 01 mar. 2023.

CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. As mulheres e as letras: a escrita feminina nos jornais amazonenses nas primeiras décadas do século XX. **Aedos**, Porto Alegre, v. 12, ed. 27, p. 464-492, mar. 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/aedos/article/view/96489>. Acesso em: 14 jan. 2022.

CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. **Trabalho e emancipação: um olhar sobre as mulheres de Manaus (1890-1940)**. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/>. Acesso em: 14 jan. 2022.

CAVALLO, Gugliano; CHARTIER, R. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

CHARTIER, R. Textos, impressos, lecturas. **Revista de história**, São Paulo, n. 132, p. 83-94, jun. 1995. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18756>. Acesso em: 12 out. 2020.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CORRÊA, Ana Maria Maciel. Escritas e escrituras femininas no século XIX na sociedade da paraense da borracha: 1850-1900. **Nova Revista Amazônica**, Bragança, v. 9, n. 3, p. 11-26, dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra>. Acesso em: 2 jan. 2022.

COSTA, Suely Gomes. Onda, rizoma e “sororidade” como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos (Paris, Rio de Janeiro: Anos 70/80 do século XX). **INTERthesis**, v. 6, n. 2, p. 1 – 29, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2009v6n2p1>. Acesso em: 28 mar. 2023.

DALCASTAGNÉ, R. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. *Iberic@l: Revue d'études ibériques et ibéro-américaines*, Paris, v. 2, p. 13–18, 2012. Disponível em: <http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf>. Acesso em: 12 out. 2020.

DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque Amazônica**. São Paulo: Zahar, 1999. 80 p.

DUMONT, Lígia Maria Morreira; SANTO, Patrícia Espírito. Leitura feminina: motivação, contexto e conhecimento. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 28–37, 2007.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212007000100004. Acesso em: 20 out. 2020.

DIAGNÓSTICO de gênero no Amazonas. Manaus: Fundação Amazônia Sustentável, 2020.

FALCÃO, Lara Maria Alves; RABELO, Luana Leite. A teoria da cultura de Georg Simmel: a construção das noções de indivíduo-homem e monopólio masculino do relacional. **Sinais**, Vitória, v. 2, n. 23, p. 19-34, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/sinais/article/view/29024>. Acesso em: 2 fev. 2023.

FALLON, C. Ladies who book club have always been the glue of resistance: women's book clubs, in particular, have a subversive history. **Huff Post**, Reino Unido, 2017. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/ladies-who-book-club-have-always-been-the-glue-of-resistance_us_595db02de4b02e9bdb0a3454. Acesso em 05 nov. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 3 ed. Manaus: Valer, 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 1 ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HECKER, Sue; GIA, Cassandra. **A fênix de fabergé**. São Paulo: Harlequin, 2018.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da Leitura no Brasil. 5. ed. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em: 02 nov. 2020.

LARA, Camila de Brito Quadros. A importância da memória para a construção da identidade: o caso da igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição de Dourados/MS. In: Encontro Regional de História, 13., 2016, Coxim. **Anais eletrônicos** [...] Coxim: Anpuh, 2019. Disponível em: https://www.encontro2016.ms.anpuh.org/resources/anais/47/1477593926_ARQUIVO_AIMP_ORTANCIADAMEMORIAPARAACONSTRUCAODAIIDENTIDADE.pdf. Acesso em: 28 agosto. 2023.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

LOUREIRO, Violeta. **Amazônia, colônia do Brasil**. Manaus: Valer, 2022.

LOTMAN, Iuri. **Por uma teoria semiótica da cultura**. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2007.

LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLLO, Gugliano; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**: volume 2. 2 ed. São Paulo: Ática, 2002. p.165-202.

MACHADO, Irene. **Escola de semiótica**: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MENEZES, Bianca Sotero de. **Imprensa e gênero: a condição feminina e as representações da mulher amazonense na imprensa provincial (1850-1889)**. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/>. Acesso em: 14 jan. 2022.

MORTE de missionária americana no Pará completa 10 anos. **G1**, Anapu, [s.v.], [s.p.], 11 fev. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2015/02/morte-de-missionaria-americana-no-para-completa-10-anos.html>. Acesso em: 8 set. 2023.

MOTA, Andrezza. **Fé no amor**. São Paulo: The Books Editora, 2019.

NEVES, Bruno Santos. Múltiplas jornadas e o mito da mulher heroína: noções sobre o público e o provado na perspectiva de gênero. **Revista Direitos e Feminismos**, Salvador, BA, v. 1, n. 2, 2022. Disponível em: <https://revista.ibadfem.com.br/revista/article/view/6>. Acesso em: 20 set. 2023.

PAIVA, Francélia de Jesus Uchôa. **As mulheres nas carreiras jurídicas no país dos bacharéis: avanços e desafios de advogadas e magistradas no estado do Amazonas**. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/>. Acesso em: 14 jan. 2022.

PEREZ, Olívia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE CIÊNCIA POLÍTICA, 10., 2019, Monterrey. **Anais eletrônicos [...]** Monterrey: Alacip, 2019. Disponível em: <https://alacip.org/?todasponencias=a-quarta-onda-feminista-interseccional>. Acesso em: 28 mar. 2023.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. A Mulher nos periódicos da imprensa amazonense. In: MORGA, Antonio Emilio; BARRETO, Cristiane Manique (org.). **Gênero, sociabilidade e afetividade**. Itajaí: Casa Aberta, 2009. p. 13-36.

PORTO, Valdirene Aparecida Pires. **Imprensa, imigração, trabalho e sociabilidades femininas na Belle Époque manauara, 1880-1920**. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/>. Acesso em: 14 jan. 2022.

REIS, Nina. **A história de nós dois**. São Paulo: Aldeia dos Livros, 2017.

RODRIGUES, M. de S.; SILVA, A. A. da. A emancipação da mulher na imprensa feminista nos primeiros anos da República no Brasil. **Humanidades em diálogo**, [S. l.], v. 6, p. 209-224, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/humanidades/article/view/106270>. Acesso em: 4 jun. 2022.

ROICHMAN, Carlos Barreto Campelo. Faca, peixeira, canivete: uma análise da lei do feminicídio no Brasil. **Revista Katálisis**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 357-365, mai/ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n2p357>. Acesso em: 20 set. 2023.

SANTOS, José Benedito dos. **Emergência da escrita de mulheres na Literatura Amazonense contemporânea (2007-2018)**. Tese (Doutorado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/45322/1/2022_Jos%C3%A9BeneditodosSantos.pdf. Acesso em: 14 set. 2022.

SANTOS JÚNIOR, Paulo Marreiro dos. Manaus da Belle Époque: tensões entre culturas, ideias e espaços sociais. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27, Natal, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364530560_ARQUIVO_manausdaBelleEpoque_tensoesentreculturas_ideaiseespacosociais.pdf. Acesso em: 14 jan. 2022.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SETTE, Babi A. **A promessa da rosa**. 1 ed. São Paulo: Novo Século, 2015.

SIQUEIRA, Camila Karla Barbosa. As três ondas do movimento feminista e suas repercussões no direito brasileiro. In: CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI, 16., 2015, [s.l]. **Anais eletrônicos [...]** Florianópolis: CONPEDI, 2015. p. 328 – 354. Disponível em: https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistas/genero_e_direito/edicoes/1_2017/pdf/DesIvoneFerreiraCaetano.pdf. Acessado em: 25 mar. 2023.

SIMMEL, Georg. Cultura femenina y otros ensayos. **Revista de Occidente**, Madrid, p. 5-324, 1934. Disponível em: https://www.academia.edu/42941495/Simmel_G_1934_Cultura_femenina_y_otros_ensayos. Acesso em: 2 fev. 2023.

SOARES, A.; MAZZARINO, J. M. Feminismo en Internet: cómo las redes sociales contribuyen al desarrollo de la cuarta ola feminista en Brasil. **Contratexto**, n. 36, p. 261-286, 29 nov. 2021. Disponível em: <https://revistas.ulima.edu.pe/index.php/contratexto/article/view/5152>. Acesso em: 28 mar. 2023.

SOUSA, Maria Ester Vieira de. Desnaturalizando o discurso sobre a leitura. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA, 6., 2009, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: UFPB, 2009. p. 2267-2271. Disponível em: <https://www.abralin.org/site/publicacoes/>. Acesso em: 22 ago. 2023.

SOUZA, Willian Eduardo Righini. Clubes de leitura: entre sociabilidade e crítica literária. **Informação & Informação**, Londrina, v. 23, n. 3, p. 673 – 695, set./dez. 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/29187>. Acesso em: 10 nov. 2020.

TORRES, Iraildes Caldas. **As novas amazônidas**. Manaus: EDUA, 2005.

_____. Gênero e relações de poder: um passeio pela formação social da Amazônia. In: MORGA, Antonio Emílio; BARRETO, Cristiane Manique (org.). **Gênero, sociabilidade e afetividade**. Itajaí: Casa Aberta, 2009. p. 183- 205.

_____. Mulheres indígenas, silêncios e exclusão etnológica. *In*: _____. (org.). **Mulheres Sataré-Mawé: a epifania de seu povo e suas práticas sociais**. Manaus: Valer, 2014. p. 17- 27.

VEIGA, E. Clubes de Leitura se espalham por SP. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 21 maio 2016. Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/edison-veiga/clubes-deleitura/>. Acesso em: 11 ago. 2017.

XAVIER, Ana Laura Laura Silva. Literatura e feminismo: o Clube de Leitura Leia Mulheres Marília. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 48-61, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/151943>. Acesso em: 2 nov. 2020.

**APÊNDICE A — PAINEL-DIAGNÓSTICO DAS LEITURAS REALIZADAS PELO
CLUBE DE LEITURA “CABOQUINHAS QUE LEEM”**

Mês/Ano	Leitura realizada	Quantidade de participantes	Principais temáticas
Dezembro/2020	A promessa da rosa, de Babi A. Sette https://amzn.to/3MKrEyA	15	Contestação dos papéis sociais, abuso sexual e reconciliação.
Março/2020	Inferno perfeito, de Camilla Ferreira https://amzn.to/42owZ4e	15	Tráfico sexual de pessoas, terrorismo.
Fevereiro/2020	A linguagem do amor, de Lola Salgado https://amzn.to/3oLxqrF	20	Vida universitária, ansiedade.
Dezembro/2019	O conde que me amou, de Manu Costa https://amzn.to/43hGFPq	22	
Novembro/2019	A história de nós dois, de Nina Reis https://amzn.to/45JTW4Y	18	Fé (religiosa), recomeços, trabalho humanitário e direitos humanos.
Setembro/2019	As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha https://amzn.to/3oGZiwW	21	Divórcio, violência doméstica, depressão, baixa autoestima e violência psicológica.
Agosto/2019	Jogada do Amor, de Ali Graciotte https://amzn.to/3ISzO6W	15	Jornalista esportiva, assédio moral, vício em álcool e drogas.
Julho/2019	Se eu te perder, de Cris Valori https://amzn.to/3N8pFW3	12	Mãe solo, burnout, infidelidade.
Junho/2019	A promessa, de Jess Bidoia https://amzn.to/3MMJvET	6	Abandono parental.
Mai/2019	Fé no amor, de Andreza Mota https://amzn.to/3OREvBG	16	Fé (religiosa), crença em si e luto.
Abril/2019	A marquesa, de Nahra Mestre https://amzn.to/3MQ6xL4	17	
Fevereiro/2019	Ouvindo você, de	5	TDAH, capacitismo.

	Tatiana Pinheiro https://amzn.to/3WNqJSh		
--	---	--	--

APÊNDICE B — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

A Sra. está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa "*O Hábito da Leitura Como Narrativa Emancipatória Para Mulheres Na Região Metropolitana de Manaus*", cuja pesquisadora responsável é Mayara Mota Tashiro, orientada pela Profa. Dra. Marilene Corrêa da Silva Freitas.

A Sra. está sendo convidada porque faz parte do grupo "*Caboquinhas que Leem*" e participou de uma ou mais atividades conjuntas organizadas pelo grupo desde sua formação em 2018, seja online ou presencial. As atividades, as leituras e as participantes são parte fundamental desta pesquisa, que traz como justificativa os confrontos simbólicos do patriarcado gerados através de uma ação de sociabilidade, os debates das leituras realizadas no clube do livro "*Caboquinhas que Leem*".

Os objetivos do projeto são: analisar os impactos do hábito da leitura na vida de mulheres amazonenses a partir de sua sociabilidade no clube do livro "*Caboquinhas que Leem*"; explorar as principais temáticas abordadas nas leituras realizadas pelo clube do livro "*Caboquinhas que Leem*" mediante relato das participantes; e, delinear o papel que a sociabilidade do clube do livro "*Caboquinhas que Leem*" exerce na lógica cultural de suas integrantes em vista dos temas debatidos.

Para esta pesquisa, foram determinados alguns parametros metodológicos para sua execução e alcance dos objetivos citados. Nessa perspectiva, a pesquisa apresenta um caráter exploratório, pois intenta ampliar o conhecimento a respeito de um determinado fenômeno, que, nessa pesquisa, traça como parâmetro ampliar a compreensão dos impactos do hábito da leitura na vida de mulheres amazonenses a partir de sua sociabilidade no clube do livro "*Caboquinhas que Leem*".

Como método, compreende-se que o uso da fenomenologia direcionará a pesquisa, porque este visa à elucidação de dinâmicas na vida de indivíduos isolados *de* um grupo social ou *em* um grupo social com uma temporalidade bastante clara — como é o caso da investigação proposta. Por certo, a fenomenologia nasce para sustentar o estudo de um fenômeno, que, neste caso, se expressa nas sociabilidades desenvolvidas por meio das leituras realizadas nos encontros do clube do livro "*Caboquinhas que Leem*".

E, sendo assim, a abordagem será qualitativa, tendo em vista o intuito de desvelar os aspectos das relações do fenômeno por meio da qualificação de inferências e que possibilita a flexibilidade das interpretações dos resultados obtidos através da análise dos dados coletados. Por sua vez, a coleta de dados é a atual fase desta pesquisa e está compartimentada em três

etapas: 1ª etapa — coleta de dados com o uso de questionário, instrumento este aplicado por meio virtual via Formulário Google, para caracterização do perfil da população estudada; 2ª etapa — definição da amostra populacional que participará da última etapa da coleta de dados; 3ª etapa — aplicação de entrevistas coletivas à população da amostra, os sujeitos da pesquisa, com roteiro pré-determinado.

Caso aceite participar da pesquisa, sua participação consiste em preencher, na primeira etapa, a um formulário a ser disponibilizado a seguir, onde a Sra. responderá perguntas com informações pessoais (idade, estado civil, renda, constituição familiar), seus hábitos de leitura e sua relação com o grupo e o clube do livro "*Caboquinhas que Leem*". A Sra. possui o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo também se retirar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer ônus e solicitar a retirada do consentimento de utilização dos seus dados.

A partir do preenchimento deste formulário, iremos selecionar integrantes que participaram de encontros do clube do livro específico organizados pelo grupo estudado.

Posteriormente, caso a Sra. seja selecionada para a segunda etapa, a Sra. participará de uma entrevista coletiva via Google Meet com outras 2 (duas) integrantes do grupo e o teor da entrevista visará (i) a importância do clube do livro "*Caboquinhas que Leem*", das leituras e dos encontros nas vidas das participantes; (ii) discussão de uma leitura específica realizada pelo clube do livro — uma leitura que tenha participado; (iii) como as leituras realizadas pelo clube afetam suas vidas, suas decisões e posicionamentos.

Para tal, solicita-se a autorização do seu registro de imagem e som durante a entrevista coletiva estipulada na segunda etapa, assim como a utilização dos seus dados preenchidos no formulário da primeira etapa. Somente a pesquisadora responsável terá acesso às gravações e os demais dados, que serão codificados e não estarão online em nuvens virtuais, assim provendo procedimentos que assegurem a sua confidencialidade e privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros.

Caso após preencher e enviar o questionário a Sra. desejar retirar seu consentimento para uso dos dados, deve entrar em contato com a pesquisadora responsável que lhe enviará resposta confirmando ciência de sua decisão.

Uma vez coletados, os dados passarão por um tratamento técnico para otimização e organização de sua análise, que consiste em sua ordenação lógica a partir de softwares apropriados. Os dados então serão analisados a partir da técnica de Análise de Conteúdo

(BARDIN, 2011), uma técnica de análise de dados utilizada em pesquisas com abordagem qualitativa, que comportam dados discursivos e que possibilita a categorização a partir de eixos-chaves. Os eixos-chaves que podem surgir na análise poderão vir a conter valores sociais (exemplo: amizades, amores, parentesco), valores práticos (exemplo: trabalho, ocupação, rotina), valores cognitivos (exemplo: conhecimento, formação), dentre outros tipos que se apresentarem pertinentes para conhecer mais a fundo as integrantes do "*Caboquinhas que Leem*".

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para a Sra. são de origem psicológica e/ou emocional (angústia, estresse, invasão de privacidade) e também quanto a exposição de dados que podem resultar na identificação da identidade. Para minimizar estes riscos propõe-se a garantia de um ambiente que proporcione apoio emocional durante a coleta de dados, uma abordagem humanizada, optando-se pela escuta atenta e pelo acolhimento do participante, sendo a obtenção de informações restrita no que diz respeito àquelas necessárias para a pesquisa. Garante-se também a não identificação no banco de dados, a fim de garantir o seu anonimato, assim como o uso de pseudônimos ao citar a participante da pesquisa no texto final da dissertação.

Quanto aos riscos para o anonimato e sigilo, garantimos à Sra. a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. Entretanto, por estarmos usando esta plataforma e a plataforma Google Meet, que guardaram os dados no Google Drive (ambiente virtual), para coleta das respostas, há limitações para assegurar a total confidencialidade. Assim, informamos que existem limites na capacidade da pesquisadora responsável em salvaguardar a confidencialidade da sua participação, que pode levar ao seu reconhecimento. Por isso, uma vez terminada a coleta de dados, será realizado o "download" dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local da pesquisadora responsável, apagando todo e qualquer registro da plataforma virtual. Posteriormente, as participantes da pesquisa serão identificadas apenas através nomes genéricos femininos (pseudônimo), dessa maneira garantindo a sua confidencialidade e o sigilo nas informações coletadas, assim como a identidade pessoal nos dados obtidos e no texto final da dissertação.

Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: visibilidade para o grupo "*Caboquinhas que Leem*" e suas práticas; desenvolvimento de metodologias; conhecimento da realidade local para desenvolvimento de ações e políticas públicas; repensar de práticas pedagógicas; desenvolvimento de estratégias voltadas para o público adulto

no âmbito cultural; desenvolvimento de material para a população acerca da importância da leitura para conscientização social.

A pesquisadora responsável se compromete a divulgar os resultados da pesquisa em formato de seminário pós-defesa, correções e autodepósito da dissertação para as integrantes do "*Caboquinhos que Leem*" durante o encontro mensal de agosto do grupo. Estando disponível na Biblioteca de Teses e Dissertações da UFAM (<https://tede.ufam.edu.br/>), a pesquisadora disponibilizará o link do trabalho finalizado para a Sra. e demais participantes da pesquisa.

Se julgar necessário, a Sra. dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

A Sra. não receberá nenhum pagamento para participar desta pesquisa, mas também, não terá nenhuma despesa. Tendo em vista os possíveis gastos com pacote de dados de Internet para responder à pesquisa em sua etapa de coleta de dados, garantimos o reembolso deste. Se houver algum gasto exclusivamente para participar desta pesquisa, este gasto lhe será ressarcido integralmente pela pesquisadora responsável via PIX em até 30 dias. Também estão assegurados à Sra. o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa ao participante da pesquisa.

Asseguramos à Sra. o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da sua participação no estudo, pelo tempo que for necessário. Sendo a assistência psicológica prestada pelo Centro de Serviços de Psicologia Aplicada - FAPSI/UFAM.

A Sra. poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável Mayara Mota Tashiro a qualquer tempo para informação adicional no endereço Tv. William Bragg, 16, casa D6, Parque Dez, Manaus—AM, Telefone (92)992105395, Whatsapp (92)981699870, E-mail tashiro.mayara@gmail.com.

A Sra. também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/UFAM fica na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 – Adrianópolis – Manaus – AM, Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004, E-mail: cep@ufam.edu.br. O CEP/UFAM é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Recomendamos à Sra. imprimir este Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e guardá-lo como comprovante de seu consentimento e dos termos aqui descritos, ou fazer download em pdf. Ao imprimir, marcar a opção imprimir "cabçalhos e rodapés", para ter o link da página de origem e a paginação do TCLE.

**APÊNDICE C — QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DAS
INTEGRANTES DO “CABOQUINHAS QUE LEEM” APLICADO NA 1.ª ETAPA DA
COLETA DE DADOS**

1. Nome:

2. WhatsApp:

3. Idade:

4. Cidade/estado em que nasceu:

5. Cidade/estado em que reside:

6. Você está estudando atualmente?

☐ Sim

☐ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☐ Ensino Superior

☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☐ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☐ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.
- ☐ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).
- ☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.
- ☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.
- ☐ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

- ☐ Sim, tenho.
- ☐ Tenho pouco.
- ☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

- ☐ Todos os dias.
- ☐ Algumas vezes por semana.
- ☐ Algumas vezes por mês.
- ☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

[] Sim

[] Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

[] Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

[] A linguagem do amor, de Lola Salgado.

[] O conde que me amou, de Manu Costa.

[] A promessa da rosa, Babi A. Sette.

[] A história de nós dois, de Nina Reis.

[] As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

[] Jogada do amor, de Ali Graciotte.

[] Se eu te perder, de Cris Valori.

[] A promessa, de Jess Bidoia.

[] Fé no amor, de Andrezza Mota.

[] A marquesa, de Nahra Mestre.

[] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

**APÊNDICE D — ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS COLETIVAS APLICADO NA
3.ª FASE DA COLETA DE DADOS**

1º BLOCO

1. Como vocês conheceram o “Caboquinhas que Leem”?
2. O “Caboquinhas que Leem” significa o quê para vocês?
3. Dentre as obras lidas no clube do livro, qual foi a mais estimulante para a sua presença no “Caboquinhas que Leem”?

2º BLOCO

4. Em X (mês/ano da leitura), foi proposta a leitura de Y (livro lido) pelo clube do livro “Caboquinhas que Leem”. O que vocês poderiam dizer sobre o enredo deste livro?
5. O que mais se destacou nessa estória para vocês durante a leitura?
6. O que vocês acharam da trajetória construída para a protagonista? Vocês conseguiram ver algum paralelo com as suas próprias realidades ou de outras mulheres com quem convivem?

3º BLOCO

7. Qual a obra lida no clube do livro Caboquinhas que Leem mais diz sobre vocês quanto mulheres na Amazônia?
8. Vocês acreditam que tanto a leitura de Y (livro lido) quanto a leitura de outros livros do clube do livro “Caboquinhas que Leem” afetaram a vida de vocês, as decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?
9. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

**APÊNDICE E — TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS NO QUESTIONÁRIO DA 1.^a
ETAPA DA COLETA DE DADOS**

Participante da pesquisa 1

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Helena

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 45

4. Cidade/estado em que nasceu: Lábrea/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☐ Ensino Superior

☒ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

Não. R\$9.400,00.

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☐ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☒ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☒ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☐ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

Mãe, colaboradora do lar.

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☒ Sim, tenho.

☐ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

589

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☒ Todos os dias.

☐ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romance

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhos que Leem"?

7 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhos que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhos que Leem" para você?

Uma das formas de eu me manter intelectualmente ativa e mentalmente sã.

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhos que Leem" antes da pandemia?

☒ Sim

☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem" você participou?

☒ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

☒ A linguagem do amor, de Lola Salgado.

☒ O conde que me amou, de Manu Costa.

☒ A promessa da rosa, Babi A. Sette.

☒ A história de nós dois, de Nina Reis.

☒ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

☒ Jogada do amor, de Ali Graciotte.

☒ Se eu te perder, de Cris Valori.

☒ A promessa, de Jess Bidoia.

☒ Fé no amor, de Andrezza Mota.

[X] A marquesa, de Nahra Mestre.

[X] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Se eu te perder permitiu um debate muito interessante sobre relacionamentos amorosos, dedicação, cumplicidade, Lealdade, traição, confiança, recomeços e perdão.

Participante da pesquisa 2

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Alice

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 25

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

[X] Sim

[] Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

[] Ensino Fundamental

[] Ensino Médio

☒ Ensino Superior

☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☐ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☒ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

2.500,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☒ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☐ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Minha mãe

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

- ☒ Sim, tenho.
☐ Tenho pouco.
☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

Uns 5

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

- ☐ Todos os dias.
☒ Algumas vezes por semana.
☐ Algumas vezes por mês.
☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Não sei

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romance, terror, suspense

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhos que Leem"?

4 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhos que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhos que Leem" para você?

Me ajuda a sempre buscar as leituras

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhos que Leem" antes da pandemia?

- ☒ Sim
☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem" você participou?

- ☒ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.
☐ A linguagem do amor, de Lola Salgado.
☒ O conde que me amou, de Manu Costa.
☐ A promessa da rosa, Babi A. Sette.
☒ A história de nós dois, de Nina Reis.
☐ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.
☒ Jogada do amor, de Ali Graciotte.
☐ Se eu te perder, de Cris Valori.
☐ A promessa, de Jess Bidoia.
☐ Fé no amor, de Andrezza Mota.
☐ A marquesa, de Nahra Mestre.
☐ Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 (X) 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Só hoje. A história até hoje me impacta. De como devemos superar o passado.

Participante da pesquisa 3

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Laura

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 25

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☒ Ensino Superior

☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

Sim. Um salário-mínimo.

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Mãe, pai e irmã

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☒ Sim, tenho.

☐ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

Mais de 15

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☒ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Desanimo

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Não tenho um em específico, leio o que me agradar

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

6 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

Um ambiente onde compartilho um hobby

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

[X] Sim

[] Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

[] Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

[X] A linguagem do amor, de Lola Salgado.

[X] O conde que me amou, de Manu Costa.

[] A promessa da rosa, Babi A. Sette.

[] A história de nós dois, de Nina Reis.

[] As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

[] Jogada do amor, de Ali Graciotte.

[] Se eu te perder, de Cris Valori.

[] A promessa, de Jess Bidoia.

[] Fé no amor, de Andrezza Mota.

[] A marquesa, de Nahra Mestre.

[] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 (X) 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

A leitura em si, com diferentes questões abordadas, me faz refletir no dia a dia

Participante da pesquisa 4

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Eduarda

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 37

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Careiro da Várzea/AM

6. Você está estudando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☒ Ensino Superior

☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

7.000,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Minha mãe e marido.

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☒ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☐ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

Minha mãe.

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☒ Sim, tenho.

☐ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

32

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☒ Todos os dias.

☐ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Clássicos, suspense, terror e romance policial.

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

Desde junho/2019.

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

☒ Sim

☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

☐ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

☒ A linguagem do amor, de Lola Salgado.

☒ O conde que me amou, de Manu Costa.

☐ A promessa da rosa, Babi A. Sette.

☒ A história de nós dois, de Nina Reis.

☐ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

☐ Jogada do amor, de Ali Graciotte.

☐ Se eu te perder, de Cris Valori.

☐ A promessa, de Jess Bidoia.

☐ Fé no amor, de Andrezza Mota.

☐ A marquesa, de Nahra Mestre.

[] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 (X) 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Não lembro no momento.

Participante da pesquisa 5

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Sophia

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 43

4. Cidade/estado em que nasceu: São Luis/MA

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

[X] Sim

[] Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

[] Ensino Fundamental

[] Ensino Médio

[] Ensino Superior

[X] Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☒ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☐ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☒ Sim, tenho.

☐ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

27

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☒ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Suspense, mistério, investigação. Gosto da narrativa.

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

5 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

Uma rede de acolhimento, carinho e apoio

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

☒ Sim

☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

☐ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

☐ A linguagem do amor, de Lola Salgado.

☐ O conde que me amou, de Manu Costa.

- ☒ [X] A promessa da rosa, Babi A. Sette.
- ☐ [] A história de nós dois, de Nina Reis.
- ☐ [] As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.
- ☐ [] Jogada do amor, de Ali Graciotte.
- ☐ [] Se eu te perder, de Cris Valori.
- ☐ [] A promessa, de Jess Bidoia.
- ☐ [] Fé no amor, de Andrezza Mota.
- ☐ [] A marquesa, de Nahra Mestre.
- ☐ [] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 (X) 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Não

Participante da pesquisa 6

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Manuela

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 25

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☒ Ensino Superior

☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☐ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☒ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☐ Sim, tenho.

☒ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

Uns 10?

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☐ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☒ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Mestrado

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Young adult e narrativas de formação, literatura asiática

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhos que Leem"?

Realmente não sei!

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhos que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhos que Leem" para você?

Um espaço de empoderamento e acolhimento

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhos que Leem" antes da pandemia?

☒ Sim

☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem" você participou?

☐ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

☐ A linguagem do amor, de Lola Salgado.

☒ O conde que me amou, de Manu Costa.

☐ A promessa da rosa, Babi A. Sette.

☐ A história de nós dois, de Nina Reis.

☐ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

☐ Jogada do amor, de Ali Graciotte.

☐ Se eu te perder, de Cris Valori.

☐ A promessa, de Jess Bidoia.

☐ Fé no amor, de Andrezza Mota.

☐ A marquesa, de Nahra Mestre.

☐ Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 (X) 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Participante da pesquisa 7

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Maitê

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 41

4. Cidade/estado em que nasceu: Santarém/PA

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☒ Ensino Superior

☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☐ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☒ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

3.000,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☒ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☐ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☒ Sim, tenho.

☐ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

50

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☒ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romances são os que me agradam

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

3 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

Um grupo de pessoas que, além da leitura, apoiam umas as outras.

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

[X] Sim

[] Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

[] Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

[] A linguagem do amor, de Lola Salgado.

[] O conde que me amou, de Manu Costa.

[X] A promessa da rosa, Babi A. Sette.

[] A história de nós dois, de Nina Reis.

[] As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

[] Jogada do amor, de Ali Graciotte.

[] Se eu te perder, de Cris Valori.

[] A promessa, de Jess Bidoia.

[] Fé no amor, de Andrezza Mota.

[] A marquesa, de Nahra Mestre.

[] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 (X) 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

No debate da Promessa da Rosa falei sobre como tem a tendência das pessoas desculparem as burradas que os homens fazem por ele ter algum trauma e isso não é certo.

Participante da pesquisa 8

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Liz

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 33

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Curitiba/PR

6. Você está estudando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☒ Ensino Superior

☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

- ☐ Sim, sou a principal provedora.
- ☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.
- ☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

3.000,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.
- ☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).
- ☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Esposo

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

- ☒ Não, pois possuo uma rede de apoio.
- ☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.
- ☐ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

Mãe

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

- ☒ Sim, tenho.
- ☐ Tenho pouco.
- ☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

30

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

- ☐ Todos os dias.
☒ Algumas vezes por semana.
☐ Algumas vezes por mês.
☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

É meu tempo de relaxamento

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Suspense

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhos que Leem"?

8 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhos que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhos que Leem" para você?

É meu lugar preferido pois consigo conversar sobre os livros que gosto

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhos que Leem" antes da pandemia?

- ☒ Sim
☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem" você participou?

- ☐ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.
☐ A linguagem do amor, de Lola Salgado.
☐ O conde que me amou, de Manu Costa.
☐ A promessa da rosa, Babi A. Sette.
☐ A história de nós dois, de Nina Reis.

☐ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

☐ Jogada do amor, de Ali Graciotte.

☒ Se eu te perder, de Cris Valori.

☐ A promessa, de Jess Bidoia.

☒ Fé no amor, de Andrezza Mota.

☐ A marquesa, de Nahra Mestre.

☐ Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 (X) 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Sobre amizade, dá valor a quem merece

Participante da pesquisa 9

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Cecília

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 28

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☒ Ensino Superior

☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☐ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☒ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

5.000,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Meus pais e irmãos

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☐ Sim, tenho.

☒ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

Uns 80 livros

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☒ Todos os dias.

☐ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?**19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?**

Romance, drama, suspense, policial, gosto de me sentir presente na leitura e de sentir os sentimentos dos personagens.

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

Mais de 4 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 (X) 4 () 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

Um grupo de amigas, para dividir experiências literárias

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhos que Leem" antes da pandemia?

☐ Sim

☒ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem" você participou?

☒ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

☒ A linguagem do amor, de Lola Salgado.

☒ O conde que me amou, de Manu Costa.

☒ A promessa da rosa, Babi A. Sette.

☒ A história de nós dois, de Nina Reis.

☒ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

☐ Jogada do amor, de Ali Graciotte.

☐ Se eu te perder, de Cris Valori.

☐ A promessa, de Jess Bidoia.

☐ Fé no amor, de Andrezza Mota.

☐ A marquesa, de Nahra Mestre.

☒ Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco ☐ 1 ☐ 2 ☒ 3 ☐ 4 ☐ 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Nos livros O Conde que me amava, A Promessa da Rosa e As Vantagens de Ser Traída vemos vários tipos de violências que as mulheres vivenciam durante toda a vida. Em O Conde que me Amava e em A Promessa da Rosa, podemos ver as maneiras como as personagens principais superam as discriminações de sua época, em As vantagens de ser traída vemos como a personagem principal supera a traição e dá a volta por cima, nos três livros temos a superação da personagem feminina como foco e isso incentiva a não se deixar dominar, enganar e

depender emocionalmente de pessoas, ou da sociedade patriarcal, na busca constante pela liberdade feminina, o que pode ser refletida no cotidiano e na história das mulheres no mundo.

Participante da pesquisa 10

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Isabella

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 22

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☒ Ensino Médio

☐ Ensino Superior

☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

1.500,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☒ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☐ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☒ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☐ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☐ Sim, tenho.

☒ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

1

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☐ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

[X] Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Falta de concentração

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romance, gosto de conhecer o romance de várias formas e estilos.

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

3 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

O Caboquinhas que Leem é como uma família, que me acolheu e acolhe a todas.

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

[X] Sim

[] Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

[] Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

[X] A linguagem do amor, de Lola Salgado.

[] O conde que me amou, de Manu Costa.

[] A promessa da rosa, Babi A. Sette.

[] A história de nós dois, de Nina Reis.

[] As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

[] Jogada do amor, de Ali Graciotte.

[] Se eu te perder, de Cris Valori.

[] A promessa, de Jess Bidoia.

[] Fé no amor, de Andrezza Mota.

[] A marquesa, de Nahra Mestre.

[] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 (X) 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Participante da pesquisa 11

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Luísa

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 40

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

[X] Sim

[] Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

[] Ensino Fundamental

[] Ensino Médio

[] Ensino Superior

☒ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☐ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☒ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

8 salários-mínimos

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☒ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☐ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Esposo

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☒ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☐ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

- ☒ Sim, tenho.
☐ Tenho pouco.
☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

30

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

- ☒ Todos os dias.
☐ Algumas vezes por semana.
☐ Algumas vezes por mês.
☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romance

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

4 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 (X) 4 () 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

Uma família

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

- ☒ Sim
☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

- [] Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.
- [X] A linguagem do amor, de Lola Salgado.
- [X] O conde que me amou, de Manu Costa.
- [] A promessa da rosa, Babi A. Sette.
- [X] A história de nós dois, de Nina Reis.
- [X] As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.
- [] Jogada do amor, de Ali Graciotte.
- [X] Se eu te perder, de Cris Valori.
- [] A promessa, de Jess Bidoia.
- [X] Fé no amor, de Andrezza Mota.
- [X] A marquesa, de Nahra Mestre.
- [] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Participar do Clube me fez refletir quanto a minha profissão e então mudei. Hoje sou Finalista do curso de Letras, por amor a leitura e a literatura e por querer contribuir para uma sociedade mais leitora.

Participante da pesquisa 12

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Eloá

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 52

4. Cidade/estado em que nasceu: São Luís/MA

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☒ Ensino Médio

☐ Ensino Superior

☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

Sim 3.000,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Filhas e marido

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☒ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☐ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

Meus filhos já são de maior, mas tem os netos que dou apoio as minhas filhas

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☐ Sim, tenho.

☒ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

Uns 5 livros

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☐ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☒ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

No momento ressaca literária, acho que ainda não achei um bom livro que me prenda, também no momento não estou trabalhando fora ,isso contribuía muito, pois lia dentro do ônibus.

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Fantasia/ Romance. Pois me apaixono pelos personagens e viajo nas histórias com eles.

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

Há 5 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

Uma família onde dividimos, experiência, lutas, alegrias, livros, e muito aprendizado, pois tem meninas muito talentosas no grupo.

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

[X] Sim

[] Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

[] Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

[] A linguagem do amor, de Lola Salgado.

[] O conde que me amou, de Manu Costa.

[X] A promessa da rosa, Babi A. Sette.

[] A história de nós dois, de Nina Reis.

[X] As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

[] Jogada do amor, de Ali Graciotte.

[] Se eu te perder, de Cris Valori.

[] A promessa, de Jess Bidoia.

[] Fé no amor, de Andrezza Mota.

[] A marquesa, de Nahra Mestre.

[] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 (X) 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

No momento não consigo lembrar, pois já faz tempo que participei, mas o livro as vantagens de ser traída, é um título interessante, e um livro que te surpreende , pois qual a vantagem de ser traída!!???

Participante da pesquisa 13

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Heloísa

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 30 anos

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☒ Ensino Médio

☐ Ensino Superior

☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

- ☐ Sim, sou a principal provedora.
- ☐ Não, compartilho a responsabilidade financeira.
- ☒ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

1.100,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

- ☒ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.
- ☐ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).
- ☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Sim, com minha mãe

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.
- ☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.
- ☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

- ☒ Sim, tenho.
- ☐ Tenho pouco.
- ☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

Não lembro

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

- ☒ Todos os dias.
- ☐ Algumas vezes por semana.
- ☐ Algumas vezes por mês.
- ☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?**19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?**

Romance sobrenatural

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhos que Leem"?

Não sei

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhos que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhos que Leem" para você?

Uma família onde posso compartilhar o prazer das minhas leituras.

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhos que Leem" antes da pandemia?

- ☒ Sim
- ☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem" você participou?

- ☒ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.
- ☒ A linguagem do amor, de Lola Salgado.
- ☒ O conde que me amou, de Manu Costa.
- ☒ A promessa da rosa, Babi A. Sette.
- ☒ A história de nós dois, de Nina Reis.
- ☒ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

[X] Jogada do amor, de Ali Graciotte.

[X] Se eu te perder, de Cris Valori.

[] A promessa, de Jess Bidoia.

[X] Fé no amor, de Andrezza Mota.

[X] A marquesa, de Nahra Mestre.

[] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 (X) 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Participante da pesquisa 14

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Júlia

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 30

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

[] Sim

[X] Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

- ☐ Ensino Fundamental
☒ Ensino Médio
☐ Ensino Superior
☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

- ☐ Sim
☒ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

- ☐ Sim, sou a principal provedora.
☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.
☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

Não, é de 2.300,00.

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.
☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).
☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Minha mãe, meu irmão

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.
☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.
☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☒ Sim, tenho.

☐ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

20

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☒ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

A ansiedade

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romance adulto, por que sempre me imagino num romance como nos livros, com alguém que seja interessante

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

5 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

Amigas para falar de livros e das angústias da vida

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhos que Leem" antes da pandemia?

☒ Sim

☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem" você participou?

☐ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

☐ A linguagem do amor, de Lola Salgado.

☐ O conde que me amou, de Manu Costa.

☐ A promessa da rosa, Babi A. Sette.

☒ A história de nós dois, de Nina Reis.

☐ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

☒ Jogada do amor, de Ali Graciotte.

☐ Se eu te perder, de Cris Valori.

☐ A promessa, de Jess Bidoia.

☒ Fé no amor, de Andrezza Mota.

☒ A marquesa, de Nahra Mestre.

☐ Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 (X) 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Eu nunca tinha realmente percebido o abuso psicológico que tinha passado em um relacionamento até algumas leituras e debates, porque pra mim, era normal e natural o tratamento que tive, em alguns livros as personagens passam pelas mesmas coisas , foi um choque perceber que aquilo não era saudável!

Participante da pesquisa 15

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Ayla

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 34

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☐ Ensino Superior

☒ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

4.032,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Irmão e sobrinho

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☒ Sim, tenho.

☐ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

120 ou mais

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☒ Todos os dias.

☐ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romance, hot, suspense

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhos que Leem"?

1 ano

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhos que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhos que Leem" para você?

O Caboquinhos foi o novo meio que encontrei de interagir com novas pessoas, me fez despertar ainda mais o hábito da leitura, e me ajudou a ficar ainda mais próxima da minha mãe.

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhos que Leem" antes da pandemia?

[] Sim

[X] Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem" você participou?

[] Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

[] A linguagem do amor, de Lola Salgado.

[] O conde que me amou, de Manu Costa.

[] A promessa da rosa, Babi A. Sette.

[] A história de nós dois, de Nina Reis.

[] As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

[] Jogada do amor, de Ali Graciotte.

[] Se eu te perder, de Cris Valori.

[] A promessa, de Jess Bidoia.

[] Fé no amor, de Andrezza Mota.

[] A marquesa, de Nahra Mestre.

[] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Participante da pesquisa 16

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Elis

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 30

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

[X] Sim

[] Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

[] Ensino Fundamental

[X] Ensino Médio

[] Ensino Superior

[] Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

8.000,00 Não

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Meu esposo e meus filhos

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☒ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☐ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

Meu esposo e minha mãe

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☐ Sim, tenho.

☒ Tenho pouco.

[] Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

Li por volta de uns 15 livros

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

[] Todos os dias.

[X] Algumas vezes por semana.

[] Algumas vezes por mês.

[] Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

As vezes que não consegui ler foi por causa do cansaço do dia a dia.

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romances de época. Ah 🥰 muitos motivos + o principal é que eu amo as falas certinhas os cortejos e todas as regrinhas da sociedade quebradas 😂 os romances escondidos e como nasce o amor dos devassinhos. Amo muito

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

Desde o início há + ou - 7 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

O Caboquinhas é a minha família ❤️ Com elas eu me sinto em casa, feliz. Compartilho momentos bons e ruins. É como uma família um ajuda o outro. A energia que eu sinto com os encontros não tem explicação 🥹 O Caboquinhas é uma parte da minha história de vida. É tão importante que quando eu estiver velhinha vou contar pros meus filhos e netos as amizades que eu fiz e o grupo de leitura + maravilhoso que eu participei.

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhos que Leem" antes da pandemia?

☒ Sim

☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem" você participou?

☒ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

☒ A linguagem do amor, de Lola Salgado.

☐ O conde que me amou, de Manu Costa.

☐ A promessa da rosa, Babi A. Sette.

☐ A história de nós dois, de Nina Reis.

☒ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

☐ Jogada do amor, de Ali Graciotte.

☐ Se eu te perder, de Cris Valori.

☐ A promessa, de Jess Bidoia.

☒ Fé no amor, de Andrezza Mota.

☒ A marquesa, de Nahra Mestre.

☐ Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Olha todos os livros nos fazem refletir e ensinam muitas coisas. Fé no amor é um livro com uma história linda de superação. Que poderia ser a história de qualquer uma de nós. E assim como a Angélica eu tbm senti e sinto cada sentimento descrito e vivido no livro. E é a verdadeira demonstração de fé e amor ao Deus. E não consigo escrever em palavras o meu amor por este livro maravilhoso ✨💖

Participante da pesquisa 17

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Isis

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 34

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☒ Ensino Superior

☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☐ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☒ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

Um salário-mínimo

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.
- ☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).
- ☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Mãe

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.
- ☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.
- ☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

- ☒ Sim, tenho.
- ☐ Tenho pouco.
- ☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

2

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

- ☐ Todos os dias.
- ☐ Algumas vezes por semana.
- ☒ Algumas vezes por mês.
- ☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romance atuais por ser de fácil entendimento.

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhos que Leem"?

10 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhos que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhos que Leem" para você?

A família que me acolheu.

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhos que Leem" antes da pandemia?

[X] Sim

[] Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem" você participou?

[] Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

[] A linguagem do amor, de Lola Salgado.

[] O conde que me amou, de Manu Costa.

[] A promessa da rosa, Babi A. Sette.

[] A história de nós dois, de Nina Reis.

[X] As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

[] Jogada do amor, de Ali Graciotte.

[] Se eu te perder, de Cris Valori.

[] A promessa, de Jess Bidoia.

[] Fé no amor, de Andrezza Mota.

[] A marquesa, de Nahra Mestre.

[] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 (X) 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Valorizar e priorizar mais a mim e minha família do que terceiros e/ou relacionamentos sem futuro (incluindo amizades/coleguismos).

Participante da pesquisa 18

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Elisa

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 31

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

[] Sim

[X] Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

[] Ensino Fundamental

[] Ensino Médio

[X] Ensino Superior

[] Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

4.500,00 não acho

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Minha mãe.

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☐ Sim, tenho.

☒ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

30 livros

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☒ Todos os dias.

☐ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Horário do trabalho, só leio a noite agora. As vezes tô bem cansada e col sono, então não consigo ler muito. O número de livros desse ano lido baixou referente ao ano 2022.

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romance. Romance policial. Romance com fantasia. Eu uso a leitura para esquecer da vida real. Então prefiro algo mais leve para ler. E se for uma leitura com drama, que tenha final feliz.

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

5 anos e 11 meses

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

Um grupo de amigas que amam a leituras. Mas estão ali para muito mais do que apenas ler. É um grupo de apoio em outras esferas da vida. Pessoal, emocional. Etc.

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

☒ Sim

☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

- ☒ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.
- ☒ A linguagem do amor, de Lola Salgado.
- ☒ O conde que me amou, de Manu Costa.
- ☐ A promessa da rosa, Babi A. Sette.
- ☒ A história de nós dois, de Nina Reis.
- ☒ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.
- ☒ Jogada do amor, de Ali Graciotte.
- ☒ Se eu te perder, de Cris Valori.
- ☐ A promessa, de Jess Bidoia.
- ☒ Fé no amor, de Andrezza Mota.
- ☐ A marquesa, de Nahra Mestre.
- ☐ Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 (X) 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Pra mim principal mensagem que alguns livros ensinaram foi o recomeço, não desistir, e saber que tudo passa.

Participante da pesquisa 19

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Anttonella

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 26

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☐ Ensino Superior

☒ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

4 a 5 salários-mínimos

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Mãe

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☐ Sim, tenho.

☒ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

Mais ou menos 45 livros (contando os mangás)

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☒ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Rotina de trabalho

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Fantasia /Romance /Policial

Em muitos momentos acabo me identificando com alguns personagens e em outros , eu me sinto melhor fugindo da realidade.

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

Entrei em 2018 (6anos)

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 (X) 4 () 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

Um grupo de apoio. Encontrei não apenas mulheres que compartilham do mesmo amor pela leitura, mas também amigas que me apoiam em momentos difíceis na vida.

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

[X] Sim

[] Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

[X] Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

[X] A linguagem do amor, de Lola Salgado.

[X] O conde que me amou, de Manu Costa.

[X] A promessa da rosa, Babi A. Sette.

[X] A história de nós dois, de Nina Reis.

[X] As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

[] Jogada do amor, de Ali Graciotte.

[] Se eu te perder, de Cris Valori.

[] A promessa, de Jess Bidoia.

[X] Fé no amor, de Andrezza Mota.

[X] A marquesa, de Nahra Mestre.

[] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 (X) 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

A questão do Luto , da fé , dos relacionamentos , e das expectativas e conceitos que temos sobre esses temas. Os debates foram importantes pois neles passei a ter uma perspectiva diferente sobre alguns desses assuntos vindo de pessoas com histórias diferentes das minhas.

Participante da pesquisa 20

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Valentina

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 39

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☐ Ensino Superior

☒ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

- ☐ Sim, sou a principal provedora.
- ☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.
- ☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

5.400,00 NÃO

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.
- ☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).
- ☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Família (Filho e esposo)

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

- ☒ Não, pois possuo uma rede de apoio.
- ☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.
- ☐ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

Marido, tia e avó

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

- ☐ Sim, tenho.
- ☒ Tenho pouco.
- ☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

20

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☒ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Trabalhos e responsabilidades do dia a dia.

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romance de Época e Livros do ramo jurídico.

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

5 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

Família literária, onde encontro pessoas que não convivo em físico diariamente, mas próximas por afinidades e características similares. Onde me faz lembrar o quanto é importante abrir meu livro mesmo em dias conturbados, um espaço acolhedor e amável.

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

☐ Sim

☒ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

☐ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

- [] A linguagem do amor, de Lola Salgado.
- [] O conde que me amou, de Manu Costa.
- [] A promessa da rosa, Babi A. Sette.
- [] A história de nós dois, de Nina Reis.
- [] As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.
- [] Jogada do amor, de Ali Graciotte.
- [] Se eu te perder, de Cris Valori.
- [] A promessa, de Jess Bidoia.
- [] Fé no amor, de Andrezza Mota.
- [] A marquesa, de Nahra Mestre.
- [] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Não participei de clubes de livros, dentro do grupo das caboquinhos.

Participante da pesquisa 21

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Maya

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 33

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Boa Vista/RR

6. Você está estudando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☐ Ensino Superior

☒ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☒ Sim, sou a principal provedora.

☐ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

5.400,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☒ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☐ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.
- ☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.
- ☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

- ☒ Sim, tenho.
- ☐ Tenho pouco.
- ☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

2

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

- ☐ Todos os dias.
- ☐ Algumas vezes por semana.
- ☒ Algumas vezes por mês.
- ☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Excesso de trabalho e estudo.

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romance, Aventura

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhos que Leem"?

6 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhos que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

Um grupo de amigos que compartilhamos ideias, conhecimentos, livros e histórias de vida.

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

☒ Sim

☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

☐ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

☐ A linguagem do amor, de Lola Salgado.

☐ O conde que me amou, de Manu Costa.

☐ A promessa da rosa, Babi A. Sette.

☐ A história de nós dois, de Nina Reis.

☐ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

☐ Jogada do amor, de Ali Graciotte.

☐ Se eu te perder, de Cris Valori.

☐ A promessa, de Jess Bidoia.

☐ Fé no amor, de Andrezza Mota.

☒ A marquesa, de Nahra Mestre.

☐ Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 (X) 2 () 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Participante da pesquisa 22**Local da entrevista:** Google Formulários**1. Nome:** Letícia**2. WhatsApp:** XX XXXX-XXXX**3. Idade:** 53**4. Cidade/estado em que nasceu:** Santarém/PA**5. Cidade/estado em que reside:** Santarém/PA**6. Você está estudando atualmente?**☐ Sim☒ Não**7. Qual é o seu grau de escolaridade?**☐ Ensino Fundamental☐ Ensino Médio☐ Ensino Superior☒ Pós-Graduação**8. Você está trabalhando atualmente?**☐ Sim☒ Não**9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?**☐ Sim, sou a principal provedora.☐ Não, compartilho a responsabilidade financeira.☒ Não sou a principal provedora.**10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?**

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

2 salários-mínimos

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Meus pais

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☒ Sim, tenho.

☐ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

103 livros

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☒ Todos os dias.

☐ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Estilo Romance, porque gosto de histórias onde os personagens principais, apesar de todas as dificuldades que passam (e às vezes são bem reais), conseguem lutar para ficarem juntos e construir uma família feliz. Muitas dessas histórias trazendo importantes lições de vida.

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhos que Leem"?

5 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhos que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhos que Leem" para você?

O Caboquinhos é mais do que um grupo de leitura, é onde compartilhamos amizades, afetos, alegrias, tristezas, sonhos, como uma grande família.

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhos que Leem" antes da pandemia?

[X] Sim

[] Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem" você participou?

[] Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

[] A linguagem do amor, de Lola Salgado.

[] O conde que me amou, de Manu Costa.

[] A promessa da rosa, Babi A. Sette.

[] A história de nós dois, de Nina Reis.

[X] As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

[] Jogada do amor, de Ali Graciotte.

[X] Se eu te perder, de Cris Valori.

[] A promessa, de Jess Bidoia.

[X] Fé no amor, de Andrezza Mota.

[X] A marquesa, de Nahra Mestre.

[X] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 (X) 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

A situação que a personagem Madalena do livro "As vantagens de ser traída" passou, lutou para superar e seguir sua vida, mostrou-me que o ser humano tem uma força dentro de si para recomeçar que, às vezes, só é capaz de perceber diante de situações extremas.

Participante da pesquisa 23

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Aurora

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 27

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

[] Sim

[X] Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☒ Ensino Superior

☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☐ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☒ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

Sim 1.700,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Meu cônjuge

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☒ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☐ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

Meu cônjuge

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☐ Sim, tenho.

☒ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

22

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☒ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Algumas responsabilidades domésticas e a gravidez me deixam muito cansada física e psicologicamente, por isso não consigo ler todos os dias como gostaria

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Gosto de romances dramáticos, por que gosto da sensação de viajar parada a ponto de todas as minhas emoções se derramarem por tal livro.

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

Desde agosto de 2019

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

É meu refúgio, onde me sinto inclusa. Onde posso falar sem me sentir julgada, posso desabafar e ser acolhida. Cada encontro é como uma terapia em grupo em que entro desanimada e saio me sentindo muito feliz.

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhos que Leem" antes da pandemia?

☒ Sim

☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem" você participou?

☐ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

☐ A linguagem do amor, de Lola Salgado.

☐ O conde que me amou, de Manu Costa.

☐ A promessa da rosa, Babi A. Sette.

☐ A história de nós dois, de Nina Reis.

☒ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

☐ Jogada do amor, de Ali Graciotte.

☐ Se eu te perder, de Cris Valori.

☐ A promessa, de Jess Bidoia.

☐ Fé no amor, de Andrezza Mota.

☐ A marquesa, de Nahra Mestre.

☐ Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 (X) 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Não foi exatamente com uma leitura coletiva, mas a partir do momento em que comecei a ter o hábito de leitura, li uma série em que o casal era extremamente tóxico, me apaixonei até o último livro porém nele enxerguei que passava por algo muito parecido na minha vida, abrindo meus olhos para uma verdade que eu não queria enxergar. Nesse momento percebi

que se eu não tivesse entrado para o clube, não teria desenvolvido esse hábito de leitura e talvez demoraria muito mais para entender a situação em que me encontrava.

Participante da pesquisa 24

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Lara

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 25

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☒ Ensino Superior

☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

1.200,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☒ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☐ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Mãe

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☐ Sim, tenho.

☒ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

1 ou 5

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☒ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Os afazeres de casa

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romance

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

5 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

Um grupo maravilhoso, que quando eu preciso elas me apoiam em tudo

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

☒ Sim

☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

☒ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

☒ A linguagem do amor, de Lola Salgado.

☒ O conde que me amou, de Manu Costa.

☒ A promessa da rosa, Babi A. Sette.

☒ A história de nós dois, de Nina Reis.

☒ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

☒ Jogada do amor, de Ali Graciotte.

☐ Se eu te perder, de Cris Valori.

☐ A promessa, de Jess Bidoia.

[] Fé no amor, de Andrezza Mota.

[X] A marquesa, de Nahra Mestre.

[] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Um leitura maravilhosa que me faz viajar no tempo, e me faz ri bastante

Participante da pesquisa 25

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Maria Clara

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 40

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

[X] Sim

[] Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

[] Ensino Fundamental

- ☐ Ensino Médio
- ☐ Ensino Superior
- ☒ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

- ☒ Sim
- ☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

- ☐ Sim, sou a principal provedora.
- ☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.
- ☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

Não 10.000,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

- ☒ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.
- ☐ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).
- ☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.
- ☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.
- ☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

- ☒ Sim, tenho.
☐ Tenho pouco.
☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

Cerca de 20

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

- ☒ Todos os dias.
☐ Algumas vezes por semana.
☐ Algumas vezes por mês.
☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?**19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?**

Comédia romântica ...nos faz ver que é possível ser feliz mesmo nas dificuldades da vida

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhos que Leem"?

Perto da pandemia

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhos que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhos que Leem" para você?

Integração amizade

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhos que Leem" antes da pandemia?

- ☒ Sim
☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

- ☐ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.
- ☐ A linguagem do amor, de Lola Salgado.
- ☒ O conde que me amou, de Manu Costa.
- ☐ A promessa da rosa, Babi A. Sette.
- ☐ A história de nós dois, de Nina Reis.
- ☐ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.
- ☐ Jogada do amor, de Ali Graciotte.
- ☐ Se eu te perder, de Cris Valori.
- ☐ A promessa, de Jess Bidoia.
- ☐ Fé no amor, de Andrezza Mota.
- ☐ A marquesa, de Nahra Mestre.
- ☐ Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 (X) 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

A diversidade de pensamentos e realidades é importante para aprendermos a conviver em sociedade

Participante da pesquisa 26

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Lívia

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 41

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☒ Ensino Médio

☐ Ensino Superior

☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☒ Sim, sou a principal provedora.

☐ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

1.800,00 sim

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Minha irmã

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☒ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☐ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

Minha irmã

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☐ Sim, tenho.

☒ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

Não contei mais deve ter sido mais ou menos um por mês

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☐ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☒ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Meu trabalho, cuidado com os filhos, o curso que faço e outras coisas que faço me tiram o tempo e o foco

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romances porque me fazem desligar do caos que é o meu mundo

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

Desde 2019

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

É um grupo de apoio, tipo tem pessoas no grupo em quem posso desabafar sempre que preciso

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

[] Sim

[X] Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

[] Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

[] A linguagem do amor, de Lola Salgado.

[] O conde que me amou, de Manu Costa.

[] A promessa da rosa, Babi A. Sette.

[] A história de nós dois, de Nina Reis.

[] As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

[] Jogada do amor, de Ali Graciotte.

[] Se eu te perder, de Cris Valori.

[] A promessa, de Jess Bidoia.

[] Fé no amor, de Andrezza Mota.

[] A marquesa, de Nahra Mestre.

[] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 (X) 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Sim um livro que li que retratava um relacionamento abusivo e isso me fez refletir em as vezes somos manipuladas dentro de um relacionamento abusivo

Participante da pesquisa 27

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Esther

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 43

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☐ Ensino Superior

☒ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

- ☒ Sim, sou a principal provedora.
- ☐ Não, compartilho a responsabilidade financeira.
- ☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

4.000,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.
- ☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).
- ☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Esposo e filha

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

- ☒ Não, pois possuo uma rede de apoio.
- ☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.
- ☐ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

Esposo me ajuda

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

- ☒ Sim, tenho.
- ☐ Tenho pouco.
- ☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

15

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

- ☒ Todos os dias.
☐ Algumas vezes por semana.
☐ Algumas vezes por mês.
☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?**19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?**

Romances e thrillers

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

7 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

Uma segunda família

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

- ☒ Sim
☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

- ☒ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.
☒ A linguagem do amor, de Lola Salgado.
☒ O conde que me amou, de Manu Costa.
☒ A promessa da rosa, Babi A. Sette.
☒ A história de nós dois, de Nina Reis.
☒ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.
☒ Jogada do amor, de Ali Graciotte.

[X] Se eu te perder, de Cris Valori.

[X] A promessa, de Jess Bidoia.

[X] Fé no amor, de Andrezza Mota.

[X] A marquesa, de Nahra Mestre.

[] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 (X) 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Em todos os encontros do clube do livro, sempre há uma vivência envolvida entre os personagens e algumas de nós. É sempre um grande aprendizado pessoal discutir os assuntos.

Participante da pesquisa 28

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Giovanna

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 29

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

[X] Sim

[] Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

- ☐ Ensino Fundamental
☒ Ensino Médio
☐ Ensino Superior
☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

- ☐ Sim
☒ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

- ☐ Sim, sou a principal provedora.
☐ Não, compartilho a responsabilidade financeira.
☒ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

SIM 3.800,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.
☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).
☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Pai, mãe e irmão

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.
☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.
☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☒ Sim, tenho.

☐ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

10

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☐ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☒ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Problemas de saúde, enxaquecas e ansiedade. Eu lia bastante mas, devido a vários problemas eu reduzi, mas estou voltando aos poucos a ler com mais frequência.

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romance de época e fantasia. Eu adoro tudo relacionado a era da regência e medieval, sou encantada com os romances, também adoro fantasia porque nós faz viajar pra um mundo cheio de aventuras e muita ação.

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

6 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

Rede de apoio, família, amor em comum, exemplos de pessoas, um lugar onde você pode ser você e ser acolhida.

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhos que Leem" antes da pandemia?

☒ Sim

☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem" você participou?

☒ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

☒ A linguagem do amor, de Lola Salgado.

☒ O conde que me amou, de Manu Costa.

☒ A promessa da rosa, Babi A. Sette.

☒ A história de nós dois, de Nina Reis.

☒ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

☐ Jogada do amor, de Ali Graciotte.

☒ Se eu te perder, de Cris Valori.

☐ A promessa, de Jess Bidoia.

☐ Fé no amor, de Andrezza Mota.

☒ A marquesa, de Nahra Mestre.

☐ Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Poderia descrever algumas leituras que me fizeram ter sentimentos diversos, mas eu prefiro falar de alguns encontros e momentos no grupo do WhatsApp onde eu pude ouvir e/ou ler vários depoimentos que me impactaram, me fizeram refletir e me comoveram, ver como o grupo faz diferença na vida de cada mulher ali no grupo e emocionante assim como faz muita diferença na minha vida. Como todas se ajudam, apoiam e se importam faz toda diferença.

Participante da pesquisa 29

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Sarah

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 28

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☒ Ensino Médio

☐ Ensino Superior

☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

500

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.
- ☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).
- ☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Meu companheiro

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.
- ☒ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.
- ☐ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

- ☐ Sim, tenho.
- ☒ Tenho pouco.
- ☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

8

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

- ☐ Todos os dias.
- ☒ Algumas vezes por semana.
- ☐ Algumas vezes por mês.
- ☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Problemas pessoais

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romance, mas ando me arriscando em suspense

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

Desde 2018

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

Uma família

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

[X] Sim

[] Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

[X] Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

[X] A linguagem do amor, de Lola Salgado.

[X] O conde que me amou, de Manu Costa.

[] A promessa da rosa, Babi A. Sette.

[X] A história de nós dois, de Nina Reis.

[X] As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

[] Jogada do amor, de Ali Graciotte.

[] Se eu te perder, de Cris Valori.

[] A promessa, de Jess Bidoia.

[] Fé no amor, de Andrezza Mota.

[] A marquesa, de Nahra Mestre.

[] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Em várias, quando eu consegui comprar meu primeiro livro em grupo. Foi muito importante

Participante da pesquisa 30

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Diana

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 29

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

[] Sim

[X] Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

[] Ensino Fundamental

[] Ensino Médio

[X] Ensino Superior

☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

Sim, 2 mil

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Meus tios e primas

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

- ☒ Sim, tenho.
☐ Tenho pouco.
☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

Mais de 100

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

- ☐ Todos os dias.
☒ Algumas vezes por semana.
☐ Algumas vezes por mês.
☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Cansaço, desânimo ou falta de tempo.

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Meu estilo de leitura favorito são os clássicos, os de época, de romance, suspense. Um pouco de tudo. Basicamente leio um livro, série ou saga dependendo da sinopse/enredo do que se trata, assim como do meu humor na ocasião. As vezes passo dias lendo somente romances, outros só fantasia, e por ai vai. Vai mais pelo meu estado de espirito mesmo.

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhos que Leem"?

Se não me engano tem mais de 5 anos que faço parte do grupo.

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhos que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhos que Leem" para você?

Mais do que amigas que compartilham o amor pela leitura e literatura todas as meninas que fazem parte do grupo são para mim uma extensão da minha família. pois, independentemente da idade, escolaridade, profissão estamos todas unidas umas pelas outras. Nós ajudamos sempre que uma precisa. Pra mim sem o Caboquinhos que Leem teria sido muito mais difícil aguentar

a perda da minha mãe. De fato, as Caboquinhas foram uma âncora em que pude me sustentar quando meu mundo desabou. Por isso pra mim o grupo é muito mais do que amigas, são uma parte da minha vida. da minha família.

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

☒ Sim

☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

☐ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

☒ A linguagem do amor, de Lola Salgado.

☐ O conde que me amou, de Manu Costa.

☐ A promessa da rosa, Babi A. Sette.

☒ A história de nós dois, de Nina Reis.

☒ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

☒ Jogada do amor, de Ali Graciotte.

☒ Se eu te perder, de Cris Valori.

☒ A promessa, de Jess Bidoia.

☒ Fé no amor, de Andrezza Mota.

☒ A marquesa, de Nahra Mestre.

☒ Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Um dos livros que mais me marcou no clube do livro foi Fé no Amor da autora Andrezza Mota. Este foi um dos livros que mais me ajudou na época a me entender por pessoa e como ser humano, bem como a forma que eu tratava as pessoas a minha volta... Me ajudou a renovar a minha fé católica e me descobrir mais paciente, cautelosa e sempre refletir sobre

meus atos para que não tenha consequências antes de fazer alguma coisa. O livro nos trás inúmeros sentimentos conflitantes, que nos fazem parar e pensar " isso poderia acontecer comigo ", e de fato foi o que aconteceu. Me mostrou que podemos mudar e que nunca é tarde para recomeçar. Por isso que sempre digo a todos que conheço que " Os livros me salvaram a vida", me salvaram no momento em que mais precisei em mais de uma ocasião. Por isso os livros, a literatura, a leitura e principalmente as Caboquinhos que Leem são muito importantes para mim.

Participante da pesquisa 31

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Lorena

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 51

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☐ Ensino Superior

☒ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

- ☐ Sim, sou a principal provedora.
- ☐ Não, compartilho a responsabilidade financeira.
- ☒ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.
- ☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).
- ☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Mãe

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.
- ☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.
- ☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

- ☒ Sim, tenho.
- ☐ Tenho pouco.
- ☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

100 livros

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

- ☐ Todos os dias.
☒ Algumas vezes por semana.
☐ Algumas vezes por mês.
☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Outras obrigações

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romances, comédias, suspenses, gosto dos temas e das tramas

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

3/4 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 (X) 4 () 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

Um grupo de mulheres que moram no mesmo lugar que tem o mesmo gosto pela leitura e que se apoiam quando necessário

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

- ☐ Sim
☒ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

- ☐ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.
☐ A linguagem do amor, de Lola Salgado.
☐ O conde que me amou, de Manu Costa.
☐ A promessa da rosa, Babi A. Sette.
☐ A história de nós dois, de Nina Reis.

- ☐ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.
- ☐ Jogada do amor, de Ali Graciotte.
- ☐ Se eu te perder, de Cris Valori.
- ☐ A promessa, de Jess Bidoia.
- ☐ Fé no amor, de Andrezza Mota.
- ☐ A marquesa, de Nahra Mestre.
- ☐ Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Infelizmente não houve nenhuma leitura depois que entrei mas espero que haja em algum momento participar dessa interação e assim conhecer melhor as participantes.

Participante da pesquisa 32

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Isabel

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 29

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☐ Ensino Superior

☒ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☒ Sim, sou a principal provedora.

☐ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

4.000,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Mãe

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☒ Sim, tenho.

☐ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

8 livros

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☒ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Rotina corrida com trabalho e casa

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Fantasia. Porque cada livro tem um universo fictício diferente e que não são comuns fazendo nossa imaginação trabalhar, com personagens fortes e que se adaptam às dificuldades enfrentadas.

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

3 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

Uma grande família, porque mais do que compartilhar o amor pelos livros é um grupo que se ajuda em meio às dificuldades e que apoiam uma as outras

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

☒ Sim

☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

☒ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

☐ A linguagem do amor, de Lola Salgado.

☐ O conde que me amou, de Manu Costa.

☒ A promessa da rosa, Babi A. Sette.

☐ A história de nós dois, de Nina Reis.

☐ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

☐ Jogada do amor, de Ali Graciotte.

☐ Se eu te perder, de Cris Valori.

☐ A promessa, de Jess Bidoia.

☐ Fé no amor, de Andrezza Mota.

☐ A marquesa, de Nahra Mestre.

☐ Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Participante da pesquisa 33**Local da entrevista:** Google Formulários**1. Nome:** Rebeca**2. WhatsApp:** XX XXXX-XXXX**3. Idade:** 46**4. Cidade/estado em que nasceu:** Manaus/AM**5. Cidade/estado em que reside:** Careiro da Várzea/AM**6. Você está estudando atualmente?**☒ Sim☐ Não**7. Qual é o seu grau de escolaridade?**☐ Ensino Fundamental☐ Ensino Médio☐ Ensino Superior☒ Pós-Graduação**8. Você está trabalhando atualmente?**☒ Sim☐ Não**9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?**☐ Sim, sou a principal provedora.☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.☐ Não sou a principal provedora.**10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?**

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

8 mil

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Tenho uma secretária do lar

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☒ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☐ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

Tenho uma secretária do lar

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☐ Sim, tenho.

☒ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

34

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☒ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Estou ultimamente escrevendo um TCC para o mestrado

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romances de época

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

6 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

É grupo de amizade e leitura sensacional. Me sinto muito bem quando nos reunimos.

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

☒ Sim

☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

☐ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

☐ A linguagem do amor, de Lola Salgado.

☐ O conde que me amou, de Manu Costa.

☐ A promessa da rosa, Babi A. Sette.

☐ A história de nós dois, de Nina Reis.

☒ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

☐ Jogada do amor, de Ali Graciotte.

☐ Se eu te perder, de Cris Valori.

☐ A promessa, de Jess Bidoia.

☐ Fé no amor, de Andrezza Mota.

☐ A marquesa, de Nahra Mestre.

☐ Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☒ 4 ☐ 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

No momento não tenho nada a declarar.

Participante da pesquisa 34

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Luna

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 36

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☐ Ensino Superior

☒ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

7.000,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Babá e marido

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☒ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☐ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

Babá, tias e avós

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☐ Sim, tenho.

☒ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

30

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☐ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☒ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

O cansaço da rotina de trabalho e cuidados com a minha filha

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romance de época, pois, acho lindo as histórias os cenários as roupas e fico imaginando cada detalhe de se viver naquela época.

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

5 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

Um grupo de troca de experiências, uma rede de apoio e um projeto lindo que merece crescer cada dia mais, é acolhimento, amizade e amor

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

☒ Sim

☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem" você participou?

☐ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

☒ A linguagem do amor, de Lola Salgado.

☒ O conde que me amou, de Manu Costa.

☒ A promessa da rosa, Babi A. Sette.

☒ A história de nós dois, de Nina Reis.

☒ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

☒ Jogada do amor, de Ali Graciotte.

☐ Se eu te perder, de Cris Valori.

☐ A promessa, de Jess Bidoia.

☒ Fé no amor, de Andrezza Mota.

☒ A marquesa, de Nahra Mestre.

☐ Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 (X) 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Me ajudou a pensar um pouco mais em mim, priorizar o meu bem estar

Participante da pesquisa 35

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Olívia

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 42

4. Cidade/estado em que nasceu: Rio Branco/AC

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☐ Ensino Superior

☒ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☒ Sim, sou a principal provedora.

☐ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

5.000,00 não

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☒ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☐ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☒ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☐ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

Minha mãe e o pai da minha filha

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☐ Sim, tenho.

☒ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

60 livros

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☒ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Trabalho que gera cansaço mental (atendimento ao público), cuidado com a casa e com a filha, o que demanda tempo e atenção

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romance contemporâneo, Young Adult, Comédia romântica

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

4 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

É um grupo de leitoras/amigas que o mundo dos livros me deu! Nele, encontro amigas tão apaixonadas por livro e todo seu universo quanto eu!

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

[X] Sim

[] Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

[X] Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

[X] A linguagem do amor, de Lola Salgado.

[X] O conde que me amou, de Manu Costa.

[X] A promessa da rosa, Babi A. Sette.

[X] A história de nós dois, de Nina Reis.

[X] As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

[X] Jogada do amor, de Ali Graciotte.

[X] Se eu te perder, de Cris Valori.

[X] A promessa, de Jess Bidoia.

[X] Fé no amor, de Andrezza Mota.

[X] A marquesa, de Nahra Mestre.

[X] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 (X) 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

As vantagens de ser traída nos faz ver que a vida pode e deve continuar após uma decepção, seja ela qual for, principalmente amorosa.

Participante da pesquisa 36

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Joana

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 38

4. Cidade/estado em que nasceu: Rio Branco/AC

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

[X] Sim

[] Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

[] Ensino Fundamental

[] Ensino Médio

[X] Ensino Superior

[] Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

[X] Sim

[] Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

- ☐ Sim, sou a principal provedora.
- ☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.
- ☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

11.000,00 não

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.
- ☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).
- ☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Marido, mãe e filha

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

- ☒ Não, pois possuo uma rede de apoio.
- ☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.
- ☐ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

Minha mãe e irmãs

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

- ☐ Sim, tenho.
- ☒ Tenho pouco.
- ☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

50 livros

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☒ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Muitas vezes rotina do trabalho e faculdade

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Fantasia, romance de época, clássicos

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

6 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

Um grupo de apoio Literario e pessoas que se tornaram amigas.

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

☒ Sim

☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

☒ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

☒ A linguagem do amor, de Lola Salgado.

☒ O conde que me amou, de Manu Costa.

- [X] A promessa da rosa, Babi A. Sette.
 [] A história de nós dois, de Nina Reis.
 [] As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.
 [X] Jogada do amor, de Ali Graciotte.
 [X] Se eu te perder, de Cris Valori.
 [] A promessa, de Jess Bidoia.
 [X] Fé no amor, de Andrezza Mota.
 [X] A marquesa, de Nahra Mestre.
 [] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 (X) 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Sempre debatemos as diferenças de vida e estilo de uma época para a outra e que algumas coisas não mudaram.

Participante da pesquisa 37

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Mariana

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 27

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☒ Ensino Superior

☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☒ Sim, sou a principal provedora.

☐ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

4.000,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Meus irmãos

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.
- ☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.
- ☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

- ☒ Sim, tenho.
- ☐ Tenho pouco.
- ☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

Sete livros

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

- ☐ Todos os dias.
- ☒ Algumas vezes por semana.
- ☐ Algumas vezes por mês.
- ☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Gosto de ler sempre

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Hot

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

8 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

São um grupo que podemos dividir várias ideias

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

☒ Sim

☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

☐ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

☐ A linguagem do amor, de Lola Salgado.

☒ O conde que me amou, de Manu Costa.

☐ A promessa da rosa, Babi A. Sette.

☐ A história de nós dois, de Nina Reis.

☒ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

☐ Jogada do amor, de Ali Graciotte.

☐ Se eu te perder, de Cris Valori.

☐ A promessa, de Jess Bidoia.

☐ Fé no amor, de Andrezza Mota.

☐ A marquesa, de Nahra Mestre.

☐ Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Gosto de ler e anotar as minhas opiniões...pouco debato.

Participante da pesquisa 38

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Isadora

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 29

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☒ Ensino Superior

☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

Não 4.000,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.
- ☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).
- ☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Minh mãe

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.
- ☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.
- ☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

- ☐ Sim, tenho.
- ☒ Tenho pouco.
- ☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

11

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

- ☐ Todos os dias.
- ☐ Algumas vezes por semana.
- ☐ Algumas vezes por mês.
- ☒ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Estudos e trabalho

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romance de época e clássicos, principalmente os clássicos. Gosto de analisar os personagens e a época em que a história acontecia.

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhos que Leem"?

5 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhos que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhos que Leem" para você?

Um grupo de leitoras em que além de compartilhar leituras e o amor pelos os livros, compartilhamos histórias de vida. É como uma família.

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhos que Leem" antes da pandemia?

[X] Sim

[] Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem" você participou?

[] Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

[] A linguagem do amor, de Lola Salgado.

[] O conde que me amou, de Manu Costa.

[X] A promessa da rosa, Babi A. Sette.

[] A história de nós dois, de Nina Reis.

[] As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

[X] Jogada do amor, de Ali Graciotte.

[] Se eu te perder, de Cris Valori.

[] A promessa, de Jess Bidoia.

[X] Fé no amor, de Andrezza Mota.

☒ A marquesa, de Nahra Mestre.

☐ Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 ☒ 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Participante da pesquisa 39

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Melissa

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 30

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☒ Ensino Superior

☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☒ Sim, sou a principal provedora.

☐ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

4.000,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Filha, filho, esposo e sogra

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☒ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☐ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

Meu esposo e sogra

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☐ Sim, tenho.

☒ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

19

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☒ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Muito trabalho, cuidado da casa, estudos e principalmente família que sempre quer atenção.

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Fantasia é meu gênero favorito. Me faz viajar e entrar em um mundo que posso me perder facilmente. E esquecer por momentos toda a responsabilidade que tenho. É como uma droga, totalmente viciante.

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhos que Leem"?

Uns 5 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhos que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhos que Leem" para você?

É uma rede de apoio. É poder contar com pessoas que tem o mesmo nível de loucura quanto vc, é saber que sempre vai ter alguém ali que te entende. Entende como você pode sentir tantas emoções quando mergulha em algumas páginas.

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

☒ Sim

☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

☐ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

☐ A linguagem do amor, de Lola Salgado.

☒ O conde que me amou, de Manu Costa.

☐ A promessa da rosa, Babi A. Sette.

☐ A história de nós dois, de Nina Reis.

☐ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

☐ Jogada do amor, de Ali Graciotte.

☐ Se eu te perder, de Cris Valori.

☐ A promessa, de Jess Bidoia.

☐ Fé no amor, de Andrezza Mota.

☐ A marquesa, de Nahra Mestre.

☐ Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 (X) 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

No último encontro com as Caboquinhas, pude refletir sobre como todas nós somos parecidas, todas temos muitas responsabilidades, mas todas temos amor por livros. E nossos encontros nos dão momentos de escape. E poder compartilhar esses momentos além de incrível são únicos.

Participante da pesquisa 40

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Maria

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 55

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Careiro da Várzea/AM

6. Você está estudando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☐ Ensino Superior

☒ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

15.000,00 não

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Secretária do lar

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☒ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☐ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

Meus filhos já são adultos

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☒ Sim, tenho.

☐ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

Aproximadamente uns 130 livros

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☒ Todos os dias.

☐ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romance

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

Desde 2021

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

[] Sim

[X] Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

[] Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

[] A linguagem do amor, de Lola Salgado.

[] O conde que me amou, de Manu Costa.

[] A promessa da rosa, Babi A. Sette.

[] A história de nós dois, de Nina Reis.

[] As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

[] Jogada do amor, de Ali Graciotte.

[] Se eu te perder, de Cris Valori.

[] A promessa, de Jess Bidoia.

[] Fé no amor, de Andrezza Mota.

[] A marquesa, de Nahra Mestre.

[] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

No encontro que participei no final dia ano, percebi o carinho e a felicidade que TODAS as participantes têm em fazer parte do Clube As CABOQUINHAS QUE LÊEM. Que maravilha fazer parte dessa família. Que maravilha ter a leitura como um bálsamo para a minha vida.

Participante da pesquisa 41

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Catarina

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 28

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

[X] Sim

[] Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

[] Ensino Fundamental

[X] Ensino Médio

[] Ensino Superior

[] Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☐ Sim

☒ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

2.970,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Mãe e irmão

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☐ Sim, tenho.

☒ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

6

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☐ Algumas vezes por semana.

☒ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Faculdade

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Ficção, fantasia, New adult

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhos que Leem"?

5 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhos que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhos que Leem" para você?

E a reunião de um grupo de pessoas que compartilham mesmos interesses, uma interação e companheirismo que vai além do motivo inicial da criação do grupo

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhos que Leem" antes da pandemia?

☒ Sim

☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem" você participou?

- ☐ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.
- ☒ A linguagem do amor, de Lola Salgado.
- ☐ O conde que me amou, de Manu Costa.
- ☐ A promessa da rosa, Babi A. Sette.
- ☒ A história de nós dois, de Nina Reis.
- ☒ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.
- ☒ Jogada do amor, de Ali Graciotte.
- ☒ Se eu te perder, de Cris Valori.
- ☒ A promessa, de Jess Bidoia.
- ☒ Fé no amor, de Andrezza Mota.
- ☐ A marquesa, de Nahra Mestre.
- ☐ Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Participante da pesquisa 42

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Lavínia

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 30

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☒ Ensino Superior

☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Irmã, mãe e pai

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☒ Sim, tenho.

☐ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

17

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☒ Todos os dias.

☐ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Rotina

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Voltado para empreendedorismo e biografias

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

Não sei ao certo mais entrei antes da pandemia

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

Uma família literária, um grupo no qual eu me identifico

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

[X] Sim

[] Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

[] Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

[] A linguagem do amor, de Lola Salgado.

[X] O conde que me amou, de Manu Costa.

[] A promessa da rosa, Babi A. Sette.

[] A história de nós dois, de Nina Reis.

[] As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

[] Jogada do amor, de Ali Graciotte.

[] Se eu te perder, de Cris Valori.

[] A promessa, de Jess Bidoia.

[] Fé no amor, de Andrezza Mota.

[] A marquesa, de Nahra Mestre.

[] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 (X) 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Participante da pesquisa 43**Local da entrevista:** Google Formulários**1. Nome:** Alícia**2. WhatsApp:** XX XXXX-XXXX**3. Idade:** 34**4. Cidade/estado em que nasceu:** São Paulo/SP**5. Cidade/estado em que reside:** Manaus/AM**6. Você está estudando atualmente?**☐ Sim☒ Não**7. Qual é o seu grau de escolaridade?**☐ Ensino Fundamental☐ Ensino Médio☒ Ensino Superior☐ Pós-Graduação**8. Você está trabalhando atualmente?**☒ Sim☐ Não**9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?**☐ Sim, sou a principal provedora.☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.☐ Não sou a principal provedora.**10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?**

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

4.000,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Mãe

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☒ Sim, tenho.

☐ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

10 livros

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☐ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☒ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Trabalho e cansaço mental.

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Gosto mais de romance (mais comédia romântica) e fantasia porque são leituras leves, divertidas, mas que trazem reflexões também.

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

5 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

É mais que um grupo de leitura. Compartilhamos leituras, experiências literárias e de vida. Ajudamos umas às outras em diversas situações. É um grupo unido e respeitável.

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

[X] Sim

[] Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

[X] Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

[X] A linguagem do amor, de Lola Salgado.

[X] O conde que me amou, de Manu Costa.

[] A promessa da rosa, Babi A. Sette.

[] A história de nós dois, de Nina Reis.

[] As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

[] Jogada do amor, de Ali Graciotte.

[] Se eu te perder, de Cris Valori.

[] A promessa, de Jess Bidoia.

- [] Fé no amor, de Andrezza Mota.
- [] A marquesa, de Nahra Mestre.
- [] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 (X) 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

O quanto somos mulheres fortes, capazes de superar as adversidades não desistindo de nós mesmas, nem dos nossos sonhos.

Participante da pesquisa 44

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Maria Eduarda

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 39

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

- [] Sim
- [X] Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

- [] Ensino Fundamental

- ☒ Ensino Médio
☐ Ensino Superior
☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

- ☒ Sim
☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

- ☐ Sim, sou a principal provedora.
☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.
☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

6.000,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.
☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).
☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Esposo e filhos

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

- ☒ Não, pois possuo uma rede de apoio.
☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.
☐ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

Avós e tios

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☐ Sim, tenho.

☒ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

10

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☒ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhos que Leem"?

Desde a fundação

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhos que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhos que Leem" para você?

Uma rede de amigos que compartilham o mesmo gosto.

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhos que Leem" antes da pandemia?

☐ Sim

☒ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

- ☐ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.
- ☐ A linguagem do amor, de Lola Salgado.
- ☐ O conde que me amou, de Manu Costa.
- ☐ A promessa da rosa, Babi A. Sette.
- ☐ A história de nós dois, de Nina Reis.
- ☐ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.
- ☐ Jogada do amor, de Ali Graciotte.
- ☐ Se eu te perder, de Cris Valori.
- ☐ A promessa, de Jess Bidoia.
- ☐ Fé no amor, de Andrezza Mota.
- ☐ A marquesa, de Nahra Mestre.
- ☐ Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Participante da pesquisa 45

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Agatha

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 26

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Boa Vista/RR

6. Você está estudando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☒ Ensino Médio

☐ Ensino Superior

☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

2.600,00 sim

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☒ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☐ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

Mãe

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☐ Sim, tenho.

☒ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

3

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☒ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

Trabalho

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romance hot. Proibido é mais gostoso.

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

5 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhos que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 (X) 4 () 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhos que Leem" para você?

Apoio, informação, alegria, companheirismo e compreensão

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhos que Leem" antes da pandemia?

[X] Sim

[] Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem" você participou?

[] Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

[] A linguagem do amor, de Lola Salgado.

[] O conde que me amou, de Manu Costa.

[] A promessa da rosa, Babi A. Sette.

[X] A história de nós dois, de Nina Reis.

[] As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

[X] Jogada do amor, de Ali Graciotte.

[] Se eu te perder, de Cris Valori.

[] A promessa, de Jess Bidoia.

[] Fé no amor, de Andrezza Mota.

[] A marquesa, de Nahra Mestre.

[] Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 (X) 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Não julgar o que não sabe e não vive.

Participante da pesquisa 46

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Ana Liz

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 46

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☐ Ensino Superior

☒ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

- ☐ Sim, sou a principal provedora.
- ☒ Não, compartilho a responsabilidade financeira.
- ☐ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

25.000,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

- ☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.
- ☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).
- ☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Uma ajudante, meu esposo, meu filho

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

- ☒ Não, pois possuo uma rede de apoio.
- ☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.
- ☐ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

Ajudante, esposo

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

- ☒ Sim, tenho.
- ☐ Tenho pouco.
- ☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

20 ou mais

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

- ☒ Todos os dias.
☐ Algumas vezes por semana.
☐ Algumas vezes por mês.
☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?**19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?**

Romances, Livros jurídicos

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

7 ANOS

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

Um grupo de mulheres que compartilham não somente o que diz respeito à literatura mas dividimos e nos apoiamos na vida.

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhas que Leem" antes da pandemia?

- ☐ Sim
☒ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhas que Leem" você participou?

- ☐ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.
☐ A linguagem do amor, de Lola Salgado.
☐ O conde que me amou, de Manu Costa.
☐ A promessa da rosa, Babi A. Sette.
☐ A história de nós dois, de Nina Reis.

- ☐ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.
- ☐ Jogada do amor, de Ali Graciotte.
- ☐ Se eu te perder, de Cris Valori.
- ☐ A promessa, de Jess Bidoia.
- ☐ Fé no amor, de Andrezza Mota.
- ☐ A marquesa, de Nahra Mestre.
- ☐ Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Participante da pesquisa 47

Local da entrevista: Google Formulários

1. Nome: Yasmin

2. WhatsApp: XX XXXX-XXXX

3. Idade: 24

4. Cidade/estado em que nasceu: Manaus/AM

5. Cidade/estado em que reside: Manaus/AM

6. Você está estudando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

7. Qual é o seu grau de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☒ Ensino Superior

☐ Pós-Graduação

8. Você está trabalhando atualmente?

☒ Sim

☐ Não

9. Você é a principal provedora de renda da sua casa?

☐ Sim, sou a principal provedora.

☐ Não, compartilho a responsabilidade financeira.

☒ Não sou a principal provedora.

10. A renda mensal familiar impacta no seu hábito de leitura?

**Entende-se pela soma das rendas das pessoas com as quais você reside e colaboram nas despesas da família.*

4.000,00

11. O serviço doméstico impacta no seu hábito de leitura?

☐ Sim, pois faço a maior parte do serviço doméstico.

☒ Não, pois divido o serviço doméstico com outra(s) pessoa(s).

☐ Não faço serviço doméstico.

12. Com quem você divide o serviço doméstico?

**passe esta pergunta caso não divida ou não faça serviço doméstico.*

Minha mãe

13. O cuidado diário com os filhos impacta no seu hábito de leitura?

☐ Não, pois possuo uma rede de apoio.

☐ Sim, pois todas as responsabilidades são minhas.

☒ Não tenho filhos.

14. Quem faz parte da sua rede de apoio nos cuidados diários com os filhos?

**passe esta pergunta caso não tenha filhos ou rede de apoio.*

15. Você possui tempo de lazer e descanso para si?

☒ Sim, tenho.

☐ Tenho pouco.

☐ Não tenho.

16. Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

20

17. Você consegue ler por lazer e prazer com que frequência?

☐ Todos os dias.

☒ Algumas vezes por semana.

☐ Algumas vezes por mês.

☐ Não tenho conseguido ler com frequência.

18. Se você não está conseguindo ler com frequência, quais motivos você diria que te levam a isso?

19. Qual seu estilo de leitura favorito e por quê?

Romance

20. Há quanto tempo você faz parte do grupo "Caboquinhas que Leem"?

2 anos

21. Qual a importância do grupo "Caboquinhas que Leem" na sua vida?

Pouco importante () 1 () 2 () 3 () 4 (X) 5 Muito importante

22. O que é o "Caboquinhas que Leem" para você?

Uma grande família

23. Você participou de alguma leitura do clube do livro "Caboquinhos que Leem" antes da pandemia?

☒ Sim

☐ Não

24. Em quais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem" você participou?

☐ Inferno Perfeito, de Camilla Ferreira.

☐ A linguagem do amor, de Lola Salgado.

☐ O conde que me amou, de Manu Costa.

☐ A promessa da rosa, Babi A. Sette.

☐ A história de nós dois, de Nina Reis.

☐ As vantagens de ser traída, de Luísa Aranha.

☐ Jogada do amor, de Ali Graciotte.

☐ Se eu te perder, de Cris Valori.

☒ A promessa, de Jess Bidoia.

☐ Fé no amor, de Andrezza Mota.

☐ A marquesa, de Nahra Mestre.

☐ Ouvindo você, de Tatiana Pinheiro.

25. Se você participou de uma ou mais leituras do clube do livro "Caboquinhos que Leem", como essas leituras afetaram sua vida, suas decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Afetaram pouco () 1 () 2 (X) 3 () 4 () 5 Afetaram muito

26. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

APÊNDICE F — TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COLETIVAS

Grupo: Setembro/2019 — As vantagens de ser traída

Pesquisadora: Boa noite, estamos dando início à entrevista coletiva com o grupo referente a leitura de setembro de 2019 do livro *As vantagens de ser traída*. A primeira pergunta é: **1. Como vocês conheceram o “Caboquinhos que Leem”?**

Antonella: Eu brinco que eu fui sequestrada em um evento literário. Eu estava na fila de um dos eventos na Saraiva. Eu acho que eu tinha 16 anos, 7 anos atrás. Não, tinha já 20 anos. Daí, mais ou menos, foi quando a Diana, uma outra caboquinha, começou a conversar comigo e a gente falou de uma determinada autora em comum, uma autora nacional, a Mônica Cristina. Quando eu pisquei, ela já estava pegando o meu número, falando que tinha um grupo aqui em Manaus e tudo, foi quando eu conheci a Helena e conheci o Caboquinhos. E estou aí já faz uns 6 anos.

Elis: É uma recordação muito boa, lembra disso? Porque o Caboquinhos foi criado por mim, a Raíssa e a Bianca. Em uma postagem da Sue Hecker, perguntando a cidade, em 2014, a gente pegou o número uma da outra. E, por causa da cidade, “quem era da Amazônia e Manaus?” A gente nunca conseguia se encontrar. Aí era eu, a Bianca, a Larissa e a Raíssa. Nunca deu certo esse encontro, até que um dia, quando a Megan Maxwell veio pra Manaus. Tu lembra disso? Foi a primeira vez que eu te vi, tu era muito blogueirinha. A gente não conhecia ninguém. A gente foi tão do nada nem conhecia o livro dela, nunca tinha lido nada, mas como ela era Internacional, eu fui lá e comprei o livro para pegar o autógrafo. Aí muita vergonha. Fui a única do grupo que foi pegar o autógrafo, né? Das 4. E aí a gente já tinha esse grupo. Só que não era “Caboquinhos que Leem”, era outro nome. Aí fui pegando o número de uma por uma na fila da Saraiva. Aí, entraram algumas meninas. Não lembro se a Helena tinha entrado nessa, não consigo me recordar, mas acho que não. Foi crescendo depois de um tempão. Eu não sei como que aconteceu. A Helena entrou, o Mike entrou. Eu não consigo me recordar. Aí foi quando bombou, né? Porque a Helena botou tudo pra frente e todo mundo lá, de antigo, só sobrou eu e a Bianca, né, que é bem ausente, mas de resto, assim ninguém mais tá presente lá das meninas que eram de antigamente. Mas foi assim que criou e eu conheci elas assim e a Helena, ela bombou tudo com tudo, né, amiga, ela fez tudo acontecer, né? A Helena fez aconteceu o nome do Caboquinhos. Devemos tudo, né?

Helena: Foi nesse mesmo que entrei, calhou de no mês de setembro [2016] a Megan Maxwell, escritora espanhola, vir autografar em Manaus. E, neste dia, por incrível que pareça, se reuniram muitas das leitoras pioneiras do Caboquinhas. E aí, naquela história de começa a trocar aqui e troca ali, acabaram que foram se adicionando. E aí, quando eu entrei no grupo, a gente não tinha um nome, a gente não tinha nada definido, eram apenas algumas leitoras manauaras que curtiam romance. E eu sou professora, sou formada em letras, sou professora de literatura, sou pedagoga e eu fui utilizando um pouco dos conhecimentos que eu adquiri ao longo da minha vida. Para tentar dar uma nova vertente para aquele grupo de mulheres. Eu sempre entendi a leitura como algo essencial para o desenvolvimento do ser humano. E no mundo em que nós estávamos, naquela época, em que a mulher tentava solidificar o seu espaço na sociedade, mais do que nunca, porque não aproveitar esse espaço também para a construção de conhecimento, de novos saberes, de troca de experiências? A minha ideia sempre foi tornar o Caboquinhas uma rede de apoio que englobasse, em todas as áreas possíveis, o que uma mulher precisa pra ter uma vida o mais saudável possível. E aí nós começamos dando um nome ao grupo, foi escolhido Caboquinhas que Leem. E detalhe, algumas pessoas que não são amazonenses tentam adaptar pra forma gramaticalmente adequada que seria caboclinhas, porém, foi uma escolha nossa manter a forma como o interiorano amazonense se fala no interior, na própria capital mesmo. Dificilmente as pessoas falam caboclinha. Nós falamos caboquinha. Tanto é que uma das iguarias mais conhecidas da nossa região é o x-caboquinho, então tudo o que se refere ao universo amazônida tem essa expressão, né? De caboquinho e caboquinha. E aí escolhemos: é Caboquinhas que Leem. Nós criamos a primeira identidade visual do grupo, que era uma pessoa deitada na rede, com a perninha de fora, uma moça, uma mulher com a perninha de fora, lendo num espaço bem realmente natural com árvores e tudo mais. O meu filho que é design que fez. Foi uma das primeiras propostas que ele fez e ele acabou se inspirando na própria mãe. Porque isso é uma experiência, é um exemplo que ele tem desde sempre na vida dele. A mãe sempre com o livro, a mãe sempre lendo, que foi algo que eu herdei da minha mãe e por aí vai.

Pesquisadora: 2. O “Caboquinhas que Leem” significa o quê para vocês?

Elis: 2014 foi um ano muito difícil para mim também. Eu engravidei, né? Em 2014/2013. E eu estava muito mal, a minha vida. Assim, eu nem gostava de ler, amiga. Quando eu conheci o Wattpad por uma conhecida, peguei, comecei a gostar de livros, gosta de ler e, assim, pra mim, o Caboquinhas é tudo. Eu estava depressiva, sabe? Eu não tinha amizade, eu não conhecia

ninguém que gostava de ler. E até então eu só lia livros no Wattpad. Foi o meu primeiro livro, o da Meg Maxwell. Nunca tinha comprado com o meu dinheiro. A Helena e as meninas, eu não sei nem explicar. Eu não tenho esse apoio nem na minha família, essa amizade, esse vínculo, essas conversas, essa vontade de desabafar com as pessoas. Principalmente... que agonia. Não sei explicar. É uma conexão muito forte. Eu acho que é uma família mesmo, sabe? Tem coisas assim que a gente não fala nem com familiar, mas a gente fala com a Helena, “amiga, está acontecendo isso” e ela move um mundo para ajudar a gente de alguma forma e não nos expõe e uma ajuda a outra. Para mim, é uma família, mesmo, mais do que uma família, uma irmandade.

Antonella: Dá até vontade de se emocionar um pouco falando sobre o grupo. Porque pra mim é. Eu sempre fui a garota que ficava no cantinho lendo. Eu já tinha muita vontade da leitura. Leitura sempre fez parte da minha vida como um todo. Amo livros assim. No geral, não, mas eu nunca tive amigos que compartilhassem disso, e eu sempre tive muita dificuldade, de criança para adolescente, para falar assim. Eu geralmente não tenho dificuldade de apresentar uma ideia, mas conversar sobre mim, falar sobre mim, ter esse espaço sempre foi muito difícil. Tanto que quando eu brinco que eu fui sequestrada, foi porque assim foi muito automático essa conexão com as meninas. Eu não me senti com medo. Eu me senti como se finalmente estivesse encontrando pessoas que me entendessem, entendessem meu amor pela leitura, porque para mim a leitura é muito mais do que um passatempo. Para mim, é uma forma de eu me conectar. Já me vi em vários personagens, já passei por várias situações em que os livros foram a minha companhia, em grande parte, porque sou filha única. Fico muito tempo sozinha, sempre fiquei muito tempo sozinha em casa, então era o meu conforto e acharam um grupo especificamente composto por grande parte de mulheres, né? Foi algo que foi uma grande representatividade para mim. E eu ainda hoje, assim. Hoje, por conta da profissão, eu estou um pouco mais afastada, né? Da minha rotina e tudo tenta acompanhar, mas eu tenho absoluta certeza se um dia precisar de alguma coisa e eu colocar no grupo, eu sei que são as meninas que vão mover mundos e fundos para me ajudar. Quando? Quando o meu pai estava doente com COVID recentemente, também quando o meu pai adoeceu. Eu recebi muitas mensagens das meninas do grupo, sabe? Mesmo que não me conhecessem profundamente. É, deram esse suporte. Isso. Eu estava muito sumida e ela que está acontecendo? Você está bem? Você está... Então o caboquinhas é muito mais do que um grupo de leitura, é como a Tati falou, é uma extensão da nossa família, porque eu não tenho esse apoio nenhum na minha família, porque vou ser sincera, eu acho que de toda a minha família, sou a que mais leio, se meus parentes leem um livro a

muito, então é muito difícil ter esse contato, né? Por ser um grupo predominantemente feminino, eu me sinto muito confortável, até mesmo de falar questões de sexualidade, da gente, falar um pouquinho mais de romance, de desejos, de experiências, e isso me sempre me deixou durante esses 6 anos muito confortável. Então, acabou sendo o meu esteio emocional em muitos momentos. Quando preciso também. É o local onde eu me sinto eu, onde eu posso ser eu, né? Então acho que é isso. Se eu falava de voz, é tipo começar a chorar aqui acontece.

Helena: No grupo, nós já tivemos momentos de servir como base numa perda de um ente querido. É para desabafos de problemas familiares enfrentados, desde brigas do dia a dia a divórcios, a relacionamentos tóxicos e tudo mais. Nós temos algumas meninas no grupo que são psicólogas e que ajudam com alguns direcionamentos. Nós já trabalhamos temáticas como depressão, como o empoderamento feminino. E aí, é óbvio que a gente alia todos esses temas externos à leitura. Com esse formato, o grupo se mostrou muito importante para a maioria das meninas, principalmente durante a pandemia, porque mais do que nunca, era como se ali fosse um porto seguro para todas nós. As coisas me levaram para ser a organizadora do grupo, uma espécie de líder, digamos assim, eu sou a porta-voz do Caboquinhas, mas o Caboquinhas não é meu, é nosso. É óbvio que ele entrou na minha vida num momento muito especial, em que eu estava enfrentando sérios problemas de saúde e acabou que isso me permitiu estender essa minha veia de educadora. Eu transformei, digamos assim, em minha sala de aula. Trabalhar a leitura sempre foi algo muito especial na minha vida, que eu sempre fiz dentro e fora da escola.

Pesquisadora: 3. Dentre as obras lidas no clube do livro, qual foi a mais estimulante para a sua presença no “Caboquinhas que Leem”?

Antonella: Eu lembro que foi no meu primeiro encontro das caboquinhas, quando lançaram a ideia do clube do livro e um dos livros foi da Ana Rita Cunha. Acho que é o *Correndo para você* ou uma coisa assim, eu não me recordo muito bem. O que me fez ficar, eu acho que não foi nem tanto a história em si, mas foi o fato da Ana Rita sempre estar ali, tirando dúvidas. Ela foi uma autora/leitora, o que eu acho que fez eu me sentir muito tipo, “ah, esse é realmente o local que eu quero ficar”. Foi durante esses encontros, porque a gente debateu, a gente conversou. Eu acho que a palavra principal, a palavra-chave, seria o respeito, o respeito que cada uma ali levou em consideração quando expôs a sua opinião sobre o livro, sejam críticas, sejam elogios. Tudo isso de uma forma muito divertida. “Ah, beleza, eu não concordo contigo, mas tu tem que ver...” Então acho que foi muito divertido isso. Eu acho que isso que me fez ter

ainda mais vontade de ficar, que foi o meu primeiro contato. E aí eu, como eu disse, na pergunta anterior, sempre me senti muito retraída em alguns momentos e eu ver todo aquele grupo conversando de uma maneira super tranquila, gostosa, de simplesmente jogar as suas ideias. Esse respeito pela opinião, acho que foi o que me fez realmente ficar e é o que me faz ficar até hoje no grupo.

Pesquisadora: Elis conseguiu lembrar de algum?

Elis: Não, não. Assim, eu acho que todos, né? Quando teve o clube do livro, foi na época que fiquei mais afastada, porque eu estava grávida do meu neném. Antes disso mesmo, eu estava passando por muitas dificuldades, mas sempre estava participando, mas nunca estava lendo, sabe?

Pesquisadora: Então, você diria que as leituras não são muitas vezes, nesse período que tu participou do grupo, o teu motivo motor para estar no grupo, mas sim o grupo?

Elis: Sim, sim.

Helena: Eu que acabei propondo essa ideia [do clube de leitura], formatei algo como clube do livro, escolhemos um livro, conseguimos adquirir. Nós somos veementemente contra a pirataria de livros. Nós somos contra PDF de material publicado. Nós hoje entendemos muito bem o que representa esse universo de pirataria dentro do meio literário no Brasil, em que tão pouco se valoriza a leitura e o incentivo aos escritores, principalmente os independentes, que é tão parco. Eu distribuir um livro em PDF é desvalorizar completamente o trabalho de quem está por trás, o autor/autora. Em 2018, foi o nosso primeiro clube propriamente dito. Um título foi escolhido, entramos em contacto com a escritora. Ela participou de debate conosco. Inclusive, nós tivemos a oportunidade de ter a autora autografando os livros. Nós temos no grupo algumas autoras locais, como a Ana Rita Cunha, que é uma parceira minha muito atuante, muito ativa no grupo. Ela é escritora e teve dois livros publicados por uma editora. Ela tinha na época o formato físico. Então a gente ainda conseguiu vender alguns exemplares para ela e depois ela acabou publicando apenas no formato em e-book, na Amazon. Nós fizemos uma leitura de um livro dela, fizemos um encontro com ela, inclusive na casa dela, com a oportunidade dela ter essa interação com as leitoras e com distribuição de autógrafos e tudo mais. Foi bem interessante. O outro caso, foram os dois únicos clubes que nós tivemos no ano de 2018. O outro caso foi uma

escritora nacional, que foi a Sue Hecker e aí nós tivemos a presença dela, realizamos junto a Harper Collins, que era a editora dela na época, em um evento lá na Livraria Saraiva. Tivemos uma noite de autógrafos, fotos, sorteio de brindes e debate sobre a história do livro. Enfim, foi um evento maravilhoso.

Pesquisadora: 4. Em setembro de 2019, foi proposta a leitura de *As vantagens de ser traída pelo clube do livro “Caboquinhos que Leem”*. O que vocês poderiam dizer sobre o enredo deste livro?

Antonella: Caramba, eu lembro muito pouco. Eu estava confundindo com outro livro. Não, eu estava confundindo com outro, O lado bom de ser traída. Espera aí que eu estou tentando lembrar um pouquinho desse enredo. Eu participei. Eu lembro de ter participado.

Pesquisadora: Eu vou falar um pouco do enredo para vocês, para ver se vocês lembram dele. Essa história é baseada na própria história da Luísa Aranha.

Elis: Sempre tive essa dúvida, se era a respeito dela esse livro.

Pesquisadora: Sim, foi na própria história dela que ela baseou essa estória. Que, assim como a Madalena, a protagonista do livro, ela descobre que ela está sendo traída pelo marido e tem um filho pequeno.

Antonella: Um filho de 5 anos, né?

Pesquisadora: Sim. E ela precisa reconstruir toda a vida dela. Então, a partir disso, esse é o nosso enredo básico. Vocês conseguiram lembrar um pouco mais do livro?

Antonella: Sim.

Pesquisadora: 5. O que mais se destacou nessa estória para vocês durante a leitura?

Antonella: Lembro agora. Perdão, porque deu *bug*. Na época que foi proposto esse livro, eu estava no estágio, em alguma coisa da faculdade onde fiz um trabalho sobre saúde da mulher. E me bateu muito isso com o que eu estava estudando. Porque é sobre ressignificar toda a sua

vida. A Luísa Aranha trouxe muito isso no livro dela, e eu acabei batendo muito com isso, com as histórias que eu via na clínica e no trabalho em si. Ela conseguiu passar a dor, claro, dela ser traída. Mas ela também trouxe esse cuidado que ela precisava e eu acho que isso foi o que mais me tocou nesse momento. Ela traz essa necessidade de autocuidado buscando ajuda profissional, buscando um terapeuta, e eu acho que isso foi o que me tocou, que chegou o momento que eu pensei, puta merda, eu queria que muitas das mulheres que eu atendi e que eu atendo tivessem esse insight, tanto que eu cheguei a recomendar esse livro para algumas pacientes. Foi uma coisa que me moveu como mulher, né, atendendo outras mulheres. Isso moveu porque, cara, quantas vezes a gente não vê as mulheres que descobrem traições, mulheres que são deixadas, que tem que refazer sua vida toda do zero? E uma das coisas que a gente mais debatia nesses grupos, nos atendimentos, era o autocuidado que deixavam de ter com elas mesmas. Então, acho que esse livro foi impactante para mim naquele momento em específico, por também uma vivência pessoal, e eu e cheguei a utilizar ele em algumas intervenções por conta da história que era muito semelhante à história das mulheres com quem eu estava lá.

Elis: Oh, amiga, eu lembro muito pouco, mas, assim, na época que eu li esse livro... Eu acho que eu era uma Madalena. Não vou me estender, mas eu não tive essa... Qual é a palavra certa? Essa “força” que a Madalena teve. Mas as coisas se ajeitaram, as coisas mudaram. Esse autocuidado eu tive comigo. Agora eu trabalho, faço faculdade, depois de muito tempo. Eu já fui uma Madalena. E aquele negócio que está escrito aqui na capa, que é incrível, “como podemos ser cegos mesmo com os olhos funcionando perfeitamente?”. Às vezes a gente se acomoda. E não tem esse autocuidado, não tem essa força que ela teve de sair dessa. Essa é a vantagem ser traída, né?

Pesquisadora: 7. Qual a obra lida no clube do livro Caboquinhos que Leem mais diz sobre vocês quanto mulheres na Amazônia?

Antonella: Assim, não teve um em específico. Eu me senti representada em fragmentos de alguns dos livros [lidos pelo clube]. Fé no amor com a questão da religiosidade. É uma questão que bate muito aqui. Por exemplo, aqui em Manaus a gente tem muito arreigado a cultura indígena. Tive a oportunidade de fazer uma pós-graduação fora e é muito diferente. Eu senti muito esse impacto, sabe do de sair daqui de Manaus, sair do Amazonas e ir para outro estado, mesmo sendo no Brasil, a gente traz muito essa característica, principalmente na religião. Então

acho que essa parte de Fé no amor sobre perseverar, foi uma coisa que eu gosto de pensar que também tem um pouquinho de mim, um pouquinho de cada uma das mulheres daqui. E A fênix de fabergé. Eu vejo muita questão cultural. Tem toda a história russa, né? Sobre as tradições e tudo, e eu não pude deixar de pensar nas minhas tradições enquanto manauara, enquanto mulher, daquilo que é contado de mãe para filha, de avó, para neto, para bisneto. Lembrei-me que sentido não só da culinária que eles trazem bastante, né? No livro, como a boneca russa, né? Que para mim é aquilo dali é representa todas nós como mulheres. Nós temos ali várias camadas, vários traços e me senti representada nesse sentido. Claro que não diz sobre a minha cultura. Não diz sobre o meu Amazonas, mas chega a me representar em algum momento. A promessa da rosa, eu acho que é a empatia. Da história como um todo, esse de olhar para o outro e estar ali do teu lado, e aproveitar o tempo que você tem com essas pessoas. Então assim, não é que eu me sinta representada, mas eu sinto que tem características dessas histórias que eu posso trazer para minha própria história. Então, acho que isso é importante para mim.

Elis: Amiga, o que tem pra falar mais porque tu falou tudo. É difícil superar.

Helena: A fênix de fabergé, da Sue Hecker. Porque Manaus fez parte da inspiração para esse livro. E a resiliência da Kenya é algo que ela tem. E tem muito da cultura, sobre preservação. E por quê? Quando a Sue Hecker esteve em Manaus pela primeira vez, quando ela vinha lançar o livro Tutor. Nós tivemos a ideia de levá-la para conhecer o Centro Histórico de Manaus e o Teatro Amazonas. E, quando nós fizemos esse passeio dentro do Teatro Amazonas, a Sue se encantou. Por conta disso, ela dedicou uma parte da história. A Manaus, uma parte da história se passa em Manaus. A personagem, Kenya, é uma artista circense que realiza uma apresentação dentro do Teatro Amazonas. E essa moça tem algo que eu considero muito parte de mim, da minha personalidade, que é a resiliência. Capacidade de se adaptar, de não desistir. A Kenya, que é a protagonista de *A fênix de fabergé*, ela traz esse lado lúdico, digamos assim, e eu tento conectar a mulher em mim, diariamente, para não perder o contacto com a sua criança. Com a sua adolescente. Isso é muito importante porque me dá forças para enfrenta o dia a dia. E a forma como as tradições são apresentadas. A valorização da cultura, mesmo que a principal seja a cultura russa, em *A fênix de fabergé*. Mas nós também temos referência à cultura amazonense e eu valorizo muito a nossa cultura. Outra leitura é Fé no amor. Perdão, recomeço, fé. Acreditar nas pessoas. Ter fé no ser humano. O livro ele traz um ensinamento muito grande, ele fala sobre perdões, sobre recomeços. Ele fala sobre muita coisa, mas ele também fala na importância de você acreditar no ser humano, de você não desistir. E eu penso nisso, se ainda

tem algo que nos move mesmo depois de tanta coisa ruim. Então, quando eu digo que eu preciso ter fé, eu tenho que acreditar nisso e acreditar que a minha existência está contribuindo positivamente para a vida de tantas outras mulheres amazonenses como eu. Lutadoras como eu, guerreiras como eu. Nem todas são mães, mas quem é mãe vai ter condições de criar, educar novos cidadãos mais conscientes, mais sensíveis à dor do outro, mais solidários, mais cúmplices, empáticos. Essa nossa ideia [do grupo] é tentar realmente trazer as nossas experiências para esse convívio social e tornar esse universo que a gente vive melhor do que quando nós chegamos. Isso é fato. Se a gente conseguir isso, eu já estou infinitamente feliz.

Pesquisadora: 8. Vocês acreditam que tanto a leitura de As vantagens de ser traída quanto a leitura de outros livros do clube do livro “Caboquinhas que Leem” afetaram a vida de vocês, as decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Elis: Pela nossa cabeça, eu digo pela minha, ela sempre foi muito fechada, sabe? Por causa da minha criação, da minha infância. Quando a gente *tá* naquele momento debatendo sobre várias coisas no clube do livro, a nossa mente abre um pouquinho pra várias coisas, política, relacionamento, romance... Eu nunca me imaginei lendo um livro daquele. Um livro sobre ser traída, né? Como esse aqui, eu nunca imaginei, mas já me vi como essa personagem. Então, tipo, eu acho que é muito válido tudo o que se fala no encontro. Tudo que a gente aprende lá é muito válido.

Antonella: Eu acho que vai ser um complemento da minha resposta anterior, mas não só os livros do clube do livro, mas cada livro traz uma informação nova. Acho que de uma forma diferente. Eu ouço muitas pessoas, é o meu trabalho. Ouvir as histórias e singularidades delas, mas é através da leitura que eu tenho uma dimensão que esse mundo é muito maior. Então eu tenho um contato com pessoas de culturas e vivências diferentes que através da escrita delas, eu também entendo que eu não estou sozinha em determinado pensamento. Então, como os livros que eu citei anteriormente, cada um me trouxe uma mensagem. E me ajudou também a mudar algumas concepções. Eu pensei que só aquelas mulheres que estavam naquele grupo passavam por isso, mas aí eu pego o livro de uma autora nacional e vejo que não é assim. É uma realidade que é semelhante e divergente muito. Então, os livros têm esse poder de nos trazer essa visão de conseguir fazer com que a gente pense de uma forma diferente. Ou reforce aquilo que a gente já acredita.

Pesquisadora: 9. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Helena: Eu, Mayara, tenho o maior orgulho de dizer que das influências positivas que o nosso grupo oportuniza, nós temos no grupo, por exemplo, mulheres que depois dos 30 anos, depois dos 40 anos, mudaram completamente o seu foco de trabalho. Recomeçaram, aprenderam uma nova profissão do zero. Foram se qualificar, mudaram completamente a sua área de estudo, sabe? E se orgulham disso. Tem essa referência. Nós temos mulheres que superaram a depressão. Nós temos relatos de meninas que pensaram num suicídio e conseguiram encontrar no grupo uma válvula de escape emocional muito importante.

Antonella: É como eu falei, falei um pouco da minha experiência no primeiro encontro. Eu encontrei não só um clube que fala de livros, encontrei pessoas que também me entendem. Entendem meus surtos com a leitura, entendem quando eu falo que eu estou de ressaca literária, entendem quando eu não supero o livro ou quando eu não gosto de um. Eu acho que é fantástico, principalmente porque cada uma ali, embora seja muito voltado para o romance, cada uma ali também tem outros gêneros na qual são apaixonadas. Cada encontro, eu saio com uma lista nova de livros para ler de gêneros diferentes. Um novo mundo para eu descobrir. Então é isso.

Elis: Ela fala tão bonita, tão inspirador.

Pesquisadora: Encerramos. Eu gostaria muito de agradecer a vocês pela participação. Caso vocês sintam algum desconforto, principalmente de natureza emocional, pode estar entrando em contato comigo.

Grupo: Novembro/2019 — A história de nós dois

Pesquisadora: Eu vou iniciar a entrevista coletiva com o grupo referente à leitura de novembro de 2019, A história de nós dos. A primeira pergunta é: **1. Como vocês conheceram o “Caboquinhos que Leem”?**

Giovanna: Eu conheci através da Liz, ela estava vendendo livros, um romance de época. Eu

fui encontrar ela. Ela falou, “ah, você gosta de romance?” Eu falei, “eu amo”. Ela disse, “tu não quer participar do meu grupo?”. Respondi, “ah, eu quero”. No dia seguinte, já tinha um encontro. Aí eu fui até na casa da Ana Rita [autora de *Correndo para você*]. O primeiro encontro que eu fui e aí, desde disso, estou lá. Já foi, não saí mais.

Júlia: Eu entrei através da Sophia, a Sophia mora aqui perto de casa, meio perto mesmo. Aí a gente conversando um dia falou sobre livros assim, de romance. Aí ela falou, “ah, eu participo de um grupo, as meninas leem de tudo, romance, ficção e tudo mais. Quer participar?” Eu falei, “cara, eu quero”. Aí ela me colocou no grupo do WhatsApp. E aí eu logo fiz amizade com o Mike [foi o único integrante homem no grupo] que na época estava no grupo. Desde lá eu estou no grupo, entrei bem no finalzinho de 2017. E desde lá sempre, sempre, sempre no meio.

Luísa: Eu fui por algum grupo do WhatsApp de venda e troca de livros. Eu não lembro qual foi o grupo, mas eu conheci a Ana Rita e a Ana Rita me apresentou o grupo. Me convidou para a primeira reunião e, desde então, eu acho que foi em 2018, eu participo.

Pesquisadora: 2. O “Caboquinhas que Leem” significa o quê para vocês?

Giovanna: O Caboquinhas, assim, foi maravilhoso. Eu não sou uma pessoa assim, eu sou tímida, mas depois que eu conheço — e tenho mais intimidade com as pessoas — me solto. Queria conversar dos livros que eu lia. Eu queria contar, mas o pessoal “ah, isso é muito chato. ah, eu não leio, ah, não sei o quê”, então, não tinha ninguém assim para falar, nem meus amigos da escola. Então, quando eu entrei no grupo, tinha as brincadeiras, todo mundo falava de livros. Então, tipo, foi um dia assim, eu me senti à vontade para também ficar surtando por causa de um personagem, né? Ninguém me julgar por isso, nem por estar chorando lendo um livro. Porque minha mãe falava, “meu Deus, você vai ficar louca, de tanto ler esse negócio”. Minha avó, na verdade, ficava dizendo isso, “vai ficar doido, tu lê demais, daqui a pouco tu está surtando”. Aí eu ficava rindo e chorando. Assim, às vezes, eu dava gargalhadas com livro e minha avó falava, “o que essa menina tem? Ela fica sozinha, tu tem que ver isso, tem que levar no psicólogo. Ela está ficando tudo louca”. E, quando eu entrei no grupo, poder compartilhar isso foi muito, muito maravilhoso. E, assim, quando eu também vi como todo mundo é acolhido, quando eu vi quanto o povo incentiva as outras. Empurra pra cima, vai! Se elas estão fazendo alguma coisa, iniciando um negócio ou se estão começando uma faculdade, todo o apoio que as meninas dão. Até quando acontece alguma coisa. A pessoa sofre alguma coisa e, tipo, todo

mundo, mesmo com seus problemas, dá um jeito de ajudar, nem que seja só apoio. E isso, tipo, foi muito bom pra mim, sabe? Até em momentos que eu passei muita dificuldade, quando eu fui pra fora, eu fiquei sozinha. Às vezes tem as reuniões até ali pelo grupo [de WhatsApp], aí quando tinha as leituras coletivas, era até no momento da pandemia. Também foi tipo muito *punk* para todo mundo. Isso o grupo ajudou muito, sabe? E ele é realmente muito importante para mim. Acho que eu estou desde 2018. Eu nunca tenho certeza. Tenho que sempre perguntar da Helena, que sabe. Sorrio de memória, eu pergunto dela toda vez. Mas eu já estava bastante tempo assim. Eu adoro esses encontros, realmente eu adoro.

Júlia: Pra mim, o grupo teve uma importância muito grande. Eu tinha uns amigos que leem também, só que eram mais amigos de internet, né? Então, a gente fazia conferência pela internet, trocava livros por internet, essas coisas assim, mas não tinha alguém ali para você conversar e tudo mais. E, quando eu conheci as meninas, foi muito engraçado, porque eu conhecia a Sophia há muitos anos, mas não sabia que ela gostava de ler. A maioria dos livros que ela gosta eu gosto, né? Então quando ela falou que tinha gente que gostava dos mesmos livros. Aí eu, “mas o pessoal já leu tal livro? Aí, já gosto. Tal livro, esse desgosto. Daí eu fiquei gente, como assim?” E aí eu senti a energia do pessoal da primeira vez que eu encontrei, foi incrível assim pra mim. Eu estava, na época, quase saindo de um relacionamento, então foi aonde eu encontrei um meio de distração, sabe? Para conversa, para entender mais o que eu estava sentindo, para tentar me encontrar como pessoa, porque eu passei muito tempo nesse relacionamento. Então, quando eu saí, foi logo que eu já estava no grupo, então ajudou muito de conversar. Até mesmo para xingar junto, sabe? E falaram, “você tem que sofrer por alguém, tipo, que preste. Um personagem de livro, não só para essa pessoa”. Era uma coisa que a Helena falava muito para mim. Brincando, né? Para me fazer rir e tudo mais. Então, foi muito importante, desse fato e de eu me encontrar como pessoa, de me encontrar como leitora também, de ter mensagens diferentes, de encontrar gente que eu nunca imaginava que lesse a mesma coisa que eu. Porque a gente essa coisa de achar que alguns livros que a gente lê só a gente leu. Ninguém nunca leu. Aí você encontra alguém que leu aquele livro e a pessoa pira com você. É tão legal. Às vezes eu não estou tão presente por causa dos meus próprios problemas, mas se precisar. Sempre sabem que podem me chamar para as reuniões, mesmo que eu não tenha ajudado nada. Eu dou um jeito de ir, porque é muito importante para mim, muito, muito, muito mesmo. Até nas dificuldades que eu tive com morte de parentes. Quando minha avó morreu em 2019, as meninas me ajudaram muito nisso, de conversar, de tirar um tempo para ouvir, só para tentar amenizar um pouco do que eu estava sentindo. Foi muito importante, muito importante. Mesmo

assim, tem uma importância que eu não tenho como explicar. Assim eu vou falar muito, então como não gostaria de chorar, porque eu sou uma pessoa chorosa. Então não dá certo. Bom.

Luísa: Então, né? É tudo o que elas falaram. Aí, basicamente, resumo o que eu sinto. Caboquinhas pra mim tem uma grande importância, tanto nesse lado da leitura, né, da gente conhecer pessoas que gostam de ler o mesmo que a gente, da gente xingar, de se apaixonar e também no lado profissional. Lembro que, quando eu entrei, eu estava pensando sobre minha vida profissional. Foi uma pausa na minha carreira e eu estava pensando se eu ia voltar a fazer cursos de reciclagem ou se eu ia mudar completamente. Eu lembro que eu comecei a conhecer vocês, inclusive você, Mayara, acho que era estudante de Letras ainda na época. Aí eu falei, “olha, que legal”. Aí, a Helena também falou o que ela tinha estudado. E eu vi que tinha as meninas escritoras. Eu falei, “olha, isso é muito legal” e foi quando eu decidi cursar Letras também. E mudou completamente a minha vida profissional e, sempre quando eu falo disso, as pessoas falam “mas menina, tu mudou da Engenharia para Letras?” Aí eu tenho que explicar toda história e, com certeza, o *Caboquinhas* é citado porque foi o ponto-chave da mudança. Eu encontrei muitas pessoas que nem me incentivaram diretamente, eu lembro que eu nunca nem conversei com a Mayara sobre, mas eu já vi a pessoa e falava, “olha que legal, que bacana. Acho que eu posso, né, seguir esse caminho também”. E essa é a maior importância. Também a rede de apoio que nós temos, como a Júlia falou: é na alegria e na tristeza. Mais do que um clube de leitura, é uma grande família mesmo. Mesmo a gente não se conhecendo muito, mas quando uma precisa? Quem pode, ajuda. Isso é de extrema importância, né? Principalmente nos dias que nós vivemos hoje, que falta muito empatia e amor por parte das pessoas.

Pesquisadora: 3. Dentre as obras lidas no clube do livro, qual foi a mais estimulante para a sua presença no “Caboquinhas que Leem”?

Luísa: Com certeza foi o da Ana Rita, *Correndo para você*, se eu não me engano. Se eu não estiver errada, *Correndo para você*, foi a primeira leitura que eu fiz com o grupo. E foi o meu primeiro contato com a literatura contemporânea amazonense, que eu nem sabia que existia. Essa leitura me marcou muito.

Júlia: Para mim, foi o clube do livro da Sue Hecker [*A fênix de Fabergé*], porque eu nunca tinha conhecido uma autora. Eu já tinha lido muito livro nacional, mas eu nunca tinha conhecido nenhuma autora. Eu tinha muita vontade de conhecer. Eu lembro que eu fiquei tão empolgada

que eu não dormi quando foi para conhecer ela. Quando foi para falar sobre o livro dela, porque eu estava super empolgada e eu lembro que a gente fez até uma videochamada com ela, com perguntas. Então eu estava super, eu não dormi. Se você for procurar as fotos, eu estou assim. Isso aqui está fundo [aponta para os olhos] de tão empolgada que eu estava e eu não conseguia me conter. Eu até falei para a Helena depois que, quando eu cheguei em casa, eu chorei de tão empolgado que eu estava, que eu não consegui colocar para fora e eu comecei a chorar porque eu queria muito poder conhecer um autor. A gente mora muito longe de São Paulo e Rio de Janeiro, então, quando tem bienal? Fica só vendo. É como se eu tivesse ficado tão perto de alguém que a gente só lê e tudo aquilo marcou muito para mim. As fotos que eu mais amo são desse [encontro], assim como as do livro ou até mesmo quando a gente a conheceu pessoalmente quando ela veio aqui em Manaus, foi incrível para mim. Eu não esqueço, para mim, foi aí que eu falei, “meu Deus, eu daqui não saio daqui, daqui ninguém me tira”.

Giovanna: Eu não dei sorte de pegar esses encontros presenciais. Olha, besteira, o pessoal fala que teve vários e eu não peguei nenhum, uma tristeza, mas assim, para mim, eu também não tinha muito contato com a literatura nacional. Acho que muito daquela coisa, dos que a gente tinha muito divulgado, né? E a gente vai nesse ritmo. Então, nas caboquinhas eu tive muito mais contacto e, assim, um que eu gostei muito foi da Babi A. Sette. Também não conhecia ela, apesar dela também ter um nome, né? Da Babi A. Sette, teve um encontro e foi um livro dela. E um da Cristina Valori também, que eu só não recordo o nome do livro, porque faz muito tempo. Eu realmente estou muito ruim de memória, tá? Eu estou horrível de memória. É, antes eu lembrava tudo, hoje em dia, depois do COVID eu não lembro mais de nada. Foi assim, 2 livros que teve que eu gostei, tipo, muito, inclusive eu acho que eu tenho foto, mas eu não, não consigo achar agora. Que eu gostei muito, que foi quando eu comecei assim, tipo, né, fora os outros livros que eu lia, mas é porque eu não gosto muito do gênero muito hot. Mas eu gosto dos livros da Sue Hecker. Eu gosto dos livros dela. Eu gosto dos que tem de época, então quando veio da Babi A. Sette e das outras que envolvem isso já entrei mais. Eu só não me recordo o nome, não consigo recordar o nome do que teve da Cristina Valori que eu, o rosa era até uma capa rosa. Na época que eu terminei de ler, eu fiz um milhão de fotos no meu celular.

Pesquisadora: 4. Em novembro de 2019, foi proposta a leitura de “A história de nós dois” pelo clube do livro “Caboquinhas que Leem”. O que vocês poderiam dizer sobre o enredo deste livro?

Júlia: Deixa eu ver se eu não lembro, é a história de uma moça que ela era freira. Certo? Alguém me diz aí [sinal de positivo]. Ela é freira e ela é ameaçada pelo... como é, meu Deus do céu, o que tem aqui no Pará. É tipo milícia da região. Então ela precisa de proteção. E ela acaba se envolvendo nesse meio ao ser uma testemunha, porque ela presenciou uma chacina e então ela precisa fugir. É mais ou menos isso, se não me falha a memória. Eu lembro muito bem do enredo, mas os nomes eu sou muito ruim com o nome, gente. Eu lembro da história, mas eu não lembro os nomes. Eu lembro que eu ri muito lendo esse livro, porque, ao mesmo tempo, que era pesado, era engraçado. Realmente foi muito preocupante, porque quem mora para essa região, quem tem amigo ali pelo Pará, sabe que essas histórias assim de pessoa ter que fugir é verdade. Então, eu ficava pensando muito nos meus amigos que moram para lá, que já foram ameaçados e tudo mais. Eu ficava meio, “gente, um pouco disso é real e um pouco disso é ficção”, sabe? E eu lembro que mexeu muito comigo, porque eu só ficava, “pelo amor de Deus, que ela fique viva no final”. Eu fiquei torcendo muito que ela ficasse bem, não importava se ela ficasse com o personagem [par romântico] ou não. Eu só queria que ela ficasse bem. O que ela tinha vivenciado, que foi uma chacina e tudo mais, ela não merecia, porque a gente sabe que ela não tinha culpa na história de ter estado naquele momento. Então, para mim, eu só queria que ela fosse ficar bem. Eu lembro disso muito bem, “ela deve ficar bem, pelo amor de Deus, não morre”. E eu lembro que ela consegue fugir, mas e ela acaba saindo, né? Porque ela precisa sair por causa da igreja, que prefere tirar ela do convento que proteger, do que de lutar contra isso [a milícia]. Então, ela acaba voltando a ser uma pessoa normal. Sem ser uma freira e tudo mais. E é esse momento que eu acho que é muito errado, porque é estranho assimilar que ela não é mais freira. Ao mesmo tempo, ele [par romântico] gosta dela. É muito engraçada, porque a gente fica “ela não é freira”. Aí, eu “ah, tá, ela não é uma freira”. Eu ria muito com isso. Eu lembro que eu ria muito, muito, muito. Foi muito divertido nesse ponto e é isso que eu lembro, gente.

Pesquisadora: 5. O que mais se destacou nessa estória para vocês durante a leitura?

Luísa: Maya, eu te juro que quando você mandou a mensagem do livro, eu lembrava de ter lido esse livro. A Júlia me fez relembrar. Mas o que eu posso fazer para te ajudar é procurar a minha postagem que eu fiz quando eu terminei de ler o livro, eu posso ler para você e aí a gente vai lembrando junto. “Apaixonada, assim que estou ao terminar essa leitura, que livro mais lindo, Caetano e Marina. Um casal nada convencional, mas ambos com senso de justiça e amor pelas pessoas. Marina, destemida, determinada, forte e sempre grata. Acredito que isso tenha sido

uma característica que eu gostei muito, mesmo nos momentos mais difíceis, ergueu a cabeça e superou com dignidade cada dificuldade. *'Que a bichinha sofreu. Não foi brincadeira não, isso aí deu pra lembrar agora'*. Caetano, um homem forte, íntegro. Disfarçado de ogro, mas ainda assim envolvente, tão dedicado às pessoas. Impossível não amar. Amei o romance, os cenários, as lutas, os dramas, as alegrias, as conquistas e, principalmente, a amizade entre os personagens.” Foi isso que eu senti.

Giovanna:

Se eu te falar que eu realmente estava procurando aqui se eu escrevi alguma coisa, estava caçando, mas eu não consigo porque foi logo quando eu me mudei. Eu acho que até fiquei um pouco ausente no grupo. Depois eu vou, porque eu vi que eu comprei o livro, está aqui. Eu olhei a lista. Se eu escrevi alguma coisa, mas eu não achei. Não consigo lembrar. Antigamente era tão fácil para eu lembrar dos livros, de todos os livros, mas hoje em dia, eu realmente eu passo meia hora pensando e nada. Sai fumaça.

[Todas concordam]

Pesquisadora: 6. O que vocês acharam da trajetória construída para a protagonista? Vocês conseguiram ver algum paralelo com as suas próprias realidades ou de outras mulheres com quem convivem?

Júlia:

Assim, eu vi muito paralelo, essa coisa de a vida vim te derrubar no momento e você ter que se levantar foi uma das coisas que agora a Luísa falando me lembrou assim muito disso, até mesmo dos próprios personagens, né? Da amizade que eles têm entre eles assim, mais da parte dela de ter que mudar completamente. Eu lembro agora falando muito, lembrei de que ela fica completamente assustada quando tem que sair da igreja, porque até então ela está na igreja desde muito tempo e quando falam para ela que ela não pode mais ser freira, ela tem que ir embora. Ela tem que recomeçar, nem sabe o que fazer, mas eles, incluindo o Marcelo [par romântico], não desistem. Acho que esse é um ponto que parece muito como a minha vida, com a vida de tanta gente que eu conheço, de tantos amigos, de tantas mulheres que, pela morte de alguém, por terem que trocar de trabalho ou porque o marido simplesmente foi embora e abandonou, precisaram mudar. Você precisa mudar tudo e tem que se levantar e falar, “não, eu tenho que fazer alguma coisa porque a minha vida vai mudar e eu tenho que seguir junto com

ela”. Lembra amigas, lembra a mim mesma. Ela lembrou a família, lembrou muita, muita gente mesmo, essa coragem de tu estava triste, mesmo assim não desistir, não, não, não parar, sabe?

Luísa: Não tão profunda quanto a Júlia, não é? Mas eu posso fazer um paralelo com a minha vida, com o que eu falei para vocês no início, né? Que eu mudei completamente de uma profissão no qual eu já era meio que estabilizada e fui para uma que eu comecei do zero. Foi preciso realmente muita coragem. E ainda estou na luta.

Pesquisadora: 7. Qual a obra lida no clube do livro Caboquinhas que Leem mais diz sobre vocês quanto mulheres na Amazônia?

Luísa: Eu lembro desse aqui porque que eu fui pegar esse aqui? Fé no amor, da Andreza, porque que eu me lembre, né? A história em si não. Não tem muito a ver comigo, mas era uma história muito, como eu posso dizer, de companheirismo entre os protagonistas e como está no título. Não é muita fé, muita fé no amor. Eu lembro disso, eu acho que no que a gente lê no clube, nas leituras coletivas, esse daqui é um que se aproxima muito da minha. Do que eu penso, né? Ó, até no final, ó. Até tem uma citação assim: Obrigada, senhor, por nos ajudar a achar o caminho do amor por nos unir diante de ti e nos capacitar a compartilhar nosso amor. Caminho em fé com outras pessoas. E eu acredito muito nisso, né? No casal, no amor. Eu Acredito que esse aqui tenha sido o mais marcante para mim. Fé no amor, da Andreza Mota.

Giovanna: Então, eu também fui procurar aqui nos meus arquivos e lembrei de um aqui da Narah Mestre, que também foi outra que eu conheci através das caboquinhas e, tipo, eu amei todos os livros dela que eu achei. Eu morria de rir com tudo, porque eu adorei a escrita dela. Eu gostei muito de um que o título é “Quem vai ficar com ele”. Acho que foi um dos últimos que eu li dela. Assim, mais recente, né? A questão de você voltar e ter que encarar o passado é, eu acho que eu ainda passo muito por isso, sabe? De ter que recomeçar. E ele tinha muito disso, ter que voltar e enfrentar. Ele volta, né, pro Brasil e ele tem que passar por tudo que ele deixou para trás; encontrar o pessoal lá e, tipo, recomeçar. E aí ter que encontrar. E teve uma fase da minha vida que eu tive que depois de anos sair por problemas. E depois eu não consegui voltar e rever as pessoas que eu deixei para trás. Assim, não foi tão grandioso quanto o dele, mas esse foi o que eu mais me identifiquei, sabe?

Júlia: Acho que não foi no clube, acho que foi indicação de alguém. Eu lhe diria, mas eu não

lembro do nome, eu sou muito ruim pelo nome do céu. A gente pode falar em linhas gerais, teve alguns livros que indicaram que eu nunca tinha lido e que eu achei. Eu me identifiquei muito porque as personagens eram negras e eu nunca tinha lido livros com personagens negras. Sempre são personagens brancas, né? E eu acho que para mim... Não sei se vai ter o mesmo impacto que para vocês, porque é muito difícil de encontrar livros que a personagem não seja, digamos assim, exagerada, né? Estereotipada. Aí teve alguns livros que eu não vou lembrar o nome agora. Não veem na cabeça o nome certinho, mas alguns livros que eu li que as personagens eram negras, mas não seguiam um estereótipo. De gente pobre, gente humilde, gente que faz isso e aquilo, mas pessoas que trabalhavam normal e que tinham força e vontade e que assim eu gostei muito porque mostrava que eu podia ir assim, tentar é mesmo com meus problemas, né? Com ansiedade, que eu tenho fazer as coisas e viver e pensar em relacionamento, porque né pra mim, hoje em dia é muito difícil a ansiedade me impede completamente. Mas assim, personagens fortes. Acho que em todos os livros têm personagens fortes que eu gosto muito porque me dão força para mostrar que eu posso conseguir. Eu posso lutar nesses momentos que a ansiedade ataca. Você precisa ler alguém que fale, “não, ok, está tudo ruim agora, mas as coisas vão melhorar e eu vou conseguir”. Eu só preciso de uns 5 minutinhos aqui no meu cantinho, mas eu vou conseguir. Eu vou em cima, porque não vai ser uma ansiedade, uma depressão ou perder o emprego, como tem muito nos livros, ou então namorado a trai ou isso e aquilo, ou então ela precisa mudar de cidade, que vai impedir ela de encontrar um novo caminho de ser feliz. Acho que no geral, todos são, assim, personagens muito fortes que eu gosto. Sejam brancas, negras, ruivas, mas personagens fortes que a gente se inspira e que a gente fala, nossa, eu vou conseguir ser essa pessoa aqui, ó.

Pesquisadora: 9. Você poderia descrever alguma situação relacionada a uma leitura do clube do livro ou do debate/encontro com outras integrantes que tenha feito você refletir sobre seu cotidiano?

Giovanna: Me emocionei na época, eu fiquei muito mal por ela, na época que teve muita chuva e ela perdeu tudo praticamente da casa dela. Foi naquele momento que eu vi que realmente muitas meninas, apesar de muitas também terem suas dificuldades, deram um jeito, arranjaram móveis, doaram livros, roupas e tudo mais. E aí a gente pensa que, apesar de tudo, porque a gente sente muito, consegue dividir. E eu vi o quanto ela foi acolhida, o quanto todo mundo ajudou muito ela e o quanto todo esse apoio faz uma diferença enorme quando você se vê diante de uma situação dessas. Eu não passei por isso, mas eu vi ali acompanhando tudo que ela estava

falando. Eu não falo muito, mas eu sempre estou acompanhando. E todo o apoio que ela recebeu e sempre todo mundo lembra dela, de levar alguma coisa e dividir com ela que está reconstruindo tudo de novo. As coisinhas dela. Isso tipo, mexeu muito comigo, porque eu falei assim, “poxa, a gente tem um pouquinho, a gente divide”. Até parece que multiplica as coisas quando a gente resolve ajudar alguém, a gente acha um monte de coisa que a gente nem lembrava mais que tinha que dar e para ajudar. E isso no grupo foi toda essa acolhida, toda essa discussão assim, sabe que todo mundo fala, apoia também. Teve outros casos de meninas que é relataram coisas que passaram em relacionamentos e que eu me identifiquei muito. Eu tive um relacionamento muito ruim no passado. E aí eu vi o quanto outras meninas deram apoio. A outra conseguiu sair [de um relacionamento abusivo], se levantou. Você vê que outras pessoas que passaram por isso também. E tu se sente mais acolhida e tudo mais. Tudo isso assim do grupo, acho que é a coisa que eu mais amo. Assim, no grupo, a Helena é tipo uma mãe, sabe? A gente chega, nunca nem viu ela. No primeiro momento, ela já te agarra assim, te dá um abraço de ursa e não te larga mais. Você se sente muito acolhida, né? Todo mundo, apesar da gente não ter essa intimidade, mas quando a gente está lá, a gente brinca, se diverte. E até esquece os problemas que a gente está vivendo, esquece as doenças, esquece tudo. Ali a gente relaxa, mesmo naquele calor que estava no último encontro, a gente se divertiu, todo mundo curtiu. E acho que isso num grupo é sempre muito maravilhoso.

Luísa: Já pegando um gancho da colega, o que eu lembro que foi bastante interessante e reflexivo foi o encontro da Luísa Aranha. As vantagens de ser traída foi um debate bem interessante, né? Com relação à parte da traição, porque realmente a gente acha que são histórias que acontecem com algumas pessoas, mas quando a gente vai conversar com um monte de mulherada, a gente percebe que para a maioria é um assunto comum e que a mulher às vezes esconde, né, com vergonha. A Luiza Aranha foi muito corajosa de criar uma história baseada na vida dela, né? E ela melhorou, ela cresceu. A história baseada na vida dela e a conversa que a gente teve lá foi na Saraiva foi muito, que eu me lembro, foi muito legal, muito reflexiva.

Júlia: Cara, pra mim, vai ter bastante coisas. Acho que a primeira foi logo que eu entrei, que foi quando meu relacionamento que eu estava indo bem pro fiasco em 2017. Só que eu não queria perceber e, através de um dos encontros que eu fui, logo no primeiro encontro, a gente conversando e falando sobre isso e alguém citou algum livro que a personagem era traída e quanto as pessoas aceitavam isso e tudo mais. Aí eu, “gente, mas é normal”. E todo mundo “não é normal”. Eu sei que, nessa conversa, falaram tanta coisa que eu fui para casa pensando sobre

isso, pensando bastante e refletindo o quanto eu aceitava muitas coisas nesse relacionamento. Eu lembro que quando a pessoa quis terminar comigo, eu lembrei muito das meninas falando para mim se eu me sentia bem, se eu me sentia respeitada, se eu não me sentia confortável. Que eu deixasse as pessoas irem e que eu me inspirasse nas pessoas dos livros. Foi uma das coisas que marcou bastante. Foi o momento que eu falei, “tá tudo bem, se você quer ir, você vai embora, não tem problema”. Eu lembro que me doeu muito, mas eu não fiquei triste como tantas outras vezes que tinha terminado e voltado, terminado e voltado, porque eu sentia que precisava ir, entendeu? E que eu não deveria só ler um livro e ficar, “mas deveria ser assim”, mas que eu deveria realmente assumir isso. Lembro que, no dia que eu terminei tudo, falei com a Helena, ela falou para ser essa pessoa que toma sua vida, que vai encarar, que você precisa se erguer e tudo mais. E eu lembro que isso ficou muito na minha cabeça. Assim, esse apoio de entender finalmente que eu precisava sair daquilo. Que não me fazia bem, porque todo mundo falava que não me fazia bem e quando eu me tornei a pessoa antes e a pessoa depois assim, tem muita diferença, muita diferença mesmo. Basicamente, essas coisas assim. Tem também a morte da minha avó, que a minha avó morreu e eu tive muito apoio. Eu ouvi muitas coisas, eu nem, eu não sou uma pessoa de falar, muitas coisas acontecem comigo, né? Eu tenho muita dificuldade. E eu lembro que eu tinha gente que nem me conheceu chegar comigo e falar olha, “fica bem a tua avó, está descansando, tu fez o que eu tinha que fazer. Tu não precisa ter culpa”. Porque eu sentia muita culpa. Ela foi muito cedo, sendo que ela já tinha 90 e poucos anos, então ela precisava descansar. Gente que eu nunca tinha falado do grupo, nunca nem tinha visto, mandou mensagem para mim. “Não, tudo vai ficar bem”. Eu fiquei assim, sabe, me sentindo muito querida, muito amada, mesmo por alguém que eu nunca tinha visto. Acho que foi isso que me marcou muito. Logo depois disso, teve um encontro pequeno e eu recebi muitos abraços, muito carinho e tudo mais. Eu senti um acolhimento muito grande. Eu me senti bem num nível que eu não sei descrever, essa foi essas coisas assim — e tem bem mais coisas —, mas eu não vou me estender muito, senão eu vou ficar falando aqui, gente.

Pesquisadora: A gente encerrou e eu gostaria muito de agradecer a vocês pela participação. Caso vocês sintam algum desconforto, principalmente de natureza emocional, pode estar entrando em contato comigo. Estou encerrando a entrevista coletiva.

Grupo: Dezembro/2020 — A promessa da rosa

Pesquisadora: Vamos iniciar então essa entrevista coletiva com o grupo referente à leitura de dezembro de 2020, onde foi lido A promessa da rosa. A Entrevista está começando. Para o primeiro bloco, a primeira pergunta que eu tenho para vocês é: **1. Como vocês conheceram o “Caboquinhos que Leem”?**

Maitê: Eu conheci o grupo em um encontro que eu fui. Eu acho que de romance de época que você [pesquisadora] fez. Eu não conhecia o grupo, né? Aí lá, que eu participei, você me chamou. Eu conheci você [pesquisadora] através da minha prima, que me indicou o blog [da pesquisadora]. Aí eu descobri que tu fazias encontro aqui. Aí tu fizeste esse de romance de época, que eu gostei bastante e fui participar. Lá, tinha a Helena e mais algumas caboquinhos bem fardadas! Todas fardadas. Achei tão bonito aquilo dali. Aí, com o tempo me perguntaram, né, se eu gostaria de participar deles. Aí eu disse com certeza, né! Algo que a gente não tem, infelizmente, na nossa cidade é grupo de leituras. Aí foi a partir desse momento que eu entrei no Caboquinhos, desde lá estou lá. Ah, esse ano [2023] que eu participei pela primeira vez de um encontro do Caboquinhos com as caboquinhos presencial.

Diana: Então, eu conheci as caboquinhos através da Joana, porque eu e a Joana participamos de um grupo de Cinquenta Tons de Cinza com algumas meninas na época do primeiro filme. Nós éramos muitas meninas, só que agora só ficaram 10 e até hoje a gente tá lá no perrengue. Mas a gente está junto, aí foi através dela e de outra amiga nossa [que conheceu o Caboquinhos], que é aqui de Manaus também. Só que ela não faz parte do grupo. E a gente foi conversando, falando mais sobre eleições, sobre os livros, sobre literatura. Só que a Joana falou: ah, eu tenho um grupo aqui em Manaus, se chama Caboquinhos que Leem. A gente se encontra. A gente conversa sobre livros, troca marcadores, divulga a literatura nacional, faz aquele bate-papo legal que a gente só encontra em outras cidades, em outros locais. Porque de fato é difícil, aqui em Manaus, ter um grupo assim com a gente no norte, principalmente, né? A gente vê que outros estados mais perto daqui não tem, por exemplo, Rio Branco, Roraima. Essas coisas assim não têm o que a gente tem. Aí foi através dela. Eu acho que foi em 2016 ou foi 2017? Nossa faz tempo já. Aí foi através dela que eu entrei no grupo e não saio mais, não tenho como. É como eu digo: o Caboquinhos é uma extensão da minha família, me ajudou muito, principalmente, um ano atrás. Então é basicamente muito mais do que um grupo de literatura, é uma família para mim.

Cecília: Então, eu conheci o Caboquinhas a partir da Adriana, mas, na verdade, foi em um evento. Eu acho que foi você [pesquisadora] e o Rômulo que fizeram. Foi na Livraria Leitura e eu conheci a Adriana lá nesse evento. E aí a Adriana me falou do grupo, falou da Helena e tal. Ainda estava bem no começo, eu acho, porque foi antes de 2017, porque eu lembro que em 2018. Eu acho que foi em 2017. Em 2018, a gente foi pra bienal, eu e Adriana. E a gente já foi fardadinha junto com a Helena. Então eu acho que foi antes, no começo de 2017. Eu não lembro exatamente, mas eu lembro disso, que foi um evento na Leitura. Eu conheci Adriana e a partir da Adriana eu conheci o Caboquinhas.

Pesquisadora: 2. O “Caboquinhas que Leem” significa o quê para vocês?

Maitê: Para mim é de uma grande importância, como a Diana mesmo falou não ficou só um grupo de leituras. Eu tive um momento muito difícil, passei mesmo um perrengue muito grande na pandemia. Quando eu perdi 2 familiares, assim, em 15 dias. Então, eu estava muito ruim e ter o grupo das caboquinhas foi de uma grande ajuda, porque é que nem a Diana falou, não é só leitura. Muitas vezes a gente desabafa sobre problemas que a gente está passando, então para mim é muito importante ter além da leitura, que é algo que nos uniu. Vamos dizer que foi a leitura e que a gente quase não encontra [fora do grupo] — eu mesma, na minha família, não tenho com quem conversar. Eu tentei até com uma prima minha mais nova, dei um livro para ela. Eu lembro que eu dei os dois da Poliana, mas ela nunca nem leu. Aí eu disse, aí complica, a gente não tem nem com quem conversar. Então é, pra mim, tem essa grande importância, né! O grupo porque é uma união de mulheres, até digo, fica bonito, que são várias mulheres. Além de falar sobre livros, a gente pode falar sobre nossos problemas que uma está lá para apoiar a outra. Então, para mim, eu tenho uma gratidão muito grande pelo grupo por causa disso que, assim, num momento muito difícil da minha vida, foram as meninas, inclusive você [pesquisadora], né, que me ajudaram muito. Então, pra mim é de grande importância o grupo das caboquinhas.

Diana: Só para complementar, porque o Caboquinhas, além do grupo de literatura realmente, como eu falei, é uma família. Lá a gente tem mulheres de várias faixas etária — dos 16 até os 40/50 anos —, classe social, tem professoras, tem diaristas, tem de fato várias psicólogas. Tem várias, várias mulheres de vários campos que estão lá, todas juntas, independente do que seja, né? A gente conversa sobre nossa família, nossos problemas, como a Maitê mesmo falou. A gente tem aquela base. Aquela confiança, que pode não ser só no grupo todo, mas tem umas

duas ou três meninas que a gente tem mais afinidade. A gente vai lá e conversa no privado, a gente desabafa, pede conselhos. É basicamente como falei, é uma família. E é muito mais do que isso, porque ela é uma base que a gente não tem de fato na nossa casa, a gente se encontra nisso. Na nossa casa, a gente tem aquelas pessoas que vão nos aconselhar, nos ajudar, só que elas estão por dentro e as caboquinhas não. Elas estão do lado de fora, elas têm uma visão ampla, então elas vão nos ajudar a ver, a refletir sobre os nossos atos, nossas consequências e todas as nossas escolhas. É assim, num campo mais abrangente, vai ajudar a gente a muito mais do que a literatura. É isso que eu penso, tipo assim, a gente se ajuda independente de qualquer coisa, a gente tá lá, qualquer uma vai lá e pede qualquer coisa. A gente vai lá, se disponibiliza ajudar, independente do que seja. Então, pra mim, eu acho que é isso que torna as caboquinhas o que são: a confiança como elo, a ligação. Porque a literatura nos ajudou. Mas não foi só ela, então nós nos, como é que posso dizer, esforçamos para ser mais do que um grupo só de literatura, porque nós somos amigas. É, digamos assim, nós somos amigas, somos uma família. Eu acho que é isso que o caboquinhas se transformou com o decorrer do tempo. Um grupo de literatura, mas quem é mais isso. Uma família.

Cecília: Eu não tenho essa experiência do nível de problema que elas passaram, mas eu acho que a palavra que Diana procura é “rede de apoio” dentro do Caboquinhas. A gente tem essa rede de apoio, onde a gente pode. E qualquer problema que a gente esteja passando sempre a gente, como ela falou, mesmo que não seja no grupo geral, a gente teve a partir do grupo acesso a pessoas que provavelmente a gente não conheceria em outros ambientes e ali a gente consegue ter um grupo de apoio, uma rede de apoio. É o que eu acho muito importante que, como eu falei, eu não tive algumas experiências que outras meninas tiveram, que eu vejo muito que falam no grupo. Eu acho isso incrível, porque a gente consegue, né? Dar, estender a mão para as outras, umas para as outras. Empreender umas com as outras e, como a Diana falou, são mulheres de todos os níveis sociais, de todos os níveis de, digamos assim, escolaridade, e a gente consegue funcionar como grupo heterogêneo. Conseguir ser, como ela falou, uma família, que provavelmente não teríamos acesso em outros ambientes.

Pesquisadora: 3. Dentre as obras lidas no clube do livro, qual foi a mais estimulante para a sua presença no “Caboquinhas que Leem”?

Cecília: Eu acho que do clube para mim é A promessa da rosa, que eu gosto muito da Babi [autora]. Esse é um livro antigo dela, que já tinha sido publicado antes e que eu não tinha lido

ainda. Eu comecei a acompanhar, já li outros livros, né? E esse ainda não tinha lido. Então, do que me marcou, mesmo que eu consigo lembrar tanto da discussão, foi esse. E também o do Conde, o Conde que me amou, porque toca em assuntos muito pertinentes no nosso ambiente feminino, né? Então, esses 2 livros, para mim, marcaram bastante.

Maitê: Oi, eu só participei d'A promessa da rosa. Eu não participei de outros não.

Diana: Que eu lembro tem dois, porque faz tempo. De fato, agora depois de 1 ano e meio, praticamente, eu voltei à literatura. Eu tirei um ano sabático, digamos assim, porque eu não conseguia. Para quem lia 15/20 livros no mês, eu estou conseguindo ler 3 no máximo, mas estou voltando aos poucos à literatura e aos livros. Ainda não é fácil, não é fácil. Quem me apresentou esse amor aos livros, foi a minha mãe [que faleceu em 2022]. O que eu lembro foi Fé no amor, da Andrezza Mota, porque falou sobre catolicismo, sobre fé, sobre repensar seus atos e as consequências deles. Mostrou também uma forma de encontrar a nós mesmos, né? Eu não lembro exatamente o nome da protagonista, mas uma coisa que me marcou foi sobre a protagonista se encontrar após ter passado por coisas difíceis na vida dela. Então, foi isso [fé] que ajudou a ela a se reerguer. Para mim, hoje mais do que nunca, esse foi um dos livros que mais me marcou. Fala sobre perdão, sobre se reencontrar, sobre amor também. Sobre a gente aceitar, né, que nem todo mundo é igual. Todo mundo vai pensar de uma forma diferente, vai agir diferente e a gente tem que aprender a aceitar isso. Aceitar não. A gente pode não aceitar, não entender, mas a gente tem que respeitar o próximo. Então, esse foi um dos livros que eu imagino que me marcou. Além d'O lado bom de ser traída, né? Não tem nem comparação, né? Livro maravilhoso. E aquele também da Luíza Aranha. Como é?

Cecília: As vantagens de ser traída.

Diana: Isso mesmo! Não tem condição, né? Lindo, não tem nem comparação. A gente não sabe nem o que explicar depois de um livro tão maravilhoso desse, baseado em história real. Em realidade, entendeu? Então, para mim, esses 2 foram que foi um dos que mais de fato eu lembro. O tipo de literatura que eu gosto é mais pesado, digamos assim, mais hot, mais fantasia também. Vai do meu humor. Então, foi um dos poucos que me motivou, que me cativou e me fez buscar mais a minha fé. E foi quando eu mais precisei que eu soube que sem fé a gente não é nada. E foi por esse livro, que eu li um pouco antes do que aconteceu com a minha mãe, que eu fiquei pensando “meu Deus, eu não posso cair, então só me sustente pelo amor de Deus”. Então, eu

lembrei disso, sempre associei isso a um dos livros que me marcou, então para mim esse foi um para mim que, nossa, eu vou levar pra vida.

Pesquisadora: 4. Em dezembro de 2020, foi proposta a leitura de *A promessa da rosa pelo clube do livro “Caboquinhas que Leem”*. O que vocês poderiam dizer sobre o enredo deste livro?

Cecília: Como eu falei... Posso começar?

Pesquisadora: Pode, claro.

Cecília: Para mim, foi importante porque é muito do que a gente luta hoje em dia, né? Pelos direitos das mulheres. Então a gente tem uma protagonista, que em algum momento da história, ela passa por um questionamento da sociedade [do século XIX] por causa de algumas atitudes que ela tem que hoje em dia são mais naturais. Na época dela não seriam. E a maneira como ela conseguiu vencer isso naquela época, no caso, na história, mesmo não sendo real, é muito importante. Isso é uma coisa que me chama muita atenção.

Maitê: O que eu lembro muito bem é que eu senti raiva dela [protagonista] ter perdoado o cara [par romântico]. Porque, como a Cecília falou, ela estava lutando por algo que era dela. Ela não cometeu nenhum crime, mas foi condenada a pagar por algo que ela nunca fez. É aquilo que a gente mais tem raiva. Vamos combinar que hoje em dia é isso também. Infelizmente, nós mulheres, mesmo com a evolução que tivemos na sociedade, ainda somos condenadas por certos atos — que até mesmo se eles [homens] fizerem, é de boa. Então, se algo tem que me marcou muito, foi isso. Eu até comentei, mas não quando estava com a autora, né! Eu disse pra minha irmã e comentei assim no grupo que, se *A promessa da rosa* tivesse sido o primeiro livro que eu lesse da Babi, era o último. A sorte foi que eu li o primeiro, o *Lágrimas de amor e café*, esse livro eu gostei muito. Infelizmente é o que me marcou muito, foi isso. Eu entendo que é um romance, que é algo assim pra ser bonito. Mas não dá, eu sou muito contra essa *passação de pano* que a gente tem até mesmo nos romances. Principalmente com um cara que faz o que faz com a moça e assim fica. Mano, pelo menos mais um tempo aí para ele realmente sofrer, porque tu não *sofreu*. Ele não sofreu nada, então dá para fazer ele sofrer mais.

Cecília: Eu lembro que eu comentei com a Adriana que, quando a gente leu esse livro, ela tinha

feito uma nova edição. Ela adicionou algumas coisas, um texto e colocou um capítulo no ponto de vista do personagem masculino. E eu até comentei com a Adriana que, se não tivesse aquele capítulo, eu teria odiado. Depois daquele capítulo, a gente entende mais ou menos, mas se não tivesse aquilo, nossa, para mim, ia ser como a Maitê falou: o pior livro. Muito, muito, muito ruim mesmo. Não de escrita e tal, mas dos acontecimentos da história.

Diana: Acho que eu não li esse livro, porque eu lembro que devo ter participado do grupo. Entrado no grupo específico desse clube, mas não recordo da história.

Cecília: Esse aí foi um dos primeiros que ela fez, então... Todo mundo amadurece, né? A gente aprende, então vamos aceitar que foi isso. Ela melhorou um pouquinho, mas ainda assim, enfim, é verdade.

Pesquisadora: Eu acho que a gente já respondeu as demais perguntas desse bloco, que eram as seguintes: **5. O que mais se destacou nessa estória para vocês durante a leitura? 6. O que vocês acharam da trajetória construída para a protagonista? Vocês conseguiram ver algum paralelo com as suas próprias realidades ou de outras mulheres com quem convivem?**

Maitê: É sobre essa *passação de pano*, é o que mais tem igual. Infelizmente, mano, a gente vê até na vida real. Eu já vi, entendeu? A gente está vendo lá o erro acontecendo e tudo, mas não. Ele fez por isso, ele fez por aquilo, ele não vai mais fazer.

Cecília: Duas coisas aí, né? A parte da sociedade. Como um geral das atitudes de um homem e da atitude de uma mulher. E, no caso do relacionamento em si, né? Como a Maitê tá falando, a gente que é mulher é criada de uma maneira que, infelizmente, vai aceitar essas coisas. Dentro da sociedade em si, a gente cresce vendo muita coisa, assim como nos filmes nos contos de fadas, então a gente quebrar esse ciclo, hein! Ainda é difícil, né? Ainda é difícil, então.

Pesquisadora: Iniciando o último bloco com a seguinte pergunta: **7. Qual a obra lida no clube do livro Caboquinhas que Leem mais diz sobre vocês quanto mulheres na Amazônia?**

Diana: Sim, como eu falei, os únicos que me marcaram foi o Fé no amor e aquele da Luísa Aranha [As vantagens de ser traída], que ela disse que foi baseado na história dela, né, digamos

assim. Da forma como aconteceu. Como muita mulher ainda aceita. Querendo ou não é uma coisa que acontece diariamente. Gente, a traição é uma escolha. Porque você, independente do que for, está com a pessoa e você escolhe estar com ela. Daí essa pessoa vai e trai? Eu acho que isso é uma forma de desigualdade que eu vejo diariamente aqui, não só aqui, mas na sociedade. Assim, no geral, mostra a forma como ainda persiste essa coisa de tipo, o cara pode trair, pode fazer o que for, mas ele sempre vai ter a palavra final. Ele vai ser sempre o certo. Ele não vai aceitar que a mulher dê a volta por cima, que ela procure o melhor para ela. Então, eu acho que é isso que a gente vê ainda hoje. Tipo, eu conheço pessoas que passaram por isso e algumas voltaram com a pessoa e outras não. Com as protagonistas dos livros, elas nos deram voz para dizer “eu não vou sofrer por essa pessoa que causou isso a mim.” Elas procuraram voltar a estudar depois de um relacionamento tóxico, onde o cara fez o que fez. Acho que isso foi algo que eu achei bonito nela [Madalena]. Ela sofreu que só, só que ela foi lá, buscou o que era dela depois dessa traição. Para mim, ela inspirou quando voltou a estudar, se tornou uma ótima professora, conseguiu um trabalho. Eu acho que foi bonito, porque o livro traz a realidade do cotidiano. Não é só fantasia, porque, querendo ou não, o livro traz uma inspiração de uma coisa real.

Maitê: Normal pro lado deles, né? A gente nem está citando [mulheres que traem], porque se for uma mulher cometer isso, fizer e o cara souber, não só ele, mas todo mundo, “meu Deus do Céu, essa aí não presta”. Apedrejada.

Diana: Infelizmente, quando a mulher vive desse envolvimento. Ela sai errada, né? Como ela age como o cara e sai como errada da história?

Maitê: Exatamente.

Maitê: A minha avó, ela não está mais viva, mas é uma coisa que eu sempre achei muito interessante nela. Meu avô era aquele homem antigo, opressor, né? E aí eu digo que ela serviu de exemplo muito até para a gente, porque ela dizia sempre para ele “um dia, meus filhos crescem”. Naquele tempo, imagina, né, você largar um homem? Se hoje em dia, você não deixa um homem. Se tu pedir o divórcio, tem gente dizendo que não é mulher boa, porque deve ter feito alguma coisa de errado. Então, quando os filhos dela, vamos dizer, cresceram, ela largou e veio embora para cá, para Manaus. Ela veio para Manaus e viveu a vida dela assim, batalhando por ela mesma. Ainda criou outros filhos, com a ajuda dos filhos mais velhos. A filha mais nova

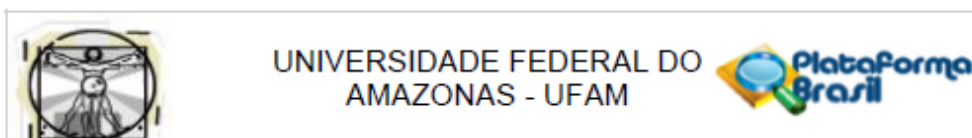
já foi criada de um outro modo. Então eu digo bem assim, “olha aí, uma mulher que tinha que ter uma vida submissa, e ela disse 'um dia meus filhos crescem e eu posso tomar a rédea da minha vida' e ela tomou”. Vamos dizer que naquele tempo, que nem o tempo do livro *A promessa da rosa*. Deus me livre e guarde uma mulher largar o marido, e olha que já era anos 90. Ela largou meu avô, mas ainda assim tiveram pessoas que ainda diziam assim, “mas aonde que tu vai sem levar teu marido?”. Como que isso pode, mana? Ela soube o sofrimento que ela passava com ele e que viver só era muito melhor. Ela fez isso e viveu até 2002.

Pesquisadora: 8. Vocês acreditam que tanto a leitura de “*A promessa da rosa*” quanto a leitura de outros livros do clube do livro “*Caboquinhos que Leem*” afetaram a vida de vocês, as decisões ou posicionamentos acerca de certos assuntos e temas?

Cecília: Sim, com certeza. Nessa questão de não aceitar como certo as coisas. Assim como na família da Maitê, a minha experiência familiar tem essa questão também. Só que diferente da família dela, da avó dela, a minha avó não deixou o meu avô. Então, até ano passado, que foi quando ele faleceu, eles ainda estavam juntos. Depois de muito velho e, ser completamente dependente dela, somente assim ele assumir alguma coisa. De que ele errou, de tentar pedir perdão dela e dos filhos também, porque ele era violento. A minha avó vive até hoje com traumas desse relacionamento. Infelizmente, ele era violento com os filhos e com ela. Então hoje ela tem medo de tudo. Ela se assusta com tudo e a gente percebe. Conversando com ela, ela não aceita mesmo depois que ele faleceu. Mas a gente percebe, eu, minha irmã, minha tia, que é a filha dela. Então, diferente da família da Maitê, a minha família não teve isso. Essa minha avó não conseguiu quebrar esse ciclo. Os livros refletem a realidade e fazem com que a gente passe a pensar de maneira diferente. Não somente com os exemplos da vida, que a gente cresce e vê que a gente não quer isso pra gente. Ele [o livro] vem e colabora com o que a gente tem. A gente pode ter escolha. A gente pode conseguir, mesmo com muita dificuldade, quebrar o ciclo e tomar escolhas diferentes e conseguir uma vida nova.

Pesquisadora: Sou muito grata por vocês hoje e eu vou encerrar então a nossa entrevista. Qualquer coisa que vocês precisem ou que futuramente vocês venham a sentir. Algum desconforto, principalmente emocional. Podemos estar entrando em contato com o departamento de Psicologia Aplicada da UFAM.

APÊNDICE G — PROTOCOLO DE APROVAÇÃO DO CONSELHO DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O HÁBITO DA LEITURA COMO NARRATIVA EMANCIPATÓRIA PARA MULHERES NA REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS

Pesquisador: MAYARA MOTA TASHIRO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 77555524.0.0000.5020

Instituição Proponente: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.732.507

Apresentação do Projeto:

Resumo:

A partir das interações sociais desenvolvidas no âmbito das ações do clube do livro Caboquinhas que Leem, um clube de leitura exclusivo para mulheres sediado na cidade de Manaus e formado organicamente através das mídias sociais, de indicação por conhecidas ou contato em encontros literários, esta pesquisa debruça-se em analisar os impactos do hábito da leitura na vida de mulheres amazonenses a partir de sua sociabilidade no

clube do livro Caboquinhas que Leem. Para tal, opta-se por uma metodologia que englobe o teor da investigação com vistas à abordagem dos hábitos de leitura nas dinâmicas sociais de um grupo de mulheres, que por sua vez desenvolvem sociabilidades a partir de um clube do livro. Sendo assim, esta pesquisa se caracteriza como exploratória, usando-se do método fenomenológico e abordagem qualitativa para obtenção de seus resultados. Por sua vez, a coleta de dados se dará em três etapas: a primeira etapa se refere a caracterização da população estudada através da aplicação online de questionário, sendo o objeto da pesquisa integrado por 55 participantes; a segunda etapa, no que lhe diz respeito, intui-se de selecionar uma amostra da população que tenha participado de leituras específicas para participar da última etapa da coleta de dados; e, na última etapa, serão realizadas virtualmente entrevistas coletivas com grupos de 3 participantes, totalizando 9 sujeitos da pesquisa, visando

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

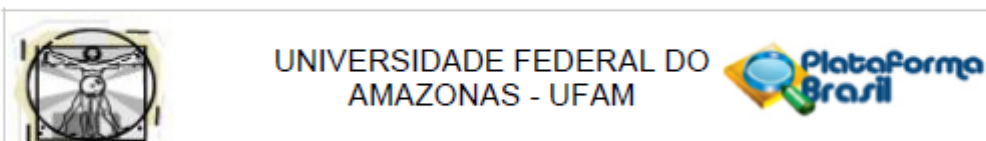
UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.732.507

reconstituir três leituras e encontros do clube do livro Caboquinhas que Leem. Em seguida, os dados serão tratados, categorizados e analisados utilizando-se da técnica de análise do discurso. Por fim, o resultado obtido passará por análise inferencial quanto a hipótese inicial e os objetivos da pesquisa.

Hipótese:

As sociabilidades experimentadas pelas integrantes do clube do livro "Caboquinhas que Leem" nas atividades do grupo contribuem, direta ou indiretamente, para a emancipação por meio do hábito da leitura, em cujas narrativas existe o elo, portanto, entre os impactos da leitura e a vida cotidiana dessas mulheres amazonenses, em suas mais variadas práticas sociais.

Metodologia Proposta:

A proposta inicial da pesquisa surgiu com a intenção de manter um caráter exploratório em relação àquilo que compõe o desenho metodológico. O cunho exploratório vai de encontro à conceituação de Zanella (2013, p. 33), para quem uma pesquisa cujos objetivos tipificam-se como exploratórios tem a finalidade de ampliar o conhecimento a respeito de um determinado fenômeno, que, nessa pesquisa, traça como parâmetro ampliar a compreensão dos impactos do hábito da leitura na vida de mulheres amazonenses a partir de sua sociabilidade no clube do livro Caboquinhas que Leem. O Caboquinhas que Leem surgiu através das redes sociais, em específico o Facebook, sem qualquer vínculo com ONGs, institutos ou instituições e, assim, permanece até a presente data. Ele é composto por mulheres amazonenses que leem romances e que foram convidadas a participar por outras integrantes através das redes sociais e em eventos literários ocorridos na cidade Manaus. Com sua formação e constituição informal, o Caboquinhas que Leem tem como principal objetivo a leitura, incentivando suas integrantes a lerem, e não oferta a execução de nenhum outro serviço. Atualmente, o grupo no aplicativo de mensagens eletrônicas WhatsApp, principal canal de comunicação, comporta 55 integrantes mulheres amazonenses, que se apresentam como população estudada nesta pesquisa. O universo da investigação compreenderá de modo restrito o clube do livro Caboquinhas que Leem, no interior do qual se priorizará como objetos de estudo as leituras e sociabilidades do grupo considerando o recorte temporal dos encontros realizados nos últimos 3 meses de atividades do clube, no período que engloba as últimas três leituras (setembro de 2019, novembro de 2019 e dezembro de 2020).

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

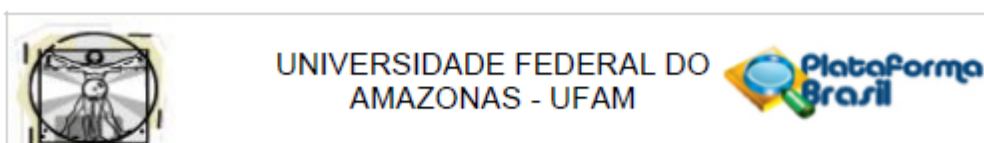
UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.732.507

Serão consideradas como população estudada um total de 55 (cinquenta e cinco) integrantes do clube do livro Caboquinhos que Leem. A validade de uma aproximação dessas mulheres se justifica com base na hipótese. Considera-se pertinente dividir a coleta de dados em três etapas: 1ª etapa coleta de dados com o uso de questionário, instrumento este aplicado por meio virtual via Formulário Google (<https://forms.gle/KdTkSkS5c1aUYAz87>), para caracterização do perfil da população estudada; 2ª etapa definição da amostra populacional que participará da última etapa da coleta de dados a partir do questionário da primeira etapa versus a temporalidade citada; 3ª etapa aplicação de entrevistas coletivas à população da amostra, os sujeitos da pesquisa, com roteiro pré-determinado, via Google Meet. Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, torna-se imprescindível estabelecer os aspectos éticos por respeito a dignidade, liberdade e a autonomia humana e a proteção das participantes de pesquisas que serão seguidos conforme a Resolução CNS nº 466/2012 e a Resolução CNS nº 510/2016. O TCLE será apresentado ainda na 1ª etapa de coleta de dados, como a primeira página do questionário virtual, onde será apresentada a pesquisa, os riscos, benefícios e os direitos dos participantes de pesquisa. No cenário que se constrói, compreende-se que o uso da fenomenologia como método consegue direcionar a pesquisa para um caminho bastante sólido. Isto porque, de acordo com Silva (2005), o uso do método fenomenológico visa à elucidação de dinâmicas na vida de indivíduos isolados de um grupo social ou em um grupo social com uma temporalidade bastante clara. Será priorizada uma abordagem qualitativa, tendo em vista o intuito de desvelar os aspectos das relações do fenômeno por meio da qualificação de inferências. Além disso, a qualidade em uma pesquisa revela bastante a respeito do próprio fenômeno, em detalhes, pois evolui na flexibilidade das interpretações. Essa abordagem, sobretudo, possibilita trabalhar com amostragens menores, o que se apresenta pertinente para o universo dessa pesquisa na investigação de seus sujeitos.

Metodologia de Análise de Dados:

De modo sistemático, os dados serão descritos em primeiro lugar sem quaisquer ordenações categoriais. Será dada prioridade a uma organização básica em planilhas, cujas respostas serão extraídas dos formulários respondidos nas entrevistas coletivas. Quanto todas as respostas tiverem sido tabuladas, haverá uma comparação simples para se identificar conjuntos esquemáticos de similaridades $\hat{\gamma}$ ou a falta delas $\hat{\gamma}$ para agrupamento das respostas por ordenação categorial. Todavia, a veracidade e confiabilidade das respostas

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Telefone: (92)3305-1181

Município: MANAUS

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAZONAS - UFAM



Continuação do Parecer: 6.732.507

coletadas como dados serão garantia das próprias respondentes, que se comprometerão pela boa-fé em sua interação nas entrevistas coletivas. Assim, nessa altura da execução da pesquisa, serão considerados verídicos e confiáveis todos os dados coletados mediante anuência das participantes e assinatura do documento do TCLE, registrados no instrumento elaborado na fase anterior. Posteriormente, a análise passará a considerar parte das estruturas propostas por Bardin (2011), principalmente no que compete à formulação de conjuntos categoriais, ao estabelecimento de polos de análise, e à trajetória de interpretação dos resultados gerados. Na parte da formulação de conjuntos categoriais, os dados serão distribuídos em valores (ou eixos-chave), que terão a funcionalidade de sistematizar as respostas. Esses valores por certo apenas poderão ser consolidados após terminada a coleta dos dados, mas, para ensaio desta técnica de análise, prospecta-se que podem surgir como valores sociais (exemplo: amizades, amores, parentesco), valores

práticos (exemplo: trabalho, ocupação, rotina), valores cognitivos (exemplo: conhecimento, formação), dentre outros tipos que se apresentarem pertinentes para conhecer mais a fundo os sujeitos da pesquisa, e que possam computar eixos-chave que auxiliem na análise dos dados. Por conseguinte, será possível estabelecer alguns polos de análise que permitirão uma ordenação mais sofisticada dos dados para prepará-los às inferências. Trata-se de uma espécie de reorganização dos dados previamente ordenados, de modo a criar frentes de análise. Em outras palavras, refere-se neste contexto ao processo de comunicação envolvido nas respostas dos sujeitos da pesquisa. Isto implica nominar tais polos de análise pelo processo como um todo, considerando, por exemplo, os emissores, os receptores e a própria mensagem, mas, acima de tudo, os códigos e a significação oriundos das mensagens registradas nas respostas organizadas dos sujeitos. Ao fim desta etapa se executará, formalmente, a interpretação dos resultados com o direcionamento dos objetivos específicos e as questões norteadoras da pesquisa. Pragmaticamente, tais interpretações recaem em um processo de indução, no qual o pesquisador, munido do arsenal teórico do marco referencial e alinhado aos direcionamentos da pesquisa, passa a tecer conclusões sobre o processo de investigação. Essas conclusões podem ser livres (dependendo da flexibilidade com que se deseja encarar as respostas), mas geralmente se restringem às questões norteadoras, que perpassam os objetivos geral e específicos da investigação, fragmentados ao longo do desenho metodológico para execução da pesquisa.

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

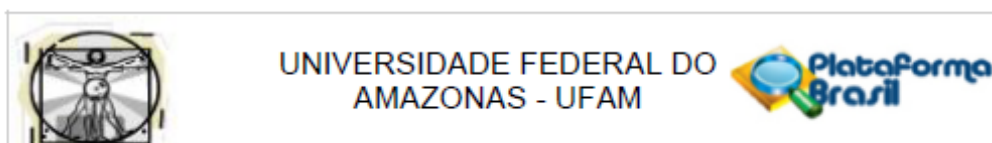
UF: AM

Telefone: (92)3305-1181

Município: MANAUS

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.732.507

Critério de Inclusão:

Serem integrantes o grupo Caboquinhas que Leem.

Critério de Exclusão:

Não terem participado das leituras propostas pelo clube do livro "Caboquinhas que Leem" entre setembro de 2019 e dezembro de 2020.

Tamanho da Amostra no Brasil: 55 participantes;

O Cronograma de Execução está detalhado e prevê a etapa de Aplicação de questionário entre 18/05/2024 e 19/05/2024.

O Orçamento Financeiro está detalhado e prevê um custo de R\$ 450,00 e é indicado Financiamento Próprio.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar os impactos do hábito da leitura na vida de mulheres amazonenses a partir de sua sociabilidade no clube do livro "Caboquinhas que Leem".

Objetivo Secundário:

1. Explorar as principais temáticas abordadas nas leituras realizadas pelo clube do livro "Caboquinhas que Leem" mediante relato das participantes; 2. Delinear o papel que a sociabilidade do clube do livro "Caboquinhas que Leem" exerce na lógica cultural de suas

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

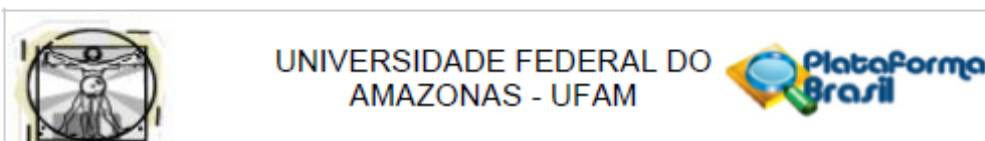
CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.732.507

integrantes em vista dos temas debatidos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com a pesquisadora responsável:

Riscos:

Devido ao proposto para a coleta de dados, onde se dará o entremeio da pesquisa com seres humanos, é preciso destacar que existem riscos aos participantes de origem psicológica e/ou emocional (angústia, estresse, invasão de privacidade), e também quanto a exposição de dados que podem resultar na identificação da identidade. Para minimizar estes riscos propõe-se uma abordagem humanizada, optando-se pela escuta atenta, pelo acolhimento da participante e pela oferta de atendimento psicológico, sendo a obtenção de informações restrita no que diz respeito àquelas necessárias para a pesquisa. Garante-se também a não identificação no banco de dados, a fim de garantir o seu anonimato, assim como o uso de pseudônimos ao citar a participante da pesquisa no texto final da dissertação. Apenas a pesquisadora responsável será detentora dos dados e terá acesso a eles, que após coletados serão excluídos de nuvens eletrônicas/ambientes virtuais e mantidos em um dispositivo local, para assim assegurar a não-identificação das participantes da pesquisa.

Benefícios:

Espera-se como benefício a visibilidade para o grupo "Caboquinhos que Leem" e suas práticas; desenvolvimento de metodologias; conhecimento da realidade local para desenvolvimento de ações e políticas públicas; repensar de práticas pedagógicas; desenvolvimento de estratégias voltadas para o público adulto no âmbito cultural; desenvolvimento de material para a população acerca da importância da leitura para conscientização social.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de protocolo de segunda versão do projeto *“O HÁBITO DA LEITURA COMO NARRATIVA EMANCIPATÓRIA PARA MULHERES NA REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS”*, em resposta ao parecer número 6.662.448;

Pesquisador Responsável:

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

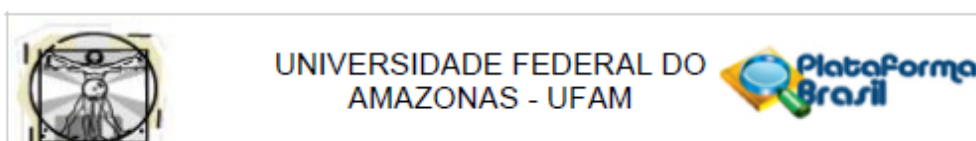
UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.732.507

MAYARA MOTA TASHIRO

Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Amazonas (2018), Organizadora do Clube do Livro Manaus projeto de conscientização social sem fins lucrativos em parceria com diversos grupos editoriais e mestranda no Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM). Atua nas áreas de Gênero, Incentivo à leitura para mulheres, Marketing, Comunicação e Empreendedorismo em Mídias Sociais e Semiótica de capas de livros (Fonte: Plataforma Lattes);

Equipe de pesquisa. Estão indicados no PB:

Marilene Corrêa da Silva Freitas

Natureza do projeto:

Grandes Áreas do Conhecimento (CNPq)

Grande Área 7. Ciências Humanas

Ciências Sociais;

O protocolo trata de projeto que deve atender além da Res. 466/2012-CNS, Resolução nº 510/2016 - Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, NORMA OPERACIONAL Nº 001/2013 (CNS) & Carta Circular nº 1/2021-CONEP/SECNS/MS.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

FOLHA DE ROSTO: ADEQUADA. Apresentada no arquivo FolhaDeRostoAlterada.pdf, 21/03/2024 21:55:54, com a assinatura do pesquisador e do Prof. Dr. Caio Augusto Teixeira Souto, como instituição proponente;

TERMO DE ANUÊNCIA: ADEQUADO. Apresentado no arquivo TermoDeAnuencia.pdf 04/01/2024 01:35:2;

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: ADEQUADO. Apresentado como anexo no arquivo QuestionarioPopulacao1Etapa.pdf, 04/01/2024 01:36:12;

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

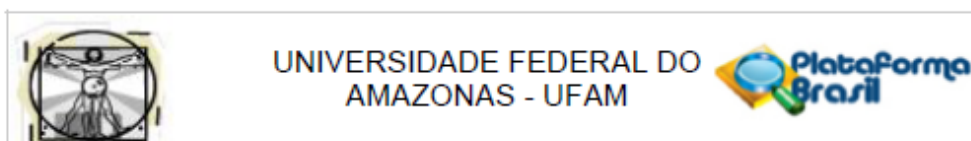
UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.732.507

TCLE: ADEQUADO. Apresentado no arquivo TCLEVirtualPrevialterado.pdf, 21/03/2024 21:57:08.

Recomendações:

É necessário que o pesquisador responsável envie por Notificação, através da Plataforma Brasil, os relatórios parciais e final, conforme item XI.d. da Res 466/2012-CNS.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram encontrados óbices éticos.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2259065.pdf	21/03/2024 22:00:40		Aceito
Outros	CartaRespostaCEP.pdf	21/03/2024 21:59:50	MAYARA MOTA TASHIRO	Aceito
Outros	ConviteIndividualParaParticiparDaPesquisa.pdf	21/03/2024 21:59:25	MAYARA MOTA TASHIRO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoMayaraTashiroPlataformaBrasilAlterado.pdf	21/03/2024 21:58:20	MAYARA MOTA TASHIRO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaoDeCompromissoDaPesquisadora.pdf	21/03/2024 21:57:24	MAYARA MOTA TASHIRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEVirtualPrevialterado.pdf	21/03/2024 21:57:08	MAYARA MOTA TASHIRO	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRostoAlterada.pdf	21/03/2024 21:55:54	MAYARA MOTA TASHIRO	Aceito
Outros	RoteiroDeEntrevistaColetiva3Etapa.pdf	04/01/2024 01:37:35	MAYARA MOTA TASHIRO	Aceito
Outros	QuestionarioPopulacao1Etapa.pdf	04/01/2024 01:36:12	MAYARA MOTA TASHIRO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

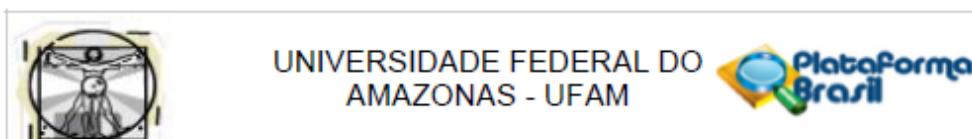
CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.732.507

Não

MANAUS, 29 de Março de 2024

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com